The background of the book cover is a repeating pattern of small, purple-toned illustrations. These illustrations depict various figures in historical or classical attire, engaged in different activities, interspersed with floral and leaf motifs. The pattern is dense and covers the entire surface of the book's endpaper.

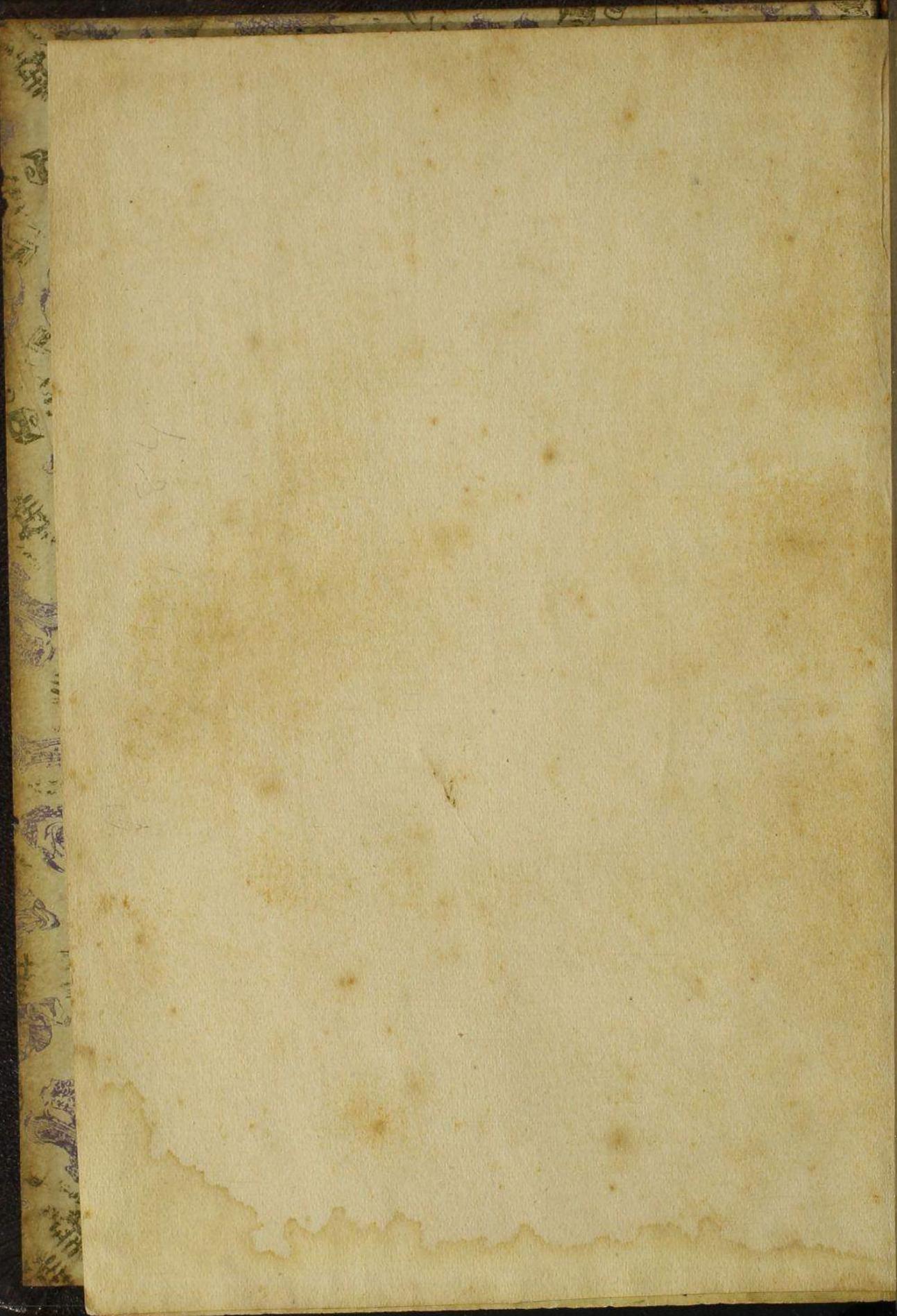
Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





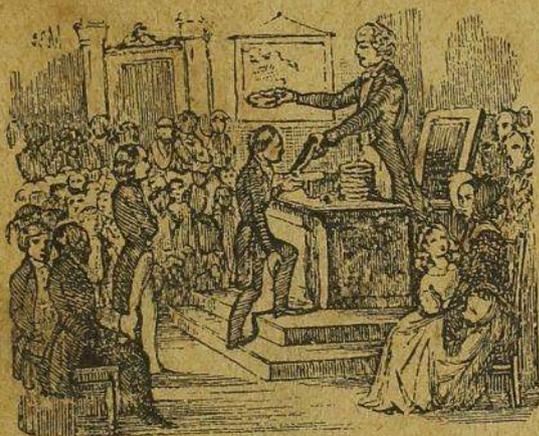
128

METHODO FACILLIMO
PARA
APRENDER A LER
TANTO
A LETRA REDONDA
COMO
A MANUSCRIPTA

NO MAIS CURTO ESPAÇO DE TEMPO POSSIVEL

POR
EMILIO ACHILLES MONTEVERDE

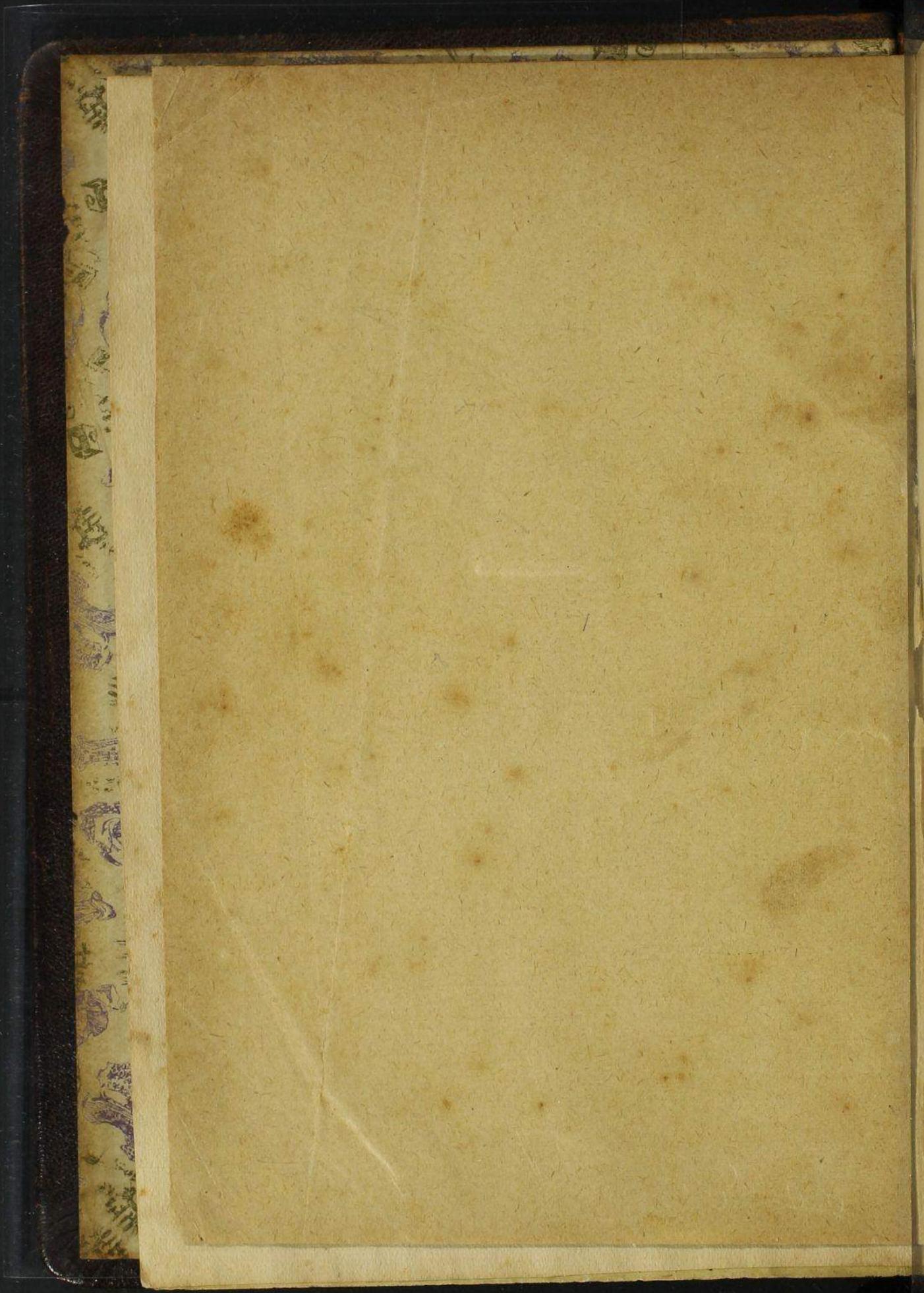
DECIMA SEXTA EDIÇÃO
APPROVADA PELO
CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PUBLICA



Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160

LISBOA



METHODO FACILLIMO PARA APRENDER A LER

ESTE LIVRO É
DA BIBLIOTHECA
DE AUGUSTO
BAILLOT. —
SÃO PAULO



METHODO FACILLIMO
PARA
APRENDER A LER
TANTO
A LETRA REDONDA
COMO
A MANUSCRIPTA

NO MAIS CURTO ESPAÇO DE TEMPO POSSIVEL

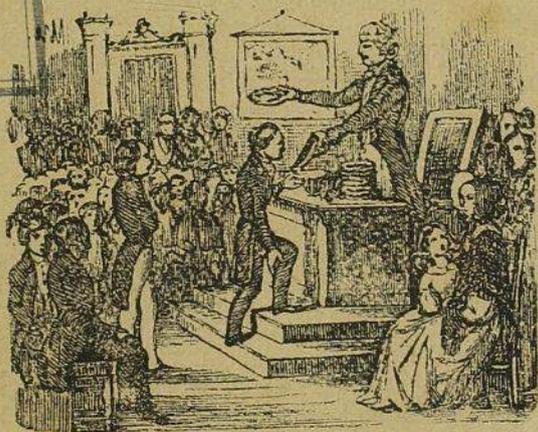
POR

EMILIO ACHILLES MONTEVERDE

DECIMA SEXTA EDIÇÃO

APPROVADA PELO

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PUBLICA

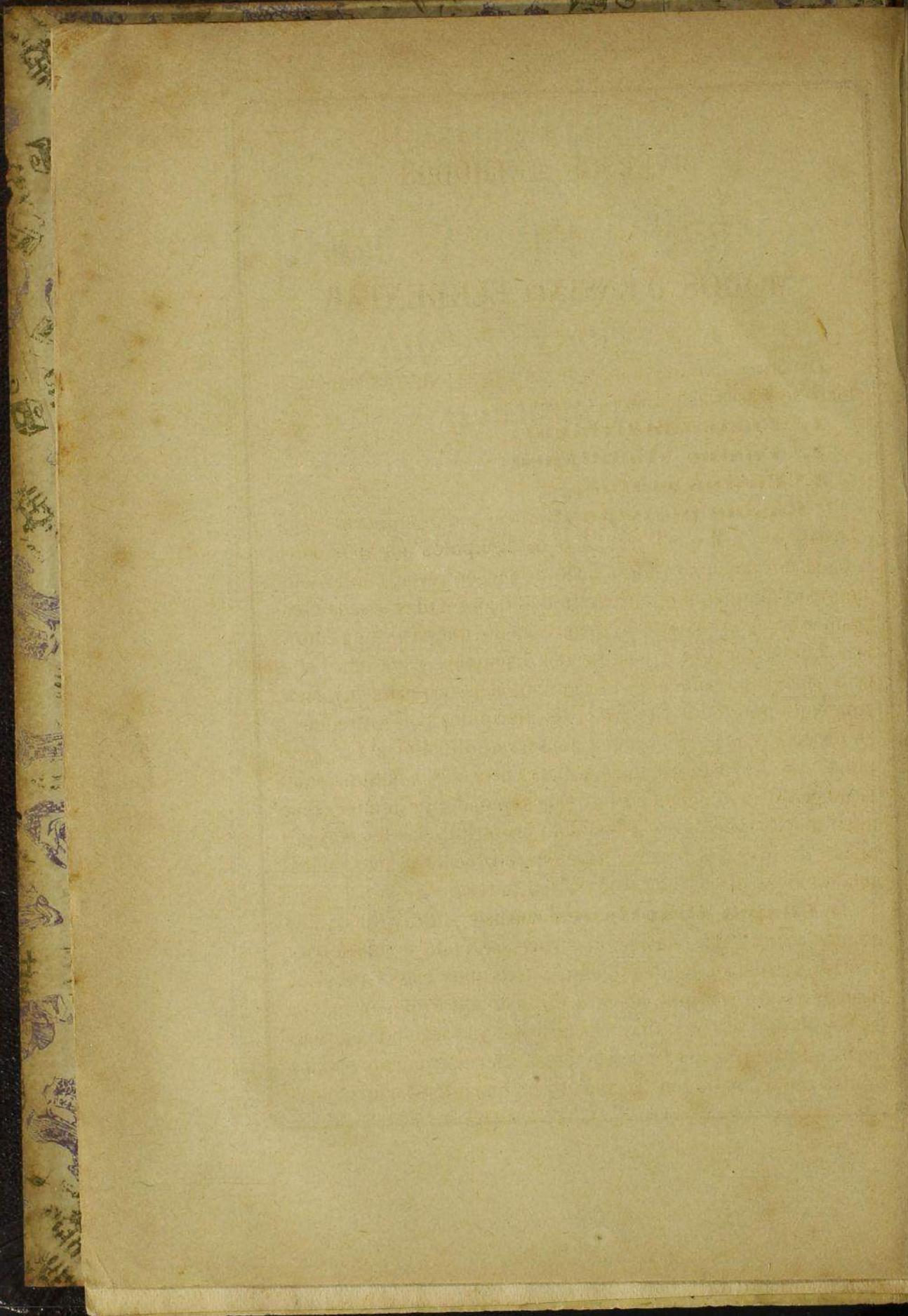


Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160

LISBOA

DE AUGUSTO
BAILLOT.
SÃO PAULO



DIVERSOS METHODOS

OU

MODOS D'ENSINO ELEMENTAR

Os **METHODOS** OU **MODOS DE ENSINO ELEMENTAR** podem reduzir-se a tres principaes, a saber :

- 1.º Ensino individual ;**
- 2.º Ensino simultaneo ;**
- 3.º Ensino mutuo.**

O **Ensino individual**, que é o mais antigo de todos, consiste em o Professor chamar os discipulos um após outro, a cada um dos quaes toma lição de ler, escrever, contar, etc.; de modo que nenhum aproveita das lições dadas a seus companheiros. Acresce a este inconveniente que se as aulas durão seis horas por dia, e ha sessenta discipulos, cada um d'elles será occupado realmente só seis minutos, pouco mais ou menos, suppondo que todos dão lição. Os discipulos pois entregues a si mesmo o resto do tempo, conservão difficilmente a disciplina ; não havendo de mais a mais entre elles a minima emulação. Este methodo d'ensino está reputado, ha muito, como inteiramente defeituoso, e tem sido proscripto das Escolas publicas de diversos paizes ; havendo felizmente já mui poucas aonde elle se observe em toda a sua pureza.

O **Ensino simultaneo** consiste em dividir os discipulos em diversas classes ou turmas, segundo as suas forças, e fazer seguir ao mesmo tempo a toda uma classe a mesma lição de leitura, escripta, calculos, etc., isto é, o Professor manda ler a cada um em voz alta, e os outros o vão seguindo em seus livros ou cadernos. O Professor passa successivamente de uma á outra classe, tendo todo o cuidado em que estejão empregadas

em alguma cousa aquellas a que não assiste n'este intervallo. As creanças, achando-se constantemente em presença umas das outras, estimulam-se reciprocamente, e aproveitam todas da lição. Succede muitas vezes que um unico Professor não basta para as diversas classes, principalmente se o numero dos alumnos é consideravel; mas em tal caso, torna-se indispensavel um ou mais ajudantes. Se pois o Professor dá lição de uma hora a vinte discipulos, cada um d'elles aproveita d'ella durante esse tempo. As grandes vantagens d'este methodo sobre o primeiro de que se fallou, não carecem de demonstração.

O **Ensino mutuo** não é outra cousa mais do que o *methodo simultaneo* modificado. Observou-se que as creanças, grandes imitadoras, imitam mais facilmente os seus companheiros do que as pessoas de mais idade, e é sobre este principio que se fundou o ensino de umas creanças ás outras, isto é, o *ensino mutuo*. Um unico Professor basta para uma Escola inteira, por maior que seja o numero dos alumnos, mas á frente de cada classe ou turma ha um discipulo denominado *Monitor* ou *Decurião*, que faz as vezes de Mestre, e transmite aos outros as lições que elle proprio recebeu em uma classe superior.

Não se pôde pois desconhecer que o *ensino mutuo* é o mais expedito de todos; mas convém advertir que essa vantagem se limita aos estudos inteiramente elementares, isto é, á leitura, á escripta, e, em certo modo, á Arithmetica, etc. Em geral, para que se possam conseguir resultados superiores aos do *methodo simultaneo*, é preciso que o *ensino mutuo* seja dirigido por um habil Professor, e Decuriões ou Monitores mui exercitados.

Quanto aos **METHODOS D'ENSINAR A LER**, ha tres :

1.º O methodo antigo ;

2.º O novo methodo de soletração ;

3.º O methodo sem soletração.

O **methodo antigo** consiste em conservar ás letras os seus nomes usuaves de : *á, bé, cé, dé, é, éfe, gé, agá, i, jota, á, ele, éme, éne, ó, pê, quê, érre, ése, té, u, vê, xis, ypsilon,*

zê, e nomeal-as todas successivamente antes de pronunciar a syllaba, a qual por consequente, n'este caso, tem tantos elementos quantas são as letras de que ella se compõe.

Com quanto este methodo seja aquelle que ainda está quasi geralmente seguido, não só em Portugal, mas em varios outros paizes, ha muitos auctores que o condemnão como vicioso. Fundão a sua opinião em não existir nenhuma relação entre o modo de pronunciar as letras de que a syllaba se compõe, e os sons que na realidade essas letras representam, como se vê das syllabas : *fa, la, ma, ra*, etc., as quaes, soletradas segundo aquelle methodo, dão : *éfe á, éfá, éle á, élá, éme á, é má, érré á, errá*.

Pelo **novo methodo de soletração**, as consoantes ou articulações pronuncião-se como se fossem seguidas de *e* mudo; B *be*, C *ce* ou *ke*, D *de*, F *fe*, G *je* ou *gue*, H *he*, J *je*, K *ke*, L *le*, M *me*, N *ne*, P *pe*, Q *ke*, R *re* ou *rre*, S *se* ou *ze*; T *te*, V *ve*, X *che, ze, cs, ce*, Z *ze*, etc. Assim, a palavra *fato*, ha de soletrar-se: *Fe a, fa, te o, to*.

Pretendem alguns auctores que este methodo é preferivel ao primeiro; muitos outros ha porém que lhe são contrarios, sustentando que o melhor é o **methodo sem soletração**.

Consiste este ultimo : 1.º, em dar, como se viu, ás consoantes um nome semelhante ao valor que ellas têm na leitura : *be, ce, ou ke, fe*, etc.; 2.º, em considerar as syllabas, e não as letras, como verdadeiros elementos da palavra.

Partindo d'este principio, deve-se ler, por exemplo, a palavra *a mi go*, sem decompôr as syllabas, isto é, sem nomear cada uma das letras de per si, como succede pelo methodo antigo.

Como porém cada um dos methodos de que acima se fez menção, tem suas vantagens e seus inconvenientes, e sejam diversas as opiniões sobre o modo mais proveitoso d'ensinar a ler, observaremos que o melhor methodo é um Professor habil e zeloso dos seus deveres; o melhor methodo é aquelle que conduz mais longe com maior brevidade; finalmente, o melhor methodo é aquelle que fórma os melhores discipulos.

ALPHABETO

LETRAS MAIUSCULAS

A	B	C	D
E	F	G	H
I	J	K	L
M	N	O	P
Q	R	S	T
U	V	X	Y
Z			

ALPHABETO

LETRAS MINUSCULAS

a	b	c	d
e	f	g	h
i	j	k	l
m	n	o	p
q	r	s	t
u	v	x	y
z			

Letras vogaes maiusculas

A E I O U Y

Letras consoantes maiusculas

B C D F G H J
K L M N P Q
R S T V X Z

Letras vogaes minusculas

a e i o u y

Letras consoantes minusculas

b c d f g h j k l m
n p q r s t v x z

Letra italica maiuscula

A B C D E F

G H I J K L

M N O P Q R

S T U V X Y Z

Letra italica minuscula

a b c d e f g h

i j k l m n o p

q r s t u v x y z

EXERCÍCIOS

Sons e articulações, ou vogaes
e consoantes

G	A	D	C	F	P
o	l	u	t	q	s
B	U	X	Z	Y	N
r	g	a	d	e	h
M	E	J	L	H	K
i	k	v	z	x	y
S	T	V	Q	O	L
b	n	p	m	j	e

—
Vogaes accentuadas

á é ê í ó ô

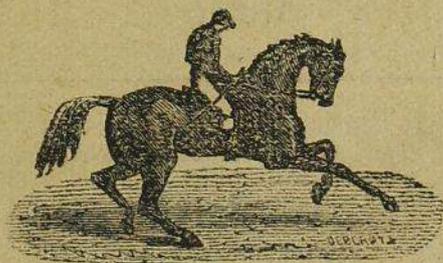
Alphabeto para aprender a ler
a letra manuscripta

A a	B b	C c ç	D d
<i>A a</i>	<i>B b</i>	<i>C c ç</i>	<i>D d</i>
E e	F f	G g	H h
<i>E e</i>	<i>F f</i>	<i>G g</i>	<i>H h</i>
I i	J j	K k	L l
<i>I i</i>	<i>J j</i>	<i>K k</i>	<i>L l</i>
M m	N n	O o	P p
<i>M m</i>	<i>N n</i>	<i>O o</i>	<i>P p</i>
Q q	R r	S s	T t
<i>Q q</i>	<i>R r</i>	<i>S s</i>	<i>T t</i>
U u V v	X x	Y y	Z z
<i>U u V v</i>	<i>X x</i>	<i>Y y</i>	<i>Z z</i>

SYLLABAS

A	e	i	o	u
Ba	be	bi	bo	bu
Ca	co	cu
Ça	ce	ci	ço	çu
Da	de	di	do	du
Fa	fe	fi	fo	fu
Ga	go	gu
Gua	gue	gui
...	ge	gi
Ha	he	hi	ho	hu
Ja	je	ji	jo	ju
Ka	ke	ki	ko	ku

La	le	li	lo	lu
Ma	me	mi	mo	mu
Na	ne	ni	no	nu
Pa	pe	pi	po	pu
Qua	que	qui	quo	...
Ra	re	ri	ro	ru
Sa	se	si	so	su
Ta	te	ti	to	tu
Va	ve	vi	vo	vu
Xa	xe	xi	xo	xu
Za	ze	zi	zo	zu



EXERCICIOS

ou

Collecção de palavras em cuja composição entra alguma das syllabas contidas nas paginas 14 e 15, para que os principiantes possam, logo á primeira lição, conhecer o uso ou a applicação das mesmas syllabas.

A ba
A ma
E ra
E ma
E co
I ra
O ca
O vo
U va
Ba ba
Ba ta ta
Be ca
Be co (1)
Be tu me
Bi co
Bo la

Bo ca
Bo ne co
Bu le
Ca sa
Ca ma
Co va
Co le te
Co co
Cu ba
Ca ça
Ce do
Ce go
Ce re ja
Ci da de
A ço
Mo ço

A çu de
Da do
Da ma
De do
De bu xo
De mo
Di to
Do te
Do ce
Do çu ra
Du ro
Fa ca
Fa ma
Fe ro
Fe no
Fe re za

(1) Tendo algumas syllabas diversos sons, como se vê, por exemplo, nas palavras *Beca*, *Beco*, *Arabe*, etc., em que *be* se pronuncia de tres differentes maneiras, convirá recommendar aos principiantes que, quando soletrarem, dêem logo a cada uma d'ellas o som que lhe é proprio, por isso que toda a syllaba de qualquer palavra, pronunciada isoladamente, deve ter o mesmo valor, a mesma pronunciação que tem na palavra pronunciada por inteiro.

Fi go	He re je	Lo te
Fo me	Hi a te	Lo bo
Fo go	Ho ra	Lo te ri a
Fo lia	Ho je	Lu me
Fu so (1)	Hu mi do	Ma ca
Ga to	Ja le co	Ma no
Ga mo	Ca ja do	Me di co
Ga go	Je ro pi ga	Me do
Go ta	Ji ba ne te (2)	Me di da
Go to so	Jo ta	Mi na
Go la	Jo go	Mo da
Gu la	Jo gue te	Mo no
Gua ri ta	Ju ro	Mu do
Fo gue te	Mo ka	Na bo
Gui ta	Ke pi (3)	Na bi ça
Ge ne ro	Ki lo	Ne to
Ge lo	Ku ma (4)	Ne ga ça
Ge mi do	La go	Ni lo (5)
Gi ga	La ma	No ra
Ha li to	Le que	No me
Ha va na	Le ga do	No ve na
He ra	Li ma	Nu ca

(1) O s no meio de duas vogaes vale z, com poucas excepções, como adiante se verá.

(2) Armadura antiga, especie de gibão de ferro.

(3) Especie de barretina pequena de que principiarão a usar os soldados francezes em serviço na Argelia, e que se tem generalisado nas outras tropas.

(4) Rio do Imperio da Russia.

(5) Celebre rio do Egypto.

Pa to	Ru a	Va re ta
Pa no	Sa po	Ve la
Pe ça	Sa bu go	Ve re da
Pe ra	Se cu lo	Ve a do
Pe le ja	Se gu ro	Vi ga
Pi lo to	Se co	Vo ga
Po ça	Se na do	Vo lu me
Po ço	Si no	Vu ba ra na (1)
Po lé	So la	Xa ro pe.
Pu lo	So co	Xe que
Qua si	So lu ço	Xe ri fe
Que da	Su jo	Xi ba ta
Que re la	Ta co	Co xo
Qui na	Ta lu do	Xu é
Quo ta	Te jo	Za na ga (2)
Ra to	Te mi do	Ze ro
Ra mo	Te mo	Ze lo
Re za	Ti na	Ze be li na (3)
Re mo	To ca	Zi za nia
Re ga lo	To jo	Zo na
Ri co	To pe te	Zo dí a co
Ro da	Tu bo	Zo te (4)
Ro ma	Tu ni ca	Zu ni do
Ro ma no	Va ca	

(1) Peixe da America meridional semelhante á truta.

(2) Termo chulo, que significa: *vesgo, torto*.

(3) Animal da Russia, especie de doninha.

(4) Termo plebeu, que quer dizer: *idiota, ignorante*.

OBSERVAÇÕES SOBRE O VALOR DE ALGUMAS CONSOANTES

- c.....** Soa como **S** antes de *e, i, y*; exemplos: *Ce bo la* — *ci da de* — *cy ni co*, etc.
- ç.....** como **S** antes de *a, o, u*; exemplos: *Ra ça* — *ba ço* — *a çu de*.
- g.....** como **J** antes de *e, i, y*; exemplos: *Ge ma* — *gi ga* — *gy ro fe*, etc.
- h.....** No principio de palavra, ou precedido de **x** ou **t**, é nullo para a pronunção, como se vê nas palavras: *Ha bi to* — *Rhe to ri ca* — *Thi a go*, etc.
- ch...** Soa como **X**, no principio de palavra, em *Cha mi né* — *Chi na* — *cho co*, etc. Em algumas palavras porém *ch* vale **K**: *Ca che ti co* — *ra chi ti co* — *Chi mi ca*, etc. (1)
- k.....** Esta letra é puramente grega, e podia dispensar-se na nossa lingua assim como o *y*. Conservâmos porém uma e outra por causa da etymologia.
- lh nh** Soa como nas palavras: *Lha no* — *ba ta lha* — *so nho li nho*, etc.
- ph....** vale **F** em *Pha ro* — *Phe bo* — *ty pho*, etc.
- ps....** vale **S** em *Psal mo* — *psal mis ta*, etc.
- ph th** vale **T** em *Phthi si ca* (2) — *phthi si co*.
- q.....** É sempre seguido de *u*, na nossa lingua. Em varias palavras soa o **U** depois do **Q**, como em *Qua tro* — *qua li da de* — n'outras não soa; exemplos: *Qui na* — *que da*, etc.

(1) Algumas pessoas escrevem: *Monarcha, Patriarcha, Parocho, Eschola, Epocha*, etc.: é melhor supprimir o *h*, e escrever: *Monarca, Patriarca*, etc.

(2) Escreve-se tambem *tisica, tisico*.

r No principio de palavra soa como dois **RR** em *garra*, exemplos: *Ra mo* — *re mo*, etc.: o mesmo succede estando entre vogal e consoante; exemplos: *Hon ra* — *hon ra do* — Exceptua-se: *Pre to* — *tre la* — e outras palavras principiando por *br*, *cr*, *dr*, *fr*, *gr*, *pr*, *tr*, *vr*, etc.

s entre vogaes vale **Z**, como já se disse; exemplos: *A bu so* — *a ca so*, etc. — Exceptua-se *Gi ra sol*, e algumas outras palavras que o uso fará conhecer.

x Alem do som que já se explicou a pag. 13 e 16, tem os seguintes:

De **Z** nas palavras que principião por *e* seguido de *x*, e esta letra, de vogal ou *h*; exemplos: *Ex a mi na do* — *ex e cu tado* — *ex er ci to* — *ex hau ri do* — *ex hor ta to rio*, etc.

De **CS** em *Se xo* — *con ve xo* — *com ple xo* — que se lêem como se houvesse: *Secso* — *convecso* — *complecso*.

De **S** nas palavras que principião por *ex*, seguindo-se-lhe consoante; exemplos: *Ex ca va do* — *ex ce di do*, etc.

Soa igualmente como **S** ou **Ç** em *Syn ta xe* — *trou xe* — *trou xe mos*, etc., e bem assim quando se acha entre vogal e consoante, ou no fim de palavra: *Jux ta po si ção* — *sex ta* — *Fe lix* — *du plex* — *phe ni x*, etc.



SYLLABAS E EXERCICIOS

Para acelerar os progressos dos principiantes na leitura, e evitar-lhes o tedio que lhes causarião exercicios áridos, de syllabas isoladas ou abstratas, não se dará aqui nenhuma sem que seja immediatamente acompanhada de um exemplo.

Os principiantes deverão pois ler, primeiramente, as syllabas isoladas que estão em cada linha, como por exemplo: **Ai, ei, oi, ui**, etc. — e, em seguida, as palavras que se achão por baixo de cada uma d'ellas, a fim de que possam conhecer, desde logo, a applicação das mesmas syllabas; o que os anima e lhes desperta a curiosidade para continuar a aprender com gosto.

Ai Ai po	ei ei ra	oi oi to	ui ui! (1)	bai bai le
bei bei go	boi boi	cai cai xa	coi coi fa	cui cui da do
çai i çai	cei cei ra	çoi mo çoi la	dai dai me	dei dei xa
doi doi do	fai fai xa	fei fei ra	foi foi se	fui fui me
gai gai ta	guei fo guei ra	goi goi vo	gui Gui né	hai hai!
hei hei	hui húi! (2)	jai Jai me (3)	jei a lo jei	joi joi o
lai lai a	lei lei te	loi loi ro	mai mai o	mei mei go
moi moi ro	mui mui to	nai nai pe	nei si nei ro	noi noi te

(1 e 2) Póde-se escrever: *ui!* ou *húi!*

(3) Tambem se póde escrever *Jayne*.

pai pai o	pei pei to	poi a poi a do	puy Puy Puy (1)	quei quei jo
rai rai va	rei rei no	roi roi xo (2)	ruy Ruy	sai sai bo
sei sei xo	soi soi da de (3)	tai tai pa	tei tei ma	toi toi ro
tuy Tuy	vai vai da de	vei Vei ga	voi la voi ra (4)	xai xai rel
xei me xei	zai zai no	zei di zei	zoi zoi lo	

SYLLABAS E EXERCICIOS

Al Al ma	el El vi ra	il Il de fon so	ol ol mo	ul ul ti mo
bal bal de	bel bel da de	bil bil ro	bol bol sa	bul bul ra
cal cal da	col ca ra col	cul cul pa	çal ca ni çal	cel Cel ta (5)

(1) Monte do Mexico.

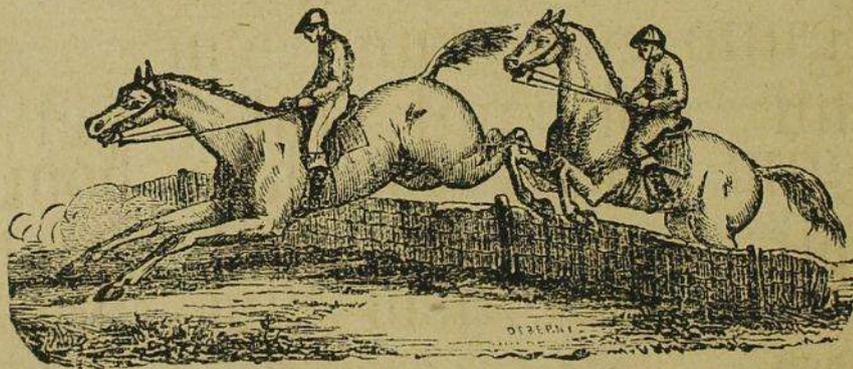
(2) Tambem se escreve : *roxo*.(3) Termo antigo, que significa : *saudade*.(4) As palavras *oito, doido, loiro, lavoira, moiro, noite, toiro, etc.*, que aqui se dão como exemplo das syllabas que as precedem, escrevem-se tambem assim : *oito, doudo, louro, lavoura, mouro, noute, touro, etc.*

(5) Habitante de uma parte da antiga Gallia.

cil	çol	dal	del	dil
fa cil	len çol	de dal	del ga do	man dil
dol	dul	fal	fel	fil
A dol fo	a dul to	fal ta	fel pa	fil tro
fol	ful	gal	gel	gil
fol go	ta ful	gal go	gel va (1)	a gil
gol	gual	guel	guil	jal
gol pe	i gual	guel ra	Guil do	To jal
jel	jul	lal	mal	mel
Jel na ⁽²⁾	jul ga do	ce bo lal	mal va	mel ro
mil	mol	mul	nal	nel
mil	mol de	mul ta	ca nal	co ro nel
nil	nol	nul	pal	pel
fu nil	rei nol	nul lo	pal ma	pa pel
pil	pol	pul	qual	quel
pil re te (3)	pol vo ra	pul ga	qual quer	bro quel
ral	rel	ril	rol	rul
co ral	rel va	ca ril	rol da na	cu rul (4)

(1) Embarcação pequena do *Mar Roxo*.(2) Aldêa da *Russia*.(3) Termo chulo que significa: *homemzinho*.(4) Cadeira *curul*, a que era propria dos Consules romanos, etc.

sal sal va	sel sel va	sil sil va	sol sol da	sul sul ta na
tal e di tal	tel ba tel	til u til	tol tol da	tul Tul lia
val val sa	vel sa vel	vil co vil	vol vol ta	vul vul to
xal Xal (1)	xel bai xel	xil pe rre xil (2)	zal ca zal	zel Sou zel
zil fu zil	zol an zol	zul a zul		



(1) Moeda turca.

(2) Pretendem alguns auctores que achando-se duas consoantes iguaes no meio da palavra, a primeira pertence á syllaba antecedente, e a segunda, á que se segue, devendo-se ler como se houvesse uma só consoante pertencente á segunda syllaba, e dividil-as assim: *pe rre xil*, *il lu so*, *nul lo*, *Tul lia*. Outros porém são de opinião que se deve soletrar d'este modo: *pe rre xil*, *i llu so*, *nullo*, *Tu lia*, etc. Veja-se a regra 6.^a a pag. 39.

SYLLABAS E EXERCICIOS

Am em im om um

Am pa ro em pa da im pe to bi om bo um bi go (1)

bam bem bim bom bum

bam bo bem fei to ru bim bom ba za bum ba

cam cem cim com cum

cam po Ca cem cim ba lo (2) com ba te va cum

dam dem dim dom dum

Dam pa (3) a dem pe dim dom be dum

fem fim gam guem

a ba fem con fim gam boa al guem

guim gom gum gem

be le guim gom ma al gum i ma gem

gim ham hem him hom

Pan gim (4) Ham bur go sa hem him pa do hom bro

hum jam jem jim jum

hum (5) jam bo (6) in ve jem jim bo (7) je jum

(1) Tambem se diz: *embigo*.

(2) Instrumento musico. Escreve-se tambem *cymbalo*.

(3) É uma povoação da Asia.

(4) Cidade da Asia.

(5) Tambem se escreve: *Um*.

(6) Fructo do Brasil.

(7) É o mesmo que *zimbros*, arbusto vulgar.

lam	lem	lim	lom	lum
lam ba da	a lem	ta lim	lom bo	lum bo (1)
mam	mem	mim	mum	nam
mam bu (2)	ho mem	se la mim	mum bo (3)	Nam (4)
nem	nim	pam	pem	pim
a ba nem	al fe nim	pam pi lho	ta pem	pim po lho
pom	quem	quim	ram	
pom ba	á quem	bo te quim	ram pa	
rem	rim	rom	rum	sam
vi rem	ta lha rim	rom bo	rum bo (5)	sam be ni to
sem	sim	som	sum	tam
sem pre	mal sim	som no	sum mo	tam pa
tem	tim	tom	tum	vam
tem po	mo tim	tom bo	tum ba	vam pi ro (6)
vem	vim	xem	xim	zam
vol vem	Al vim	a bai xem	co xim	zam bujo
zem	zim	zom	zum	
fa zem	zim bo rio	zom ba ria	zum bai a	

(1) Ave aquatica.

(2) O mesmo que *hambu*, porém é termo menos usado.

(3) Genero de Cafres nas terras de Monomotapa.

(4) Cabo na Africa occidental.

(5) Tambem se diz : *rumo*.

(6) Uma especie de Morcego.

SYLLABAS E EXERCICIOS

An	en	in	on	un
An ca	en can to	in fan te	on ça	un to
ban	ben	bin	bon	bun
ban ca	ben to	Ca bin da	bon da de	bun da (1)
can	con	cun	çan	cen
can to	con de	fe cun do	i çan do	cen to
cin	dan	den	din	don
cin co	dan sa	den te	pe din te	don de
dun	fan	fen	fin	fon
a dun co (2)	fan ga	fen da	fin ta	fon te
fun	gan	guen	guin	gon
fun do	gan ga	un guen to	guin cho	gon zo
gun	gen	gin	han	hen
se gun do	gen te	gin ja	han se a ti co (3)	Hen rique
hin	hon	hun	jan	jen
ca hin do	hon tem	hun ga ro	jan ga da	no jen to
jun	lan	len	lin	lon
jun ta	lan ce ta	len ço	lin do	lon go

(1) Chama-se *lingua bunda* á dos pretos d'Angola.(2) Nariz *adunco*, quer dizer *nariz curvo*.

(3) Pertencente a uma das antigas cidades confederadas ou unidas em defeza do seu commercio.

lun	man	men	min	mon
lun du (1)	man ga	men ti ra	min go an te	mon te
mun	nan	nen	nin	non
mun do	Nan kin (2)	con ti nen te	nin guem	ca non (3)
nun	pan	pen	pin	pon
nun ca	pan ca da	pen te	pin to	pon te
pun	quan	quen	quin	ran
pun gen te	quan do	quen te	quin tal	ran cho
ren	rin	ron	run	san
ren da	rin cho	ron da	I run (4)	san to
sen	sin	son	tan	ten
sen ti do	sin ge lo	son se	tan ge ri na	ten to
tin	ton	tun	van	ven
tin tei ro	ton to	ro tun da	van da lo (5)	ven to
vin	von	xen	xun	zan
vin te	von ta de	xen di (6)	en xun dia	zan ga
zen	zin	zon	zun	
lu zen te	zin co	zon cho (7)	zun ga (8)	

(1) Dansa chula do Brasil.

(2) Cidade da China.

(3) Lei ecclesiastica; parte da missa.

(4) Povoação de Hespanha da fronteira de França.

(5) Povo bárbaro da Allemanha que no seculo v devastou o imperio romano.

(6) Trança de cabello como usão na India os que seguem o gentilismo.

(7) Embolo das bombas dos navios, o qual se levanta para a agua sahir pelo tubo d'ellas.

(8) Certo bichinho do Brasil.

SYLLABAS E EXERCICIOS

Ar er ir or ur
 Ar ma er mi da ir man da de or dem ur gen te

bar bir ber bor bur
 bar ba ber ço su bir bor da bur go

car cor cur çar cer
 car ta cor po cur to ca çar cer ca

cir çor dar der dir
 cir eu lo a çor dar do ce der fun dir

dor dur far fer fir
 dor na dur mo far pa fer ver fir me

for fur gar gor gur
 for te fur to gar fo gor ge ta gur gu lho

guar guer guir har her
 guar dar a lu guer (1) guir nal da (2) har pa her da de

hir hor jar jor jur
 hir su to hor ta jar dim jor na da Jur dão

(1) Tambem se diz: aluguel.

(2) Termo nautico que significa anel de cordas no cabo das vergas.

lar	ler	lir	lor	lur
lar gu ra	ler do	de mo lir	bo lor	lur go (1)
mar	mer	mir	mor	mur
mar ca	mer lo	mir to (2)	mor te	mur ta
nar	ner	nir	nor	par
nar ci so	ner vo	zu nir	nor te	par te
per	pir	por	pur	quar
per na	en tu pir	por ta	pur pu ra	quar to
quer	quir	rar	rer	rir
A lem quer	fa quir (3)	mu rar	que rer	rir
ror	sar	ser	sir	sor
fu ror	sar da	ser vo	sir ga	sor te
sur	tar	ter	tir	tor
sur do	tar de	ter mo	men tir	tor ta
tur	var	ver	vir	vor
tur co	O var	ver so	vir tu de	pa vor
vur	xar	xer	xir	xor
vur mo (4)	a bai xar	me xer	e li xir	xor ca (5)

(1) É uma avesinha quasi toda verde.

(2) É o mesmo que murta.

(3) Termo arabe, que significa : *penitente, pobre*.(4) Ferida com *vurmo*, quer dizer : ferida sanguenta.

(5) Manilha ou bracelete de que usão alguns barbaros.

zar zer zir zor zur
 re zar co zer lu zir zor zal (1) zur zi do

SYLLABAS E EXERCICIOS

As	es	is	os	us
As ma	es pa da	is ca	os ga	us to rio(2)
bas	bes	bis	bos	bus
bas tar do	bes ta	bis cou to	bos que	bus to
cas	cos	cus	ças	ces
cas ca	cos ta	cus to	li cen ças	ces to
cis	ços	çus	das	des
cis to	len ços	al ca çus	ci la das	des bo ta do
dis	dos	dus	fas	fes
dis ci pu lo	de dos	in dust ria	fas ti o	fes ta
fis	fos	fus	gas	gues
fis ga	fos fo ro	fus ti gar	gas tos	do gues
guis	gos	gus	ges	gis
dro guis ta	gos to	gus ta ti vo	ges to	gis (3)

(1) Especie de tordo ou estorninho.

(2) Espelho *ustorio* — Espelho que serve para incendiar.(3) Tambem se escreve: *giz*.

has	hes	his	hos	hus
has ta	hes pa nhol	his to ri co	hos pe de	ba hus
jas	jes	jis	jos	jus
jas pe	al for jes	lo jis ta	re lo jos	jus to
las	les	lis	los	lus
las ti ma	les ma	lis ta	los na	lus co (1)
mas	mes	mis	mos	mus
mas ca ra	mes qui ta	mis tu ra	mos ca	mus eu lo
nas	nes	nis	nos	nus
nas cen te	nes ga	A do nis	nos ca da (2)	nus
pas	pes	pis	pos	pus
pas ta	pes te	pis to la	pos tu ra	pus tu la
quas	ques	quis	quos	ras
i ni quas	ta bi ques	quis to	i ni quos	ras to
res	ris	ros	rus	sas
res to	ris ca do	ros to	rus ti co	bol sas
ses	sis	sos	sus	tas
ses ta	sis ma (3)	sos ter	sus to	tas ca
tes	tis	tos	tus	vas
tes ta	tis na do	tos co	pa tus co	vas eu li

(1) Vesgo.

(2) Diz-se noz *noscada* ou *noscada*.(3) Escreve-se : *scisma* ou *sisma*.

ves vis vos xas xes

ves go vis to so lai vos fa tei xas pei xes

xis xos zas zes zis

Xis to bai xos a zas ei ro zes fu zis

ZOS

li zos

SYLLABAS E EXERCICIOS

Bla ble bli blo blu

bla so nar do ble te (1) pu bli co blo quei o a blu ente (2)

cla cle cli clo clu

cla mor cle ri go cli ma Clo til de clu bis ta

fla fle ffi flo flu

fla men go re fle xo ffi bus tei ro flo res flu ente

gla gle gli glo glu

gla ci al gle ba (3) je ro gli fi co glo bo glu tí no so

pla ple pli plo plu

pla gi a to ple be re pli ca du plo plu ma

bra bre bri bro bru

bra za bre nha bri ga bro ca bru to

(1) Pedra fina de que usam os ourives.

(2) Termo de medicina que significa: *diluyente*.

(3) É uma porção de terra — Servos addidos á *gleba*, são uns homens pertencentes a uma terra, que, quando esta se vende, passam ao comprador como servos obrigados a habitá-la.

cra	cre	cri	cro	cru
cra vo	cre di to	cri me	cro que	cru za do
dra	dre	dri	dro	dru
dra go na	co ma dre	pa dri nho	dro ga	dru i das (1)
fra	fre	fri	fro	fru
fra de	fre te	fri to	fro co	fru gal
gra	gre	gri	gro	gru
gra ve	gre da	gri to	gro za	gru ta
pra	pre	pri	pro	pru
pra to	pre go	pri mo	pro va	pru mo
tra	tre	tri	tro	tru
tra po	tre mo ço	tri pe ça	tro pa	tru ta
vra	vre	vri	vro	
pa la vra	li vre	li vri nho	li vro	



(1) Sacerdotes da antiga Gallia que vivião nos mattos, e celebravão os seus mysterios debaixo dos carvalhos, arvore que tinhão em grande veneração.

SYLLABAS E EXERCICIOS

Brem brim brum crim

co brem brim de brum a le crim

bran brin bron cran cren

bran co brin co bron ze la cran do cren te

fran fren frin fron frun

fran co fren te in frin gir fron te frun cu lo (1)

gran pran pren prin pron

gran de pran to pren da prin ci pio pron to (2)

tran trin tron trun bras

tran ca trin co tron co trun fo co bras

bres bris brus cras cres

po bres a bris te brus co lu cras cres ci do

cris crus dras dres dros

cris ma (3) crus ta pe dras po dres vi dros

fras fres frus gras gres

fras co fres co frus tra do gras nar a le gres

gris gros pras pres pris

gris ma gros com pras pres ti mo pris ma

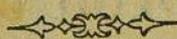
(1) Escreve-se tambem : *furunculo*.

(2) Tambem se escreve : *prompto*.

(3) Póde-se escrever tambem : *chrisma*.

pros tras tres tris tros
 pros pe ro tras te tres do bro tris te za ou tros

vras vres vros
 pa la vras li vres li vros



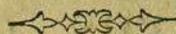
Ão bão cão ção dão
 ta li ão ga bão bal cão ca ção A dão

fão gão hão jão lão
 ri fão ras gão hão ro jão ba lão

mão não pão quão rão
 ir mão a não pa pão quão can gi rão

são tão vão xão zão
 ten são so tão gai vão (1) pai xão ra zão

chão lhão não
 col chão mi lhão pi nhão

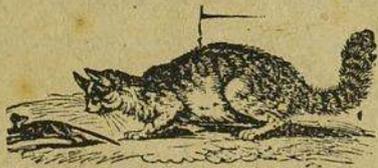


Au bau cau fau gau
 au la bau ní lha cau da fau ces gau dio

lau mau nau pau rau
 lau da mau so leu nau fra go pau ta a rau to

(1) Especie de andorinha.

sau	tau	flau	plau	eu
sau da de	tau ro (1)	flau ta	plau to	Eu ro pa
ceu	deu	feu	geu	leu
Ceu ta	ar deu	feu dal	e le geu	ce leu ma
meu	neu	peu	reu	seu
co meu	neu tro	rom peu	reu ni ão	seu
teu	zeu	fleu	ou	bou
ba teu	fa ri zeu (2)	fleu ma	ou tro	bou ça (3)
cou	çou	dou	fou	gou
cou ro	a çou te	dou tor	fou ee	a gou ro
hou	lou	mou	nou	pou
hou ve	lou ro	mon ro	nou te	pou co
rou	sou	tou	vou	zou
rou co	ra sou ra	tou ca	la vou ra	a zou gue



(1) Um dos signos do Zodiaco.

(2) Ceita entre os judeus que affectava muita austeridade de vida, etc. —Em sentido figurado, *fariseu* significa hypocrita.

(3) *Bouça* é termo do Minho, e significa fazenda que não dá trigo nem uvas, e só serve para pastagem.

✎ Ha ainda varias outras syllabas na lingua portugueza que aqui se omittem, por isso que sabidas pelos principiantes as que se derão, facilmente poderão conhecer as outras.

SIGNAES DA PONTUAÇÃO E OUTROS DE QUE NOS SERVIMOS
QUANDO ESCRREVEMOS

 Virgula	 Ponto e virgula	 Dois pontos	 Ponto final
 Ponto de interrogação	 Ponto de exclamação ou admiração	 Asterisco	 Hiphem, signal de divisão ou risca de uniã
 Parenthesis	 Apóstropho	 Dierésis, trema, apices, ou cimalha	 Virgula dobrada ou aspas
 Pontos de reticencia	 Til	 Accento agudo	 Accento grave
 Accento circumflexo	 Cedilha ou cedilho	 Paragrapho	

(1) Os tres signaes orthographicos, chamados *accentos*, servem para modificar os sons das vogaes; convindo advertir que o *accento grave*, com quanto escusado na lingua portugueza, entende-se comtudo n'aquellas em que não vai notado. Aos senhores Professores compete explicar os diversos sons das vogaes accentuadas.

REGRAS DE LEITURA

Como uma das maiores difficuldades para os principiantes consiste no modo de dividir ou separar as syllabas, convém estabelecer as seguintes regras:

1.º Uma palavra compõe-se de tantas syllabas quantas são as vogaes ou os sons, simples ou conjunctos (1), que entrão na sua composição; por exemplo: as palavras *uniforme* — *aceio*, etc., constão, a primeira, de quatro syllabas: *u-ni-for-me*; a segunda de tres: *a-cei-o*. Uma syllaba póde ter uma, duas, tres ou mais consoantes; exemplos: *Phre-no-lo-gia* — *pthi-si-ca* — *trans-por-te*, etc.

2.º Uma consoante ou articulação, entre duas vogaes ou dois sons, pertence ao ultimo d'elles: *A-mo*.

3.º Duas consoantes ou articulações, entre duas vogaes ou dois sons, pertencem, quando não são nullas para a pronunciação, a primeira ao primeiro, e a segunda ao segundo som; exemplos: *Ar-ma*, *ab-do-men*, etc.

4.º No meio de palavra, cada syllaba principia ordinariamente por consoante; como: *Vo-lu-bi-li-da-de*, etc.

5.º Toda a syllaba de qualquer palavra, pronunciada isoladamente, deve ter o mesmo valor, a mesma pronunciação que tem na palavra pronunciada por inteiro.

6.º Partindo do principio que fica estabelecido, quando n'uma palavra se achão consoantes dobradas, ou mesmo diversas, uma das quaes é muda ou nulla para a pronunciação, essas consoantes pertencem á syllaba que vão ferir; exemplos: *Co mmo da* — *a ccor do* — *vi cto ria* — *ba ptis-mo* — *re cta* — *sce ptro* — *Ma gda le na* — *Egy pto* — *a cta* — *a bba de* — *ba rril* — *te rra* — *a cces centar* — *acção*, etc.

(1) Som conjuncto é o mesmo que *dithongo*. Veja-se a pag. 42 a definição d'esta palavra.

EXERCICIOS

1.º

O viajante e a cobra

Um viajante achou n'um campo, durante um rigoroso inverno, uma serpente entorpecida, e a ponto de morrer de frio. Pobre animal! exclamou elle, compadecido, e ao mesmo tempo levantou-a do chão, e chegou-a ao peito para a reanimar. A serpente porém, logo que recuperou força, mordeu o seu bemfeitor, e lhe causou a morte:

Eis aqui a imagem de um filho ingrato.



2.º

O menino mal intencionado e o cão

Um menino mal intencionado lembrou-se um dia de afogar um cão: metteu-se n'um bote, arrojou o pobre animal ao rio, e, armado de um remo, pretendia impedir que 'o cão chegasse a terra: mas em quanto estava praticando tão grande maldade, eis que perde o equilibrio, e cabindo na força da corrente, houvera infallivelmente perecido, se o mesmo cão, que elle queria matar, o não tivesse filado pelo fato, e trazido para terra.

Que contraste! Que bella lição de moral!



LETRAS, SYLLABAS E DITHONGOS

Que é letra? É o elemento da escripta. Das letras se formão as syllabas; das syllabas, as palavras, e d'estas, as frases com que exprimimos nossos pensamentos.

Que é alphabeto? É a collecção ou reunião das letras necessarias para escrever todas as palavras de uma lingua.

De quantas letras se compõe o alphabeto portuguez? De vinte e cinco, a saber: *a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v x y z.*

Como se dividem as letras? Em *vogaes* e *consoantes*.

Quaes as vogaes? São: *a e i o u y.*

Porque se chamão vogaes? Porque, per si só, fazem um som perfeito.

Quaes as consoantes? São: *b c d f g h j k l m n p q r s t v x z.*

Porque se chamão consoantes? Porque não podem exprimir um som sem o auxilio de vogal.

Que é syllaba? É uma vogal, ou só, ou junta a outras letras, que se pronuncia de uma só emissão de voz; exemplo: a palavra *A ma dor* é composta de tres syllabas; a primeira, de uma só letra, a segunda, de duas, e a ultima, de tres.

Monosyllabo? Dá-se este nome ás palavras de uma só syllaba, como *Fé*, etc.

Disyllabo? É uma palavra de duas syllabas: exemplo: *A mor*.

Trisyllabo? É a palavra de tres syllabas; exemplo: *Bo ni to*.

Polysyllabo? É a palavra composta de muitas syllabas; exemplo: *Hu ma ni da de*.

Dithongo? Esta palavra, tirada do grego, significa dois sons, isto é, o concurso de duas vogaes pronunciadas rapidamente em uma syllaba, conservando o som de ambas, como em *Pei to* — *cui da do* — *a brio*, etc.

Dithongo simples ou puro? É o que se fórma de duas vogaes simplesmente, exemplo; *Lei, ceo*, etc.

Dithongo nasal? Convém advertir que a palavra *nasal* se deriva do latim *nasus*, que significa *nariz*. Os *dithongos nasaes* são pois aquelles que, quando se pronunciação, têm um som que parece ser algum tanto proferido pelo nariz; exemplo: *Lã* — *ir mã* — *cer tã*, etc.

DITHONGOS PUROS

ae — *A ni maes* — *na tu raes* — *taes* — *mo raes*.

ai — *Dais* — *pais* — *mais* — *es tais* — *rai o* — *cais*.

ao — *Páo* — *máo* — *náo* — *váo*.

au — *Pau ta* — *cau sa*.

ei — *Fa ceis* — *lei* — *gei ra* — *a cei o*.

eo — *Cho veo* (1) — *ceo* — *veo* — *ple beo*.

eu — *Meu* — *seus* — *teus* — *Deus*.

io — *A brio* — *fu gio* — *men tio* (2).

oe — *Doe* — *roes* — *fa roes*.

oi — *Pois* — *sois* — *sa loi o* — *bois*.

ou — *Dous* (3) — *ou to* — *ou ro* — *mou ro*.

ui — *Cui do* — *mui to* — *hui*!

DITHONGOS NASAES

ã ou **ãa** — *Ir mã* ou *ir mãa* — *ma çã* — *lã*.

ãe — *Ca pi tães* — *cães*.

ão — *Mão* — *u ni ão* — *fei jão*.

õe — *Bo tões* — *põe* — *com põe*.

N. B. O Padre BENTO PEREIRA, na sua **Arte de Grammatica Portugueza**, diz que nas palavras *lamprea*,

(1) Também se pode empregar *u* da terceira pessoa do singular do preterito, e escrever: *Choveu*, etc.

(2) Observa MADUREIRA, na sua *Orthographia*, que só as terceiras pessoas do singular dos verbos que no preterito acabão em *io*, fazem dithongo. Exceptuão-se porém, diz JOÃO PINHEIRO FREIRE DA CUNHA, no seu *Tratado de Orthographia*, os verbos que no infinito acabão em *uir*, como: *Arguir*, *constituir*, etc., que não fazem dithongo nas ditas pessoas. Muitos escrevem: *Abriu*, *fugiu*, *mentiu*, *elle riu*. Em *navio*, *safio*, e *rio* (nome) não ha dithongo, pois soletra-se *Na vi o* — *sa fi o* — *ri o*.

(3) Pode-se também escrever: *Dois*, *oito*, *oiro*, *moiro*.

pea, area, etc., ha *dithongo* de *ea*; porem MADUREIRA pretende que não póde ser rigoroso *dithongo*, porque não soão as duas vogaes juntamente, visto que primeiro ferimos o *e*, e depois o *a*, com alguma separação, como se disseramos: *Lam pre a — pe a — a re a*, etc.; e adverte que a mais recta pronunciação e orthographia é com accento circumflexo no *e*, como: *Lampréa — péa — aréa*, etc.

A respeito do numero de *dithongos* na lingua portugueza, ha diversas opiniões, como diz o Padre RAPHAEL BLUTEAU no seu *Vocabulario portuguez*.

Em que letras acabão as palavras puramente portuguezas? Em algumas das vogaes *a, e, i, o, u*, ou nas consoantes *l, m, r, s, z*. Deve-se porem observar que adoptámos na nossa lingua algumas palavras acabadas em *b, c, d, g, h, n, x*, como: *Jacob, Abimalec, David, Agag, Nazareth, Ammon, Abdomen, Appendix, Index*, etc., as quaes são derivadas do *hebraico, latim*, etc.



CONSELHOS À MOCIDADE

Cumpri os deveres da Religião, e respeitai os seus Ministros.

*

Obedecei ás leis do vosso paiz, e honrai aquelles que têm a seu cargo fazê-las executar.

*

Tende horror á calúnia e á vingança.

*

Praticai a beneficencia em toda a extensão da palavra. A beneficencia consiste em fazer bem, muito bem, todo o bem possível.

*

Todas as manhãs, ao levantar-vos da cama, tomái como obrigação fazer quanto de vós depender para que fiquéis satisfeito no fim do dia.

*

Tende sempre a peito a defesa do vosso amigo.

*

Sêde brando e indulgente para com os outros, e severo para comvosco.

*

Seja em bem, seja em mal, nunca julgueis pessoa alguma pelas apparencias.

Evitai os erros, não por temor, mas porque o deveis fazer. *

Não gasteis hoje aquillo de que amanhã podeis necessitar; nem deixeis ao acaso o que vos fór possível prevenir. *

Não desejeis o impossivel: e considerai tud o o que é injusto como impossivel.

Sede fieis a vossos principios, a vossos sentimentos, a vossas afeições, a vossas promessas; pois a constancia é uma das mais bellas virtudes. *

Pensai e meditai muito, mas fallai pouco. *

Não desprezeis jámais o homem pobre; temeí que a fortuna, sempre inconstante, vos colloque em igual situação. *

Conduzi-vos para com os vossos inimigos como se elles devessem um dia ser vossos amigos. *

Tomai para vós os conselhos que dais aos outros. *

Cumpri o vosso dever, aconteça o que acontecer.

Não façais cousa alguma n'um momento de colera; por ventura embarcarieis no meio de um tempor a desfeito?

*

Sêde economico; a falta de dinheiro pôde causar a falta de juizo, e muitas vezes a falta de probidade.

*

Educai vossos filhos, e sabereis de quanto sois devedor a vosso pai e a vossa mãe.

*

Não façais cousa alguma que o vosso inimigo não possa saber.

*

Não divulgueis os vossos intentos, a fim de que, se forem mallogrados, não fiqueis exposto a ser escarnecido.

*

Se quereis ver florescer o commercio na vossa patria, procurai animar a industria nacional, absten-do-vos de buscar nos paizes estrangeiros tudo quanto necessitardes.

*

Estimai o merito, e respeitai o talento que, na desgraça, é, de ordinario, pouco apreciado.

*

Aprendei como se nada soubesseis, e fazei sobretudo por não esquecer o que houverdes aprendido.

Deixai aos invejosos o direito de dizer injurias, e aos tolos o de lhes responder.

*

Não vos esqueçais de que mais vale guardar um segredo do que dal-o a guardar aos outros.

*

Ambicionai a honra, e não as honras.

*

Temei aquelle que vos teme.

*

Se fordes zeloso da vossa independencia, não façais dividas.

*

Servi sempre a patria, e sendo necessario, correi ao combate para salvá-a. Um tiro disparado em sua defesa é um titulo de gloria.

*

Applicai-vos incessantemente a tornar-vos cada vez melhor.



RESUMO

DA

DOCTRINA CHRISTÃ

ORAÇÃO DOMINICAL

OU

Padre Nosso

Padre nosso, que estais nos ceos, santificado seja o vosso nome; venha a nós o vosso reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no ceo; o pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos, Senhor, as nossas dividas, assim como nós perdoámos aos nossos devedores, e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos de todo o mal. Amen.

SAUDAÇÃO ANGELICA

OU

Ave Maria

Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, e bendito é o fructo do vosso ventre, JESUS!

Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, peccadores, agora e na hora da nossa morte. Amen.

SALVE RAINHA

Salve, Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa. Salve, a vós bradámos os degredados filhos de Eva. A vós suspirámos, gemendo e chorando neste valle de lagrimas. Eia

pois, Advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei, e depois d'este desterro, nos mostrai a JESUS, bemdito fructo do vosso ventre! Ó clemente! Ó piedosa! Ó doce, sempre Virgem, Maria! Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejâmos dignos das promessas de CHRISTO. Amen.

SYMBOLO DOS APOSTOLOS

OU

Credo

Creio em Deus Padre, Todo Poderoso, Creador do ceo e da terra, em JESUS CHRISTO, um só seu Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido do Espirito Santo, e nasceu de Maria, Virgem; padecceu sob o poder de Poncio Pilatos; foi crucificado, morto e sepultado; desceu aos infernos. Ao terceiro dia, resurgiu dos mortos; subiu ao ceo, e está sentado á mão direita de Deus Padre, Todo Poderoso, d'onde ha de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espirito Santo; na Santa Igreja Catholica; na communicação dos Santos; na remissão dos peccados; na resurreição da carne; na vida eterna. Amen.

CONFISSÃO DOS PECCADOS

Eu peccador me confesso a Deus, Todo Poderoso, e á Bemaventurada sempre Virgem Maria, ao Bemaventurado S. Miguel Archanjo, ao Bemaventurado S. João Baptista, aos Santos Apostolos, S. Pedro e S. Paulo, a todos os Santos, e a vós, Padre, que pequei muitas vezes, por pensamentos, palavras e obras, por minha culpa, minha culpa, minha grande culpa. Portanto peço e rogo á Bemaventurada sempre Virgem Maria, ao Bemaventurado S. Miguel Archanjo, ao Bemaventurado S. João Baptista, aos Santos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, a todos os Santos, e a vós, Padre, que rogueis por mim a Deus, nosso Senhor. Amen.

ARTIGOS DE FÉ

Os artigos de fé são quatorze: sete pertencem á divindade, e sete á humanidade de Nossò Senhor JESUS CHRISTO.

Os sete que pertencem á divindade são os seguintes:

- 1.º *Crer que ha um só Deus, Todo Poderoso.*
- 2.º *Crer que é Pai.*
- 3.º *Crer que é Filho.*
- 4.º *Crer que é Espirito Santo.*
- 5.º *Crer que é Creador.*
- 6.º *Crer que é Salvador.*
- 7.º *Crer que é Remunerador.*

Os sete que pertencem á humanidade são:

- 1.º *Crer que o Filho de Deus foi concebido por obra do Espirito Santo.*
- 2.º *Crer que nasceu de Maria, ficando ella sempre Virgem.*
- 3.º *Crer que foi crucificado, morto e sepultado.*
- 4.º *Crer que desceu ao limbo, para tirar as almas dos santos padres que estavam esperando a sua vinda.*
- 5.º *Crer que ao terceiro dia resurgiu dos mortos.*
- 6.º *Crer que subiu ao ceo, e está sentado á mão direita de Deus Padre.*
- 7.º *Crer que ha de vir, no fim do mundo, julgar os bons e os máos, e dar a cada um o que merecer.*

MANDAMENTOS DA LEI DE DEUS

Os mandamentos da lei de Deus são dez: os tres primeiros pertencem á honra de Deus, e os outros sete ao proveito do proximo.

- 1.º *Amar a Deus sobre todas as cousas.*
- 2.º *Não jurar pelo seu santo nome em vão.*
- 3.º *Guardar os Domingos e Festas de preceito.*

- 4.º Honrar pai e mãe.
- 5.º Não matar.
- 6.º Guardar castidade.
- 7.º Não furtar.
- 8.º Não levantar falso testemunho.
- 9.º Não desejar a mulher do seu proximo.
- 10.º Não cubicar as cousas alheias.

Estes dez mandamentos se encerrão em dois, que vem a ser: — amar a Deus sobre todas as cousas, — e ao proximo como a nós mesmos.

MANDAMENTOS DA IGREJA

Os mandamentos da Igreja são cinco:

- 1.º Ouvir missa aos Domingos e Festas de preceito.
- 2.º Confessar-se ao menos uma vez cada anno.
- 3.º Commungar pela Pascoa da Ressurreição.
- 4.º Jejuar quando manda a Santa Madre Igreja.
- 5.º Não comer carne ás sextas feiras e aos sabbados.

PECCADOS CAPITAES

Os peccados capitaes são sete:

- 1.º Soberba.
- 2.º Avareza.
- 3.º Luxuria.
- 4.º Ira.
- 5.º Gula.
- 6.º Inveja.
- 7.º Preguiça.

Ha sete virtudes contrarias a estes peccados:

- 1.ª Humildade contra a soberba.
- 2.ª Liberalidade contra a avareza.

- 3.^a *Castidade contra a luxuria.*
- 4.^a *Paciencia contra a ira.*
- 5.^a *Temperança contra a gula.*
- 6.^a *Caridade contra a inveja.*
- 7.^a *Diligencia contra a preguiça.*

OBRAS DE MISERICORDIA

As obras de misericordia são quatorze: sete corporaes e sete espirituaes.

As sete corporaes são:

- 1.^a Dar de comer a quem tem fome.
- 2.^a Dar de beber a quem tem sede.
- 3.^a Vestir os nus.
- 4.^a Visitar os enfermos e encarcerados.
- 5.^a Dar pousada aos peregrinos.
- 6.^a Remir os captivos.
- 7.^a Enterrar os mortos.

As sete espirituaes são as seguintes:

- 1.^a Dar bom conselho.
- 2.^a Ensinar os ignorantes.
- 3.^a Consolar os tristes.
- 4.^a Castigar os que errão.
- 5.^a Perdoar as injurias.
- 6.^a Sofrer com paciencia as fraquezas do nosso proximo.
- 7.^a Rogar a Deus pelos vivos e defuntos.

SACRAMENTOS DA IGREJA

Os sacramentos da Santa Madre Igreja são sete:

- 1.^o *Baptismo.*
- 2.^o *Confirmação.*
- 3.^o *Communhão.*

- 4.º *Penitencia.*
 5.º *Extrema-Unção.*
 6.º *Ordem.*
 7.º *Matrimonio.*

VIRTUDES THEOLOGAES

**As virtudes theologaes são tres:
 FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE.**

FÉ—É uma virtude sobrenatural, pela qual cremos firmemente nas verdades que Deus revelou, e que nos ensina por meio da sua Igreja.

ESPERANÇA—É uma virtude sobrenatural, pela qual esperamos firmemente de Deus a sua graça n'este mundo, e a gloria eterna no outro.

CARIDADE—É um dom sobrenatural, que nos faz amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como nós mesmos.



✎ Não permitindo o plano d'esta obra apresentar, em seguida, um **Resumo da Historia Sagrada**, de que muito convém ter conhecimento, poderão os estudiosos recorrer á que tem por titulo:

MIMO Á INFANCIA

OU

MANUAL DE HISTORIA SAGRADA

**Ornado de 100 lindas estampas, representando os principaes
 successos referidos no VELHO e no NOVO TESTAMENTO**



MORAL DA RELIGIÃO CHRISTÃ

Todos os homens são ir-
mãos.

*

Amai-vos uns aos outros.

*

Não façais a outrem
aquillo que não quizeréis
que se vos fizesse.

PRINCIPAES DEVERES DOS MENINOS

1.º O principal dever de um menino é ser obediente e grato a seus pais, em primeiro lugar, e depois a seus mestres, porque fazem as vezes d'aquelles, e com a sua direcção e disvelo, o instruem e habilitão a ser util a si e aos seus semelhantes.

*

2.º *Não deve ser importuno, fallador nem intrigante ou travesso, aliás tornar-se-ha objecto de odio, e não grangeará a afecção de pessoa alguma.*

*

3.º Deve fugir de ser mentiroso ou embusteiro, porquanto este vicio é improprio de homem honrado. O mentiroso não tem direito a ser tido em boa conta, por isso que engana os outros. Deve pois o menino dizer sempre a verdade, ainda que seja contra si, porque assim se tornará digno de perdão, e evitará o vexame que resulta da mentira, quando esta chegar a ser descoberta.

*

4.º *Um menino nunca deve faltar á sua palavra, visto que o homem honrado e de bons sentimentos, é escravo d'ella; cumpre religiosamente tudo aquillo a que se obriga, e é leal em todas as suas acções, conseguindo assim manter o seu credito, e ser justamente estimado de todos. Aquelle pois que falta á sua palavra e aos seus contractos, é olhado como um homem de má fé ou velhaco, e indigno da confiança e da consideração dos seus semelhantes.*

*

5.º Tampouco ha de ser murmurador, delator ou denunciante, descobrindo as faltas de seus companheiros e amigos; pelo contrario, dará lugar a ser considerado como espião ou inimigo. Deve pois ter sempre presente aquella sublime maxima

consignada no Evangelho: — **Não faças a outrem o que não quizeras que te fizessem.**

*

6.º *Convém ao menino ser estudioso e applicado, porque a sua idade é a mais propria para aproveitar o tempo no estudo. Se porém o não fizer, permanecerá toda a vida n'uma crassa ignorancia, que o tornará incapaz de emprehender carreira alguma decente, e será consequentemente o tormento de seus pais e parentes. A ignorancia é pois a origem dos nossos erros; e a miseria, a herança ordinaria dos ignorantes e d'aquelles que desprezão o estudo na sua mocidade.*

*

7.º No estudo que emprehender, deve ser constante, pois variando a cada passo, nada aprenderá: sendo baldados todos os sacrificios de seus pais para lhe darem a educação necessaria.

*

8.º *Um menino deve ser servical e condescendente, pois d'est'arte disporá a corresponder-lhe aquelles que receberem os seus obsequios.*

*

9.º Com os pobres e necessitados deve ser caritativo, por isso que a existencia d'estes infelizes depende unicamente da caridade dos seus semelhantes. É qual será o deshumano que possa vêr perecer á mingua um ente da sua especie, só por se não privar de uma diminuta parte do que possui, e que nenhuma falta lhe faz?

*

10.º *Não se deve ser soberbo nem vingativo, ainda quando receba alguma offensa, visto que estas paixões privão o homem da razão, e o conduzem a mil precipicios. Quantos infelizes não têm sido arrastados ao supplicio por não haverem feito uso, por um momento, da sua razão, deixando-se levar d'essas pai-*

xões? A vingança portanto só é propria de almas pequenas, dotadas de pouca razão, e que preferem o mesquinho desafogo de um momento á doce paz e harmonia que são necessarias para viver na sociedade. O que perdoa ao seu contrario, conquista a sua amizade; e se alguma vez se encontrão homens ingratos que não correspondem ao beneficio recebido, resta ao menos áquelle que o pratica, a satisfação de haver obrado generosamente. Tenhâmos pois sempre presente esta maxima: **Que o fazer bem é a melhor vingança.**

*

11.º Tampouco deve o menino ser invejoso, porque sendo a inveja um pezar do bem alheio, manifesta com tal pezar que quer o bem só para si, e torna-se aborrecido aos outros, que têm tanto direito como elle a esse mesmo bem. A inveja é pois um sentimento baixo e abjecto, que atormenta continuamente, até consumir aquelle que d'ella está possuido; envilece e perverte o coração; desperta ruins pensamentos, e expõe a grandes perigos, sem nenhum proveito nem utilidade.

*

12.º Finalmente não deve ser ambicioso, porque sendo a condição do ambicioso o querer tudo para si, é olhado como egoista, inimigo declarado dos seus semelhantes, o que attrahe continuamente ao homem desgostos e compromettimentos. O menino deve pois contentar-se com o que lhe derem, sem importunar para que lhe dêem mais, nem pretender o que é dos outros, visto que praticando assim, não os indisporá, e se tornará crédor da sua consideração.



PERGUNTAS DIVERSAS

P. Qual é o ente mais antigo, isto é, antes do qual nenhum existiu?

R. Deus, ou o Ente Supremo, porque sem principio nem fim, existe desde toda a eternidade.

P. Qual é a cousa mais bella?

R. O mundo, porque é obra do mesmo Deus.

P. Qual é a maior das cousas?

R. O espaço, porque contém tudo quanto foi creado.

P. Qual é a cousa mais constante?

R. A esperança, que é só o que resta ao homem quando chega a perder tudo.

P. Qual é a cousa, ou antes o bem de maior valia?

R. A virtude, pois que sem ella nada ha bom.

P. Qual é a cousa mais ligeira?

R. O pensamento que, n'um instante, se transporta de uma extremidade do universo á outra.

P. Qual é a cousa mais forte?

R. A necessidade, que faz arrostar todos os perigos da vida.

P. Qual é a cousa mais facil?

R. Dar conselhos aos outros.

P. Qual é a cousa mais difficil?

R. Conhecer-se a si mesmo.

P. Qual é a cousa que aonde uma vez entra, nunca mais sahe?

R. A suspeita.

P. Qual é a obra que nunca se póde acabar?

R. A que nunca se principiou.

P. A cousa que se estima depois de perdida?

R. A saude.

P. A melhor espada?

R. A prudencia, pois com ella se vence muita cousa.

P. A desculpa mais frivola?

R. Dizer: Tal não cuidei.

P. A cousa, que quando se perde, nunca mais se recupera?

R. A reputação.

P. Quaes são as tres cousas mais difficeis de executar?

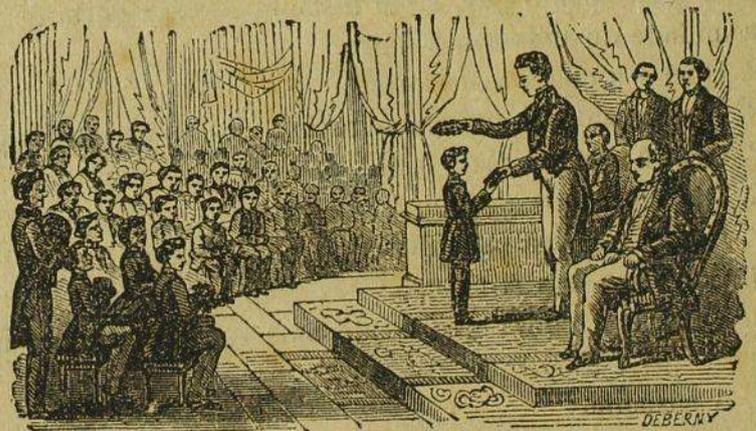
R. Guardar um segredo; esquecer-se de uma injuria, e saber bem empregar as horas vagas.

P. Quaes são os verdadeiros bens?

R. A saude, a boa reputação, o habito de trabalhar, a instrucção e os talentos.

P. Qual é o fim da educação?

R. Desenvolver a intelligencia; inspirar o amor da sabedoria e da virtude; formar homens religiosos, e cidadãos uteis á patria e a si mesmos.



MAXIMAS, SENTENÇAS E PENSAMENTOS MORAES

O temor de Deus é o principio da sabedoria.

*

O hypocrita acoberta-se sempre com o manto das virtudes.

*

Um rico sem liberalidade é uma arvore sem fructo.

*

A avareza é o castigo dos ricos ; um rico avarento é mais pobre que um indigente liberal.

*

O tempo é o thesouro do homem diligente e o fardo do ocioso.

*

O melhor modo de se vingar de um inimigo, é despreza-lo.

*

De todas as paixões, a do estudo é a mais constante e a menos sujeita ao aborrecimento.

*

O interesse desvia, muitas vezes, o homem do caminho da honra, da justiça e até mesmo da felicidade.

*

O perigo aproxima-se desde que a virtude se afasta.

*

Pomo-nos ao nivel da canalha, quando disputâmos com ella.

Aquelle que não admira cousa alguma, nada offerece digno de ser admirado. *

Vale mais adormecer sem cêa do que acordar com dividas. *

A mentira é o recurso das crianças, dos tolos e dos máos. *

Aquelle que perdeu a confiança, nada mais tem que perder. *

No mundo têm-se muitos conhecidos, e poucos amigos. *

Mil conhecidos não valem um amigo. *

Ha duas especies de homens com os quaes nada se deve ter de commum, a saber: os tolos e os máos. *

Deve-se capitular com a ignorancia e a toleima como com um inimigo superior em força. *

O trabalho remove o aborrecimento, o vicio e a miseria. *

Ganha-se sempre em ouvir um sabio. *

Quem não sabe ler nem escrever, é facilmente logrado por aquelles que têm essa vantagem. *

Os amigos que nos occultão os nossos defeitos, servem-nos menos que o inimigo que d'elles nos adverte.

A idade e a experiencia nunca tornão o homem tão perfeito, que he não reste que aprender. *

Perguntas se a formiga que está debaixo de teus pés tem direito de se queixar? Sim, ou tu não tens tambouco direito de te queixares se fores esmagado pelo elefante.

*

Vale mais ser juiz entre dois inimigos do que entre dois amigos; porque, no primeiro caso, adquire-se um amigo; no segundo, um inimigo.

*

É vergonhoso dizer aquillo que não é decente fazer.

*

Julgar que um inimigo fraco não póde fazer mal, é pensar que uma faisca não póde causar um incendio.

*

Vale mais emmagrecer com honra do que engordar com infamia.

*

Aquelle que fez um serviço, deve esquecer-se d'elle; o que o recebeu, deve tê-lo sempre na lembrança.

*

Uma unica mentira misturada com as verdades vem a torna-las todas duvidosas.

*

Um bom livro é um refugio contra as agitações, pois quando se abre, entra-se no sanctuario da paz.

*

Perde-se, muitas vezes, mais por fallar do que por estar calado.

Convém que procuremos agradar; mas deve-se ter sempre em vista que adular é enganar.

*

A sinceridade e a verdade são o fundamento de toda a virtude.

*

A razão é a arma do sabio; o ferro, a do mentecapto.

*

Aquelle que frequentar os bons tornar-se-ha melhor.

*

Quem faz conhecer o verdadeiro valor dos homens, é o talento.

*

A melhor herança que um pae póde legar a seus filhos, é uma boa educação e o exemplo das suas virtudes e boas acções.

*

Os mancebos são como as plantas; conhece-se pelos primeiros fructos o que d'elles se deve esperar para o futuro.

*

Não ha arma mais poderosa do que a virtude.

*

A esperança é o pão dos infelizes.

*

A natureza, dando-nos dois ouvidos e uma só lingua, nos ensina que devemos ouvir mais do que fallar.

*

A economia é a riqueza do indigente.

*

A instrucção é o adorno do rico e a riqueza do pobre.

Aquelle que te conta os erros dos outros, não deixará de contar aos outros os que tu commetteres.

*

Aquelle que é bom filho, é bom irmão, bom esposo, bom pai, bom amigo, bom visinho e bom cidadão.

*

A ingratição é a maior monstruosidade moral da natureza.

*

Os sabios fazem-se entender com poucas palavras, ao passo que os nescios fallam muito e nada dizem.

*

Ha tres especies de ignorancia: não saber cousa alguma; saber mal aquillo que se sabe; saber cousas alheias d'aquillo que se deve saber.

*

Bem sei, bem sei! Expressão de criança, que equivale a: Sou vaidoso, logo, nada quero aprender.

*

O prodigo rouba o seu herdeiro; o avaro rouba-se a si proprio.

*

A fome dá ao pobre o direito sagrado de importunar o rico.

*

Um só minuto basta para nos fazer passar da felicidade á desgraça.

*

Ninguem conhece melhor o valor do dinheiro do que aquelle que o pede emprestado.

*

A esperanza é o ultimo remedio que a natureza deixou a todos os males.

REGRAS UTEIS PARA SE OBSERVAREM NA VIDA

- 1.^a Não deixes para amanhã o que hoje podéres fazer.
- 2.^a Nunca te arrependas de teres comido pouco.
- 3.^a Não disponhas de dinheiro antes de o teres em teu poder.
- 4.^a Não compres cousa alguma, por barata que seja, se as não necessitares.
- 5.^a Evita o orgulho, que é peor que a fome, a sêde e o frio.
- 6.^a Não consintas que os outros fação aquillo que te fôr possível fazer.
- 7.^a Trabalha com gosto, e o trabalho te custará menos.
- 8.^a Não te mettas nunca a fallar senão d'aquillo que tiveres estudado cuidadosamente, se quizeres occultar a tua ignorancia.
- 9.^a Ouve muito, e não falles senão a proposito.
- 10.^a Sê avido do saber, e virás a ser sabio.
- 11.^a Se estás aborrecido, conta até dez antes de responderes; se estás offendido, conta até cem.
- 12.^a Estuda attentamente tudo quanto disser respeito a tua profissão, e virás a sobresahir n'ella; sê laborioso e economico, e chegarás a ser rico; sê frugal e parco, e conservarás a tua saude; sê justo, e não temerás a eternidade.

PAIXÕES

Paixão é um movimento da alma excitado por um objecto; uma força impulsiva que arrasta independentemente da vontade. As paixões são boas ou innocentes, más ou viciosas: boas quando, reguladas pela razão, nos inclinão a amar o verdadeiro bem, e a aborrecer o verdadeiro mal; e más, quando se abusa d'ellas, isto é, quando são oppostas á recta razão. No primeiro caso, são a origem das virtudes, e no segundo, do vicio. Se pois appetecemos o máo como o bom, ou aborrecemos o bom como máo, então as paixões são desordenadas, e o mais fecundo manancial dos nossos extravios.

O homem dominado por uma paixão violenta, deve, para sacudir esse jugo, excitar a paixão contraria. O mancebo, por exemplo, arrastado pela ociosidade deve representar-se na sua alma as doces consequencias do trabalho, e as funestas da ociosidade, até que chegue a detestal-as, e amar uma vida laboriosa, para ser util a si mesmo, á sua familia, á sua patria e á sociedade inteira. Aquelle pois que se entrega á força das suas paixões, fica como cego, e expõe-se á dôr, ao arrependimento, á desgraça, e não poucas vezes á perda do que tem mais caro n'esta vida.

PRAZERES

Os divertimentos honestos são licitos para restabelecer o corpo e a alma das suas fadigas.

Entre outros, devem ser preferidos os que nos põem em movimento, e fazem exercitar as forças, porque são os mais saudaveis, e aquelles que mais contribuem para tornar-nos ageis e robustos.

As crianças devem fugir, com o maior cuidado, dos jogos de cartas, dados e outros semelhantes, para se não acostuma-

rem a tomar o jogo por occupação, nem se entregarem a esta desenfreada paixão, que a tantos faz consumir miseravelmente a maior parte da sua vida, arruinar as suas casas e commetter até os maiores crimes.

GULA

É uma paixão desordenada no comer e beber que nos prejudica de muitos modos. Primeiramente, comer e beber cousas insalubres, é por extremo prejudicial á saude, podendo até dizer-se que a maior parte das molestias de que somos atacados, provém dos excessos que a este respeito commettemos. Em segundo lugar, a desordem na comida e bebida entorpece o corpo e a alma juntamente, e diminue a sua aptidão para obrar. Em terceiro lugar, o demasiado prazer em comer e beber é a causa de muitos desperdiçarem os seus bens, e debficarem assim reduzidos á mendicidade. Convém portanto que tenhamos sempre presente o proverbio: *Que devemos comer para viver, e não viver para comer.*

PUDOR

Define-se o pudor um sentimento de respeito a tudo quanto é honesto e decente; pejo de tudo quanto possa offender a decencia ou a modestia. Considera-se o pudor como uma virtude, porque não sendo o pudor outra cousa mais do que o pejo de certas acções, mantem a alma e o corpo em todos os habitos uteis á boa ordem, e á conservação de nós mesmos.

O pudor é o adorno mais precioso de uma pessoa de poucos annos, e do homem em geral.

OCIOSIDADE

A ociosidade, como diz o adagio, é a mãe de todos os vicios.

É necessario pois acostumar-se a vencer a preguiça, evitar a ociosidade, e applicar-se a cousas uteis e louvaveis.

Esta applicação, a todos necessaria, o é ainda mais áquelles que tem de alimentar-se com o suor do seu rosto. Se se não acostumão cedo ao trabalho, nem aprendem algum officio, acontece que, ao passo que vão crescendo, se achão cada vez mais miseraveis; de modo que a sua mesma miseria os leva, algumas vezes, a commetter toda a especie de delictos, acabando de ordinario nas mãos da justiça.

INSTRUCCÃO

Dá-se o nome de instrucção, em geral, ao complexo de conhecimentos que se adquirem com a applicação, e que nos habilitão a fallar ou escrever sobre qualquer assumpto; dando assim uma evidente prova do fructo que tirámos dos nossos estudos. Aquelle infeliz pois que não tem instrucção alguma, vive sujeito a milhares de erros, e até mesmo a muitas desgraças.

EGOISMO

É um excessivo amor proprio, que faz com que nos não guiemos senão pelo nosso proprio interesse, esquecendo-nos totalmente dos outros.

Póde-se chamar ao egoista um ladrão subtil, que pretende apoderar se de tudo, e não restituir cousa alguma.

Similhante aos vis zangãos que se introduzem nos cortiços das abelhas para lhes comerem o mel que não elaborarão, assim procura o egoista usurpar todas as vantagens da sociedade, sem lhe supportar os encargos.

DOCILIDADE

A docilidade é uma disposição natural a receber, com docura e reconhecimento, os conselhos das pessoas esclarecidas. A docilidade é tambem algumas vezes o fructo da reflexão e do amor da verdade. Deve sempre ser dirigida pelo raciocinio, e é essencialmente necessaria aos mancebos, os quaes, não podendo guiar-se por si mesmos, devem necessariamente

deixar-se guiar por aquelles que os excedem em experiencia e instrucção.

ORGULHO

É o sentimento habitual que resulta em nós da alta idéa que fazemos da extensão e superioridade do nosso merecimento, e que nos inclina a julgar-nos dignos de respeito, admiração e louvor dos outros, e talvez a menosprezal-os.

O orgulho pois é o mais ridiculo de todos os vicios.

O orgulhoso ou soberbo, abatendo e humilhando os outros com a ostentação da sua quimerica superioridade, os obriga, muitas vezes, a indagações cujo resultado é fazer patente a sua insignificancia.

CIVILIDADE

A civilidade é um testemunho exterior de benevolencia, atenções e deferencia. É propriamente uma disposição habitual que nos faz evitar no commercio da vida e no trato com os homens tudo o que póde offendêl-os ou desagradar-lhes.

A civilidade é o signal distinctivo de uma boa educação, e dispõe logo os outros em nosso favor.



EM QUE CONSISTE A FELICIDADE

A felicidade n'este mundo não consiste em possuir muitas riquezas e honras, mas sim em ter o espirito socegado e satisfeito. Qualquer cidadão ou artista, podendo viver honradamente com o producto do seu trabalho, e contente com a sua sorte, é tão feliz como o maior monarca. Para conseguir esse socego d'espírito e esse contentamento, é necessário, em primeiro lugar, pensar bem, e obrar com recludão, porque o homem máo vê-se sempre perseguido pelos remorsos da consciencia, que perturbão a sua felicidade interna, e está exposto á inimizade dos outros homens e aos castigos que estes lhe podem dar n'esta vida, além das penas eternas que na outra o esperão. Em segundo lugar, é preciso que aquelles que são pobres aprendão um officio, ou escolhão alguma profissão com que possão ganhar a vida honestamente; devendo os proprios ricos applicar-se com affinco ao estudo, para poderem ser uteis á sua patria, empregar agradavelmente o seu tempo, e evitar o aborrecimento, companheiro inseparavel da ociosidade, e o maior tormento imaginavel. Em terceiro lugar, convem evitar todos os males, tanto moraes, como fisicos, abstendo-se de tudo quanto possa produzir afflicções no animo, ou enfermidades no corpo. E quando apesar de todo o nosso cuidado, não pudermos evitar nem as afflicções nem as enfermidades, não devemos succumbir, mas antes soffrel-as com valor e procurar, quanto antes, remedial-as ou compensal-as. Em quarto lugar, devemos estar satisfeitos com os bens que Deus nos deu, e que pudermos alcançar com o nosso trabalho, sem ambicionarmos possuir mais. Os desejos desregrados são os nossos maiores inimigos porque occupando-nos incessantemente com o afan de conseguir o que não temos, não nos permitem gozar socegradamente aquillo que possuimos.

Da moral

A moral é a doutrina das costumes, isto é, a sciencia que ensina a dirigir as acções da homem para o bem. O seu fim portanto é inspirar-nos a horror do vicio, o amor da virtude, e traçar-nos a caminha que conduz á felicidade. Assim como a sociedade deve ser util a cada um de seus membros, assim tambem é justa que cada um d'estes seja util á mesma sociedade.

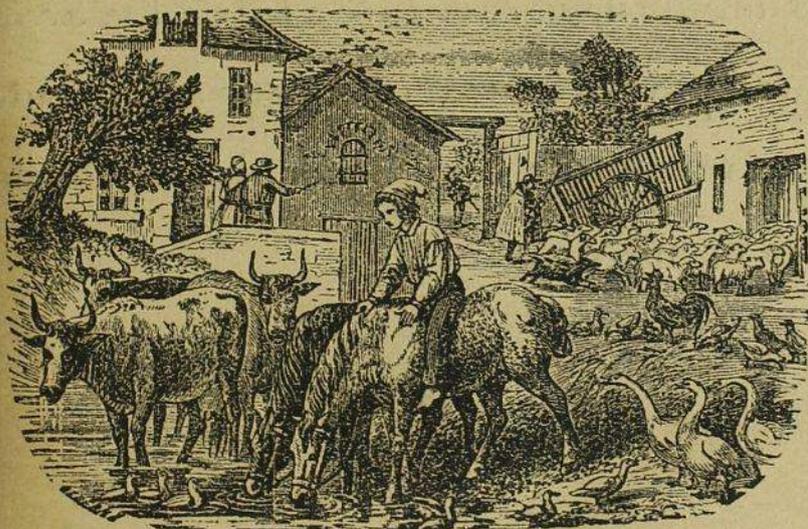
Ser pois virtuosa, é ser util; ser viciosa, é ser inutil ou prejudicial; logo a homem sem moral é um ente desprezivel e muito perigoso.



Da consciencia

A consciencia é um sentimento intimo da alma, pelo qual ella approva ou condemna as nosas boas ou más acções, guiada sómente pela simples luz da razão; d'ahi nasce a satisfação que experimentâmos, quando praticâmos bem, ou uma inquietação que nos atormenta, quando praticâmos mal.

O homem não pôde portanto ser feliz, quando a consciencia o accusa: os remorsos que ella lhe occasiona, são outros tantos inimigos que lhe envenenão os prazeres.



Da virtude

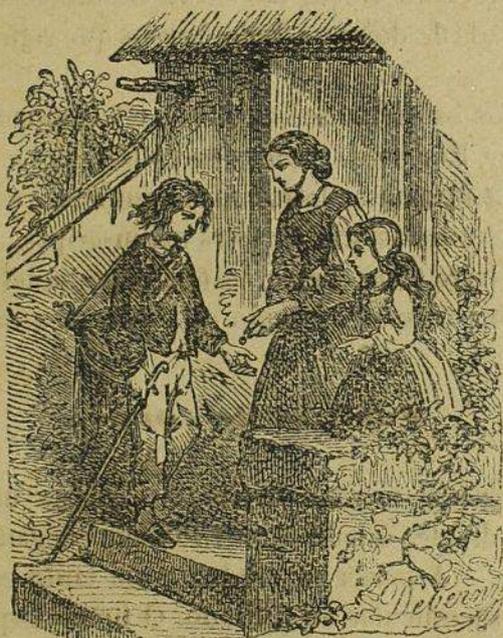
A virtude, em geral, é a constante applicação de todas as nossas acções ao bem commum, ou a disposição permanente de fazer tudo quanto é util aos outros e a si mesmo. O amor de Deus é a origem das virtudes christãs; o amor dos homens é o principio de todas as virtudes moraes. Dá-se tambem o nome de virtude a toda a boa acção que se pratica com sacrificio, e ao soffrimento, e com resignação, de qualquer adversidade que nos aconteça.



Do vicio

Vicio é uma disposição habitual para o mal, isto é, para tudo quanto é opposto ás leis naturaes, aos deveres, aos bons costumes.

Ora, sendo o vicio o contrario da virtude, deve-se fugir d'elle como da peste.



REGRAS DE ESCRIPTA

A *escripta* é a arte de representar os sons da voz por meio de signaes chamados letras. Essas letras, collocadas pela ordem estabelecida, constituem o alphabeto de cada lingua. O nosso alphabeto consta de vinte e cinco letras, como já ficou dito, ás quaes se deve juntar, algumas vezes, o *W*, que se emprega nas palavras estranhas á lingua portugueza.

Consiste pois a *escripta* em traçar bem as letras, assim como os signaes particulares : de **pronunciação**, (os *accentos*) — d'**elisão**, (o *apostrofo*) — de **pontuação**, (o *ponto*, a *virgula*) etc.

Esta arte de bem traçar as letras chama-se *Calligraphia*, palavra derivada de dois vocabulos gregos que significam : *Bella escripta*.

São diversos os methodos que se tem imaginado para ensinar a escrever. Em geral, começa-se pelos *riscos e ligação*; passa-se depois a formar as letras mais simples, e a final as mais difficeis. Ha tres caracteres de letra manuscrita, a saber : *bastardo*, que é letra mais cheia ; *bastardinho*, ou letra media entre o *bastardo* e o *cursivo*, sendo esta ultima a mais pequena de todas.

Posição do corpo

O corpo deve-se manter direito, e a cabeça um pouco inclinada para diante, o lado esquerdo mais chegado á meza do que o direito.— A perna esquerda algum tanto estendida, e o pé direito perpendicular ao sobrado. O braço esquerdo collocase, não parallelamente á borda da meza, mas sim obliquamente, por isso que essa posição é a mais natural, e segura-se o papel com a mão esquerda.

Como se deve pegar na penna

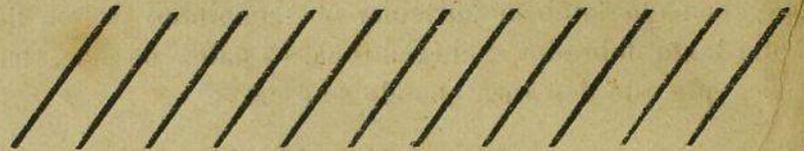
Pega-se na penna com os tres primeiros dedos da mão direita, a saber : o dedo pollegar, o index ou mostrador, e o dedo do meio ou maximo.— Os dedos annular e o minimo (este ultimo chamado tambem auricular ou meiminho) devem ficar algum tanto dobrados, e chegados para a palma da mão, sendo n'elles que esta descança quando se escreve.

Advertencia

Logo que o principiante souber pegar na penna, e dirigil-a sem o auxilio do professor, executará os seguintes exercicios pela ordem em que se apresentão. Não se deve perder de vista que a qualidade mais essencial da *escripta* é ser legivel, embora o talhe não seja bonito, e que o estudo e a copia dos melhores traslados calligraphicos, assim como as explicações do Professor ensinarão mais do que todas as regras que aqui se podessem dar.



1.º Exercício



2.º Exercício



3.º Exercício



4.º Exercício



5.º Exercício



6.º Exercício

n n n n n n n n

7.º Exercício

m m m m m

8.º Exercício

v v v v v v v v

9.º Exercício

u u u u u u u

10.º Exercício

o o o o o o o o o o

11.º Exercício*a a a a a a a a***12.º Exercício***c c c c c c c c c c***13.º Exercício***e e e e e e e e e e***14.º Exercício***x x x x x x x***15.º Exercício***s s s s s s s s s s*

16.º Exercício

Z Z Z Z Z Z Z

17.º Exercício

LETRAS QUE PASSÃO DA LINHA SUPERIOR

A letra *t* tem corpo e meio d'altura, e dois corpos e meio as outras letras que passam tanto da linha superior como da inferior.—A medida de um corpo, n'este caso, é o espaço contido entre as duas linhas paralelas dentro do qual se formão as outras letras.

tttttttttttt

18.º Exercício

llllllllll

19.º Exercício

bbbbbbbbbb

20.º Exercício

d d d d d d d

21.º Exercício

h h h h h h h

22.º Exercício

k k k k k k k

23.º Exercício

p p p p p p p

24.º Exercício

S S S S S S S S

25.º Exercício

y y y y y y y

26.º Exercício

q q q q q q q q

27.º Exercício

g g g g g g g g

28.º Ejercicio

LETRA INGLEZA MINUSCULA

a b c d e f g
h i j k l m n
o p q r s t u v
w x y z

ALGARISMOS

29.º Ejercicio

1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

30.º Exercício

LETRA INGLEZA MAIUSCULA

A B C D E

F G H I K

L M N O P

Q R S T U

V W X Y Z

BASTARDO

31.º Exercício

Valente. Bem.
Avante. Fiel.

Nada ha mais bello que a
religiao de Christo; perdoã o crime
arrepellido; consola o infeliz, e as-
segura ao crente a eterna ventura.

CURSIVO

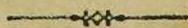
33.º Exercício

O castigo entra no coração do homem desde o momento em que elle commette o crime. — A arrogancia ao infeliz suffoca a piedade. — O acaso pôde tirar o que o acaso dá. — Um bom livro é um legado que seu auctor deixa á posteridade. — Aquelle que não cuida senão em si, nada deve esperar dos outros.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 0

LETRA GOTHICA MAIUSCULA

A	B	C	D	E	F	G
H	I	J	K	L	M	N
O	P	Q	R	S	T	U
V	X	Y	Z			



LETRA GOTHICA MINUSCULA

a	b	c	d	e	f	g
h	i	j	k	l	m	n
o	p	q	r	s	t	u
v	x	y	z			

EXERCICIOS

Aquelle que pela manhã deu ouvidos á voz da virtude, pôde morrer á noite, e não se arrependirá de ter vivido.

Quem persegue o homem de bem, faz guerra ao Ceo.

A tristeza e a dor mitigão-se com o somno.

O tempo perdido difficilmente se recupera.

Muitas vezes vale mais perdoar as culpas do que castiga-las.

O tempo traz sempre remedio para as cousas que parecem incuraveis.

A civilidade ensina à dissimular para não ofender.

Um beneficio que se faz demasiadamente esperar, chega frio, e não é tão apreciado.

O silencio é o espirito dos tolos, e uma das virtudes do sabio.

Os mancebos dizem o que fazem; os velhos o que tem feito, e os tolos o que hão de fazer.

O premio mais nobre da sciencia é o prazer d'illustrar a ignorancia.

Discorrer com um tolo é apresentar uma luz a um cego.

Fazer dividas é privar-se antecipadamente do dinheiro que se ha de receber.

O homem indiscreto é como uma carta aberta: todos a podem ler.

Vale mais expôr-se á ingratidão do que deixar de acudir á desgraça.

A probidade é a virtude dos pobres: a virtude deve ser a probidade dos ricos.

A prudencia vale muitas vezes mais do que o valor.

Uma boa reputação é um segundo patrimonio.

A riqueza é muitas vezes o passaporte da toleima.

O perfeito valor consiste em fazer sem testemunhas aquillo que se faria diante de muita gente.

A necessidade é o verdadeiro mestre: ensina mais n'um dia que todos os livros em dez annos.

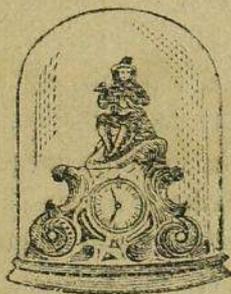
A fortuna dos ricos, a gloria dos heroes, a magestade dos Reis, tudo acaba por: **—Aqui jaz.**



REGRAS PARA QUEM QUIZER VIVER EM PAZ

D. JOÃO MANOEL, Alcaide-mór de Santarem e Camareiro-Mór d'ElRei D. MANOEL, escrevendo a PEDRO HOMEM, Estreleiro-Mór do mesmo Rei, lhe dá o seguinte conselho:

Ouve e calla;
 E viverás vida folgada;
 Tua porta cerrarás;
 Teu vizinho louvarás;
 Quanto podes não farás;
 Quanto vês não julgarás;
 Quanto ouves não crerás;
 Se queres viver em paz.



DA HISTORIA NATURAL

A Historia Natural é a sciencia que tem por objecto o conhecimento dos corpos organicos e inorganicos que compõe o nosso globo, e divide-se em tres partes a que chamão *Reinos* da natureza; a saber *Reino animal*, *Reino vegetal* e *Reino mineral*.

O *Reino animal* comprehende todos os animaes, ou entes animados, taes como o homem, os quadrupedes, as aves, os peixes, os reptis, os insectos, os amphibios e os vermes.

O *Reino vegetal* abrange todas as substancias que vegetão, ou se alimentão da terra, como as arvores, os arbustos, as flores, as hervas, as plantas de toda a especie.

O *Reino mineral* comprehende as substancias inorganicas, ou que não tem organização nem vida, e não crescem senão por juxtaposição, isto é, por camadas sobrepostas umas ás outras, como as pedras, os metaes, etc.

A *Zoologia* é a sciencia que trata dos animaes e sua classificação; a *Botanica*, a que se occupa dos vegetaes, e a *Mineralogia*, dos mineraes.

O sabio LINNEO distinguio os tres *Reinos da natureza* do seguinte modo :

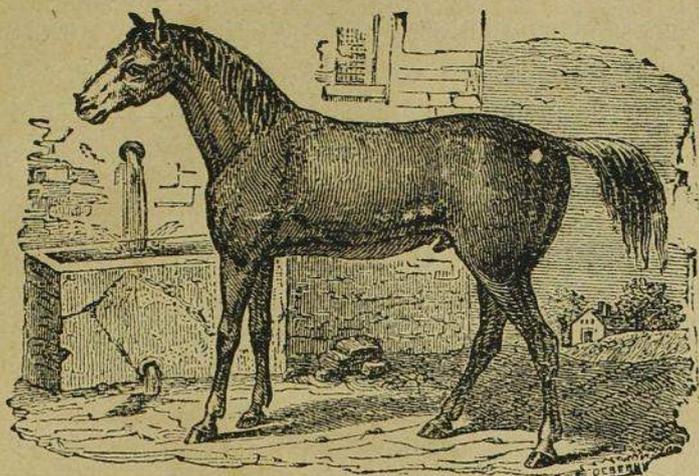
Os *Mineraes* crescem.

Os *Vegetaes* crescem e vivem.

Os *Animaes* crescem, vivem e sentem.

Chamão-se *Quadrupedes*, os animaes de quatro pés, como o cavallo, o lobo, etc.; *Aves*,— aquelles que tem pennas e azas, como o melro, a rola, etc.;— *Peixes*, os animaes que vivem n'agua, como a pescada, o pargo, etc.;— *Reptis*, aquelles que andão ou parecem andar de rastos, como a serpente, o lagarto, etc.;— *Insectos*, os animaes, cujo corpo está dividido como em aneis, taes são as borboletas, moscas, aranhas, etc.;— *Amphibios*, os animaes que vivem tanto n'agua como em terra, como o crocodilo, a lontra, etc.;— *Vermes*, os bichos que se crião na terra, na fructa, etc., como as minhocas, etc.

O CAVALLO



O **cavallo** é o mais nobre e o mais util de todos os animais que o homem sujeitou ao seu serviço. Sem ter toda a sagacidade do elefante, possui esta qualidade em alto gráo; é docil e susceptível de afeição. Conhece a sua cavalharia, os seus companheiros, o lugar onde uma vez esteve parado, e acha facilmente o caminho na estrada por onde já passou.

Os numerosos serviços que nos presta são tão conhecidos, que julgámos ocioso enumeral-os.

É difficil designar a terra primitiva do **cavallo**. Muitos pretendem que foi a Arabia, donde são os mais estimados; porém achão-se em qualquer parte do globo, excepto para o Pólo arctico.

Entre os Tartaros, vêem-se grandes manadas d'estes animaes no seu estado natural. São de uma raça pequena, extremamente ligeiros, e, na carreira, de uma rapidez admiravel. Não consentem nas suas manadas nenhum animal estranho, ainda mesmo da sua especie. Se algum **cavallo** domestico intenta juntar-se com elles, cercão-n'o immediatamente, e o obrigão a tomar uma prompta fuga.

Em belleza, passam os **cavallos** inglezes por superiores aos de todas as outras partes do mundo. São mais robustos que os **cavallos** arabes, e mais fogosos que os da Persia. Os **cavallos** hanoverianos, francezes, andaluzes e mecklemburguezes são corpulentos, bonitos e optimos para carruagens.

Pelo que respeita aos **cavallos** portuguezes, não devemos deixar de mencionar, principalmente os da raça d'Alter, muito semelhantes aos andaluzes, e que servem não só para cavallaria, mas tambem para tiro.

O TOURO

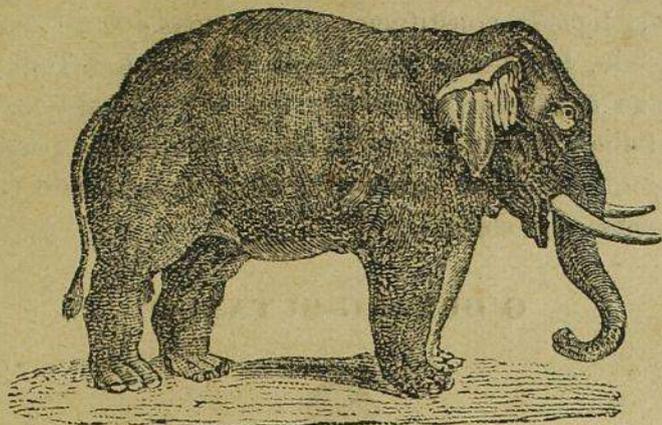


O **teuro** é um animal valente, que se torna temivel quando é provocado. No estado domestico, chama-se **boi**. — Este animal, da classe dos ruminantes, é de um natural lento e pezado. Tão vigoroso como docil, torna-se de grande utilidade para a economia domestica. O **boi** é proprio para toda a sorte de trabalhos de lavoura, e o seu serviço e utilidade são demasia-mente conhecidos. A carne dá-nos um sustento substancial, e a pelle convertida em couro, serve para calçado e outros diferentes usos.

Ha **bois** em todas as partes do mundo: os do Egypto, sobre as margens do Nilo, tem a alvura da neve; são mui corpulentos e de tal docilidade, que o homem os guia como quer — os **bois** forão levados pelos europeus á America.

No Riba-Tejo ha manadas de formosos **touros**, que servem não só para a lavoura, mas tambem para divertimento d'aquelles que gostão de ver tourear.

O ELEFANTE



O **elefante** é não só o maior, mas até o mais forte de todos os quadrupedes. Não é nem feroz nem máo; pelo contrario, é pacifico e manso, e só emprega a força em propria defesa. Acha-se na Asia e na Africa, e chega a ter desde sete até dezoito pés de altura, mas commummente anda por doze até quinze. Na apparencia, é o mais disforme dos animaes.

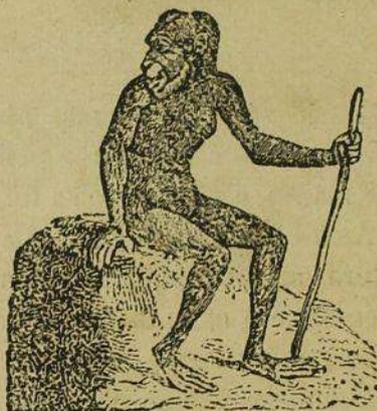
Um corpo grosso e monstruoso, côr cinzenta, pelle callosa e sem pello, pernas colossaes, que parecem formadas para se não moverem, pescoço teso e curto, olhos excessivamente pequenos, em razão do seu volume, orelhas largas, pendentes e uma tromba de fôrma irregular, eis-aqui o exterior do **elefante**.

Os olhos, apesar da sua pequenez, tem uma variedade de expressão superior á de qualquer outro animal; tem o sentido de ouvir muito apurado: um olfato mui delicado; gosta das flores, colhe-as, e respira, com extasis, o seu perfume; em tacto, pôde dizer-se que até excede ao mesmo homem. Este sentido existe principalmente na tromba ou focinho mui compri-

do, que acaba em duas aberturas ou ventas semelhantes ás do porco; move-se em todo o sentido, e na extremidade, por baixo das ventas, ha uma excrescencia semelhante a um dedo, com que faz o que quer, como arrancar um pinheiro, desatar o nó de uma corda, etc.

Os dois enormes dentes d'este animal, absolutamente improprios á mastigação, constituem as suas armas defensivas. Sendo domesticado, torna-se o mais docil dos animaes. Tem grande affeição ao conductor, parecendo que só vive para servil-o e obedecer-lhe. Aprende com facilidade a ajoelhar para que o carreguem, e se possa subir para cima d'elle, sendo fagueiro com aquelles que conhece.

O OURANG-OUTANGO



O **ourang-outango** é o maior da especie dos macacos: a sua muita similhaça com o exterior humano faz com que muitas vezes o denominem homem dos bosques; o nariz é contudo mais chato, a testa mais obliqua, e a barba sem elevação na base; os olhos são muito juntos, e a distancia entre as ventas e a bôca é muito maior. Quanto á sua conformação interior, notão-se n'ella differenças essenciaes, o que bem prova que, apesar da sua affinidade apparente com o homem, existe um intervallo immenso entre estas duas especies.

Os **ourang-outangos** que até hoje se tem visto na Europa, raras vezes tem excedido a cinco palmos de altura ; mas dizem que os maiores tem perto de seis ; são muito activos, e de uma força prodigiosa. A sua côr, em geral, é de um cinzento escuro, e não tem pello nos pés. Andão em bandos, e se acontece encontrarem algum individuo da especie humana isolado e indefeso, caem sobre elle com o maior furor ; atrevem-se mesmo a atacar o elefante que encontrão só, e o obrigão a sair do terreno que considerão sua propriedade. Sustentão-se de fructos, raizes e vegetaes, e estando proximos da agua, comem peixe e caranguejos.

O **ourang-outango**, sendo domesticado, desenvolve uma grande sagacidade, e imita fielmente os costumes e acções d'aquelles com quem vive. Parece que perde então toda a sua ferocidade, e adquire um grão de affeição muito particular pela especie humana.

Andão arrumados a um páo, e quando os acommettem, defendem-se ás pedradas. Achão-se macacos e **ourang-outangos** na Asia, Africa e America.



A AGUIA

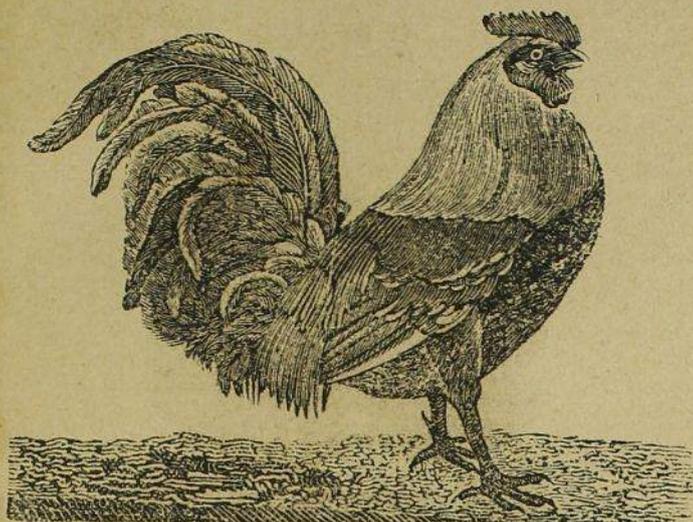


A **aguia** é a mais nobre das aves de rapina e reputada a rainha das aves, em razão de sua força. Vive só com a sua companheira, escolhendo para ninho o cume dos rochedos escarpados, assim como as ruínas de edificios isolados, e não se alimenta senão com carne palpitante. A femêa faz a sua postura no decurso de trinta dias, e nunca põe mais de dois ou tres ovos. Esta ave vive muitos annos. Ha varias especies de **aguias**: a **aguia** real é a maior e a mais magestosa.

Algumas nações da antiguidade, e principalmente os Romanos, tinham por estandarte a figura de uma **aguia**.

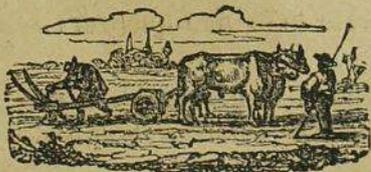


O GALLO

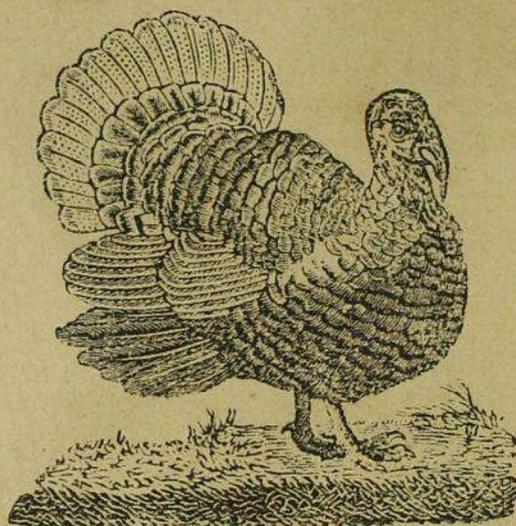


Tanto o **gallo** como a **gallinha**, sua companheira, nos são bem conhecidos. Nenhum animal mostra mais valor e al-tivez contra outro da sua especie: e ainda hoje em alguns pai-zes constitue uma parte dos divertimentos publicos o **com-bate dos gallos**. Na China e na India os Reis e os Prin-cipes não se peção de entregar-se a este barbaro divertimento. Em Inglaterra cheção até a fazer-se apostas avultadissimas, e a armar com esporões de ferro os dois contendores, para mais facilmente se poderem dilacerar.

O **gallo** ama muito a sua companheira, e a defende reso-luto, cantando depois da sua victoria. Tem-se visto accomet-terem um milhafre e afugental-o, para livrarem a **gallinha** e os **pintos** das garras d'aquelle animal destruidor.



O PERU



O **peru** é da familia das gallinaceas. Seu nome, segundo alguns escriptores, provém do Peru (Região da America Meridional), d'onde pretendem que é originario (1). Ainda que mui friorento, vive em grandes bandos nas selvas do Canadá cobertas de neve as tres quartas partes do anno, e em varios outros pontos da America Septentrional. O **peru** enfurece-se facilmente, e persegue muitas vezes os cães e as crianças ás bicadas: depois de haver afugentado o objecto que perseguia, manifesta o seu triunfo e a sua alegria, pavoneando-se, e gorgorejando ao pé da femea, e n'este estado fórma um leque com a cauda, como se vê na estampa supra.

A **perua**, quando põe, tem o cuidado de occultar os ovos ao **peru**, para este lh'os não quebrar: sendo tal a sua per-

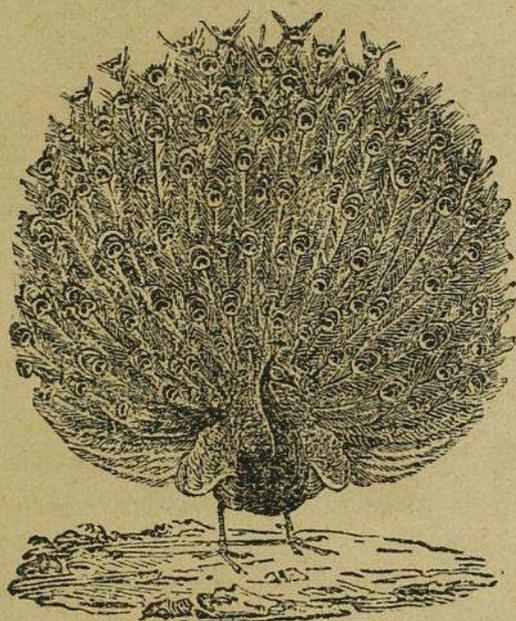
(1) Lê-se no vocabulario de *Bluteau*, na palavra *Peru*, que *Varro*, *Columella*, *Plinio*, que esrevêrão antes do descobrimento da America, fazem tambem menção d'esta ave.

severança, em quanto está no choco, que muitas vezes chega a morrer de fome em cima d'elles.

Os machos são maiores do que as femeas, porém estas mais tenras e gostosas: os **perus** bravos são muito maiores do que os mansos.

O primeiro **peru** que appareceu em França, foi servido nas bodas de Carlos IX. Dizem que esta ave fôra trazida a Inglaterra em 1525, no reinado de Henrique VIII, e á Allemanha, no anno de 1530.

O PAVÃO



Esta formosa ave, da classe das gallinaceas, é originaria da Asia, onde se encontra aos bandos nos mattos, assim como na Africa; porém os mais bellos cobrem as vastas planicies da India, e as margens do Rio Ganges. No tempo da antiga cavallaria, servia-se um **pavão real** assado, sobre o qual juravão os cavalleiros praticar algum illustre feito de armas; sendo para elles sagrado um tal juramento.

A belleza do **pavão** consiste principalmente na cauda, quando está aberta, como se vê na estampa que aqui se dá; e tanto as pennas de que a mesma cauda se compõe, como as diversas côres que embellezão a sua plumagem, produzem juntas o mais lindo effeito.

A femea, ainda que provida de cauda, não tem as brilhantes côres dos machos. Põe cinco até seis ovos em lugares occultos, e está no choco de vinte e cinco a trinta dias, segundo os climas e o grão de calor da Estação.

Os **pavões reaes** brancos são raros.

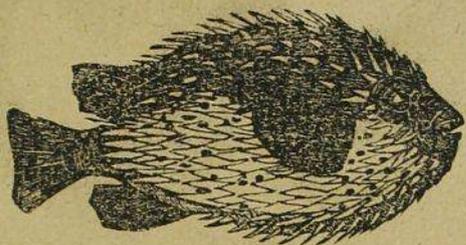
A POUPA



A **poupa** habita o Egypto, o Cabo da Boa Esperança, as Ilhas de Ceylão e de Java, as Ilhas Canarias, os grandes bosques da Suecia, e vive de insectos. A femea não faz ninho, e põe os ovos na concavidade de alguma arvore, ou mesmo no chão, onde os choca. Parece maior do que na realidade é, em razão das muitas pennas que a cobrem. Tem uma linda poupa, ou especie de topete, formada de pennas compridas côr de ouro e pretas, que levanta e abaixa quando quer. As pennas do pescoço são avermelhadas; as do peito e do ventre, brancas; as

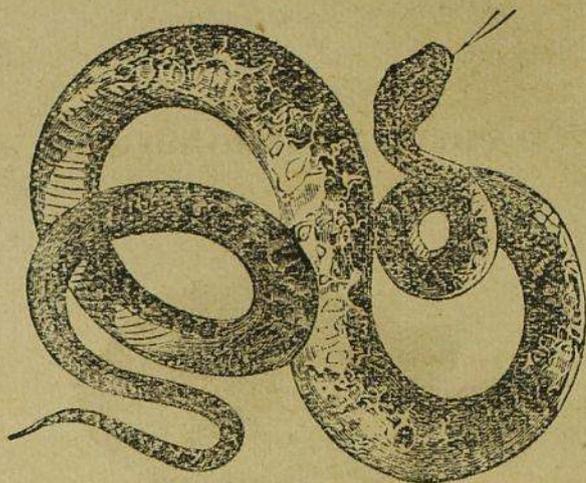
do espinhaço e das azas, dispostas em listas brancas e pretas; a cauda compõe-se de pennas azuladas. Em Portugal, ha tambem esta ave, mas differe algum tanto nas côres.

O PORCO ESPINHO DO MAR



Dos espinhos de que este peixe é armado lhe provém o nome de **porco espinho**. Tem os lados e a barriga brancos, o costado azul, e as barbatanas cheias de manchas escuras e de listas esbranquiçadas. Habita as costas da America, do Japão e do Mar Vermelho. Em New-Yorck, onde este peixe só apparece de Verão, pescão-n'ò ao anzol por divertimento. Approxima-se da linha, e dá muitas voltas ao redor d'ella, até que a final vem a pegar na isca; mas largando-a immediatamente, afasta-se algum tanto. Depois volta, e engole a isca com o anzol: então vendo-se apanhado, enfurece-se, irriça os espinhos, incha a barriga, e procura ferir tudo quanto d'elle se aproxima. Como estes meios lhe não aproveitem, recorre á astucia, abaixa os espinhos, em signal de submissão, comprime o corpo, e mostra-se tão macio como uma luva; quando porém este segundo recurso tampouco lhe aproveita, volta á primeira attitude defensiva, redobra a sua raiva, e os seus vigorosos espinhos lhe cobrem de tal modo o corpo, que não é possível tocar-lhe com a mão: então levão-n'ò a alguma distancia, onde o deixão debater na praia até que morre.

A GIBOIA OU BOA

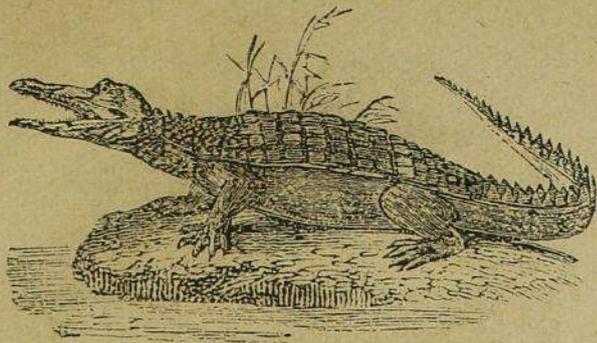


A **giboia** ou **boa** acha-se na Africa e na India. É a maior e mais vigorosa de todas as serpentes; chega algumas vezes a ter sessenta palmos de comprimento, e uma grossura em proporção; ataca sempre de frente, e só quando é obrigada pela necessidade, lança-se a grandes quadrupedes, como bufalos, touros, etc., e enroscando-se em torno d'elles, esmigalha-lhes os ossos, e engole-os gradualmente, começando pela parte que lhe apresenta menos resistencia.

A voracidade da **giboia** é muitas vezes causa da sua morte. Quando acaba de devorar a sua preza, fica n'um estado de inercia e abatimento absoluto; procura então um retiro onde possa digerir socegradamente a sua monstruosa refeição; e n'esse estado, qualquer esforço basta para destruil-a, por isso que não póde fazer a menor resistencia; porém não acontece o mesmo quando está feita a digestão; ella deixa o seu retiro devorada por um novo appetite; o terror precede-a por toda a parte, e todos os animaes que a presentem, se põem em fuga immediatamente.

As côres da **giboia** são variadas e produzem um bonito effeito.

O CROCODILO



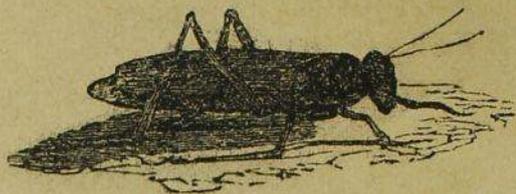
O **crocodilo** é uma especie de lagarto : da raça dos amphibios, é o mais temivel e feroz. Tudo n'elle inspira asco e terror; destituido de beiços, tem os dentes sempre á mostra, de modo que até quando está socegado, parece devorado de raiva; contudo, quando lhe não falta o comer, não acommette o homem.

É na agua que o **crocodilo** póde exercer tóda a sua força, e desenvolver uma agilidade admiravel. Emquanto alli tem alimento, raras vezes vem para terra, e só o faz obrigado pela fome, ou quando quer pôr ovos, os quaes deixa em cima da arêa, chocando-os o calor do Sol. A femea põe ordinariamente de oitenta a cem ovos, e no fim de trinta dias, saem da casca os **crocodilos** pequenos, que então costumão ter sete ou oito pollegadas de comprimento. Estes em breve inundarião a terra, se a natureza previdente não tivesse destinado uma grande parte d'elles para alimento dos abutres, e outras aves carnivoras, e mesmo dos animaes maiores da sua especie.

Os **crocodilos** achão-se em grande quantidade nas margens do Nilo, e em muitas outras partes da Africa, assim como na Asia, America e Oceania. Os antigos egypcios fizerão do **crocodilo** uma divindade.

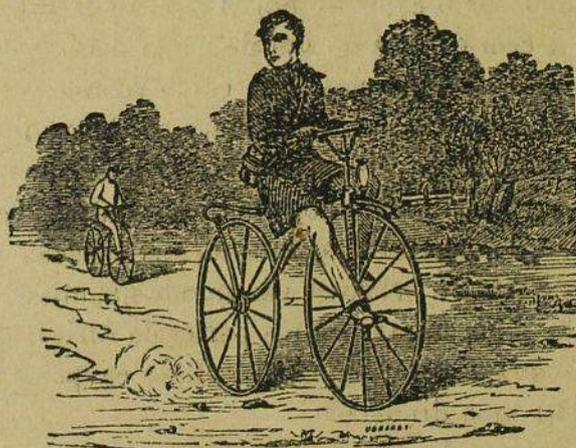
Tanto os negros da Africa como algumas tribus da Asia comem-lhe os ovos e a carne, que reputão um manjar delicado; porém o cheiro de almiscar de que está impregnada, não poderia agradar ao paladar de um europeu.

O GAFANHOTO



Este insecto sustenta-se de verdura. Tem quatro azas e seis pernas; as de traz, muito mais compridas, facilitão-lhe o saltar mais alto. Estes animaes apparecem ás vezes em bandos tão consideraveis, que chegão a obscurecer o Sol, como aconteceu em Lisboa a 28 de Outubro de 1601, durando esta praga desde o meio dia até á noite, e continuando ainda no dia seguinte (1).

Os **gafanhotos** quando se juntão em tão grande numero, devastão de tal modo os campos por onde passão, que estes parecem abrazados; corrompem o ar nos lugares onde morrem, e são a causa de graves enfermidades.



(1) Assim o refere CABEDO, testemunha ocular, no seu Tratado *De patronatu Regiae Coronae*, capitulo XXXIX.

VOZES D'ANIMAES

Palrão pega e papagaio,
E **cacareja** a gallinha;
Os ternos pombos **arrulhão**,
Geme a rola innocentinha.

Muge vacca; **berra** o touro
Grasna a rã; **ruge** o leão;
O gato **mia**; **uiva** o lobo;
Tambem **uiva** e **ladra** o cão.

Relincha o nobre cavallo;
Os elefantes dão **urros**;
A timida ovelha **bala**;
Zurrar é proprio dos burros.

Regouga a sagaz rapoza
(Brutinho muito matreiro);
Nos ramos **cantão** as aves;
Mas **pia** o mocho agoureiro.

Sabem as **aves** ligeiras
O canto seu variar:
Fazem **gorgeios** ás vezes,
Ás vezes põem-se a **chillar**.

O **pardal**, damninho aos campos,
Não aprendeu a cantar;
Como os **ratos** e as **doninhas**
Apenas sabe **chiar**.

O negro corvo **crocita**:
Zune o mosquito enfadonho;
A **serpente** no deserto
Solta **assobio** medonho.

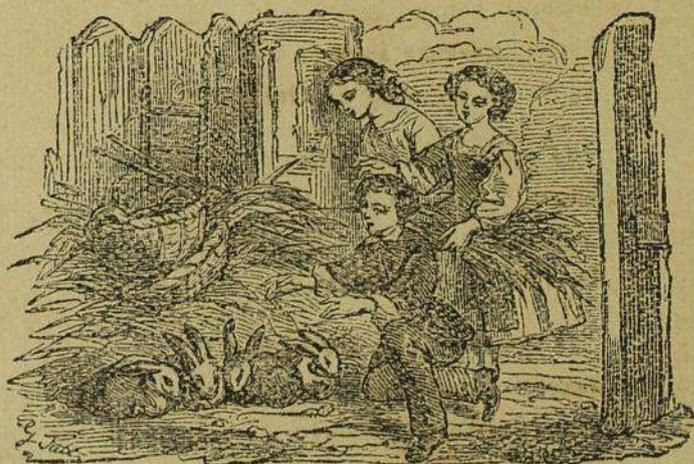
Chia a lebre; **grasna** o pato;
Ouvem-se os **porcos grunhir**;
Libando o succo das flores,
Costuma a **abelha zumbir**.

Bramão os tigres, as **onças**,
Pia, pia o pintainho;
Cucurica e **canta** o gallo,
Late e **gane** o cachorrinho.

A vitellinha dá **berros**;
O cordeirinho **balídos**;
O macaquinho dá **guinchos**.
A criancinha **vagidos**.

A **falla** foi dada ao homem,
Rei dos outros animaes.
Nos versos lidos acima,
Se encontrão, em pobre rima,
As vozes dos principaes.

(PEDRO DINIZ.)



ALGARISMOS

Os dez algarismos com que se representam todos os numeros são:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 0 (*)

Nomes numeraes	Algarismos ou letras de conta arabica	Letras de conta romana que lhes correspondem
Um	1	I..... j
Dois	2	II..... ij
Tres	3	III..... iij
Quatro	4	IV..... iv
Cinco	5	V..... v
Seis	6	VI..... vj
Sete	7	VII..... vij
Oito	8	VIII..... viij
Nove	9	IX..... ix
Bez	10	X..... x
Onze	11	XI..... xj
Doze	12	XII..... xij
Treze	13	XIII..... xiiij
Quatorze	14	XIV..... xiv
Quinze	15	XV..... xv
Dezeseis	16	XVI..... xvj
Dezeseite	17	XVII..... xvij
Dezoito	18	XVIII..... xviiij
Bezenove	19	XIX..... xix

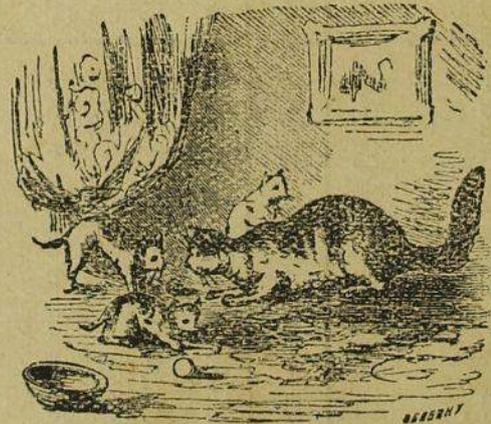
(*) Este algarismo (0) chama-se *cifra* ou *zero*.

Nomes numeraes	Algarismos ou letras de conta arabica	Letras de conta romana que lhes correspondem
Vinte	20	XX xx
Vinte e um	21	XXI xxj
Vinte e dois	22	XXII xxij
Vinte e tres	23	XXIII xxiiij
Vinte e quatro	24	XXIV xxiv
Vinte e cinco	25	XXV xxv
Vinte e seis	26	XXVI xxvj
Vinte e sete	27	XXVII xxvij
Vinte e oito	28	XXVIII xxviiij
Vinte e nove	29	XXIX xxix
Trinta, etc.	30	XXX xxx
Trinta e nove	39	XXXIX xxxix
Quarenta	40	XL xl
Cincoenta	50	L l
Sessenta	60	LX lx
Setenta	70	LXX lxx
Oitenta	80	LXXX lxxx
Noventa	90	XC xc
Cem	100	C c
Duzentos	200	CC cc
Trezentos	300	CCC ccc
Quatrocentos	400	CD cd
Quinhentos	500	D d
Seiscentos	600	DC dc
Setecentos	700	DCC dcc
Oitocentos	800	DCCC dccc
Novencentos	900	CM cm
Mil	1,000	M m
Dois mil	2,000	IIM ijm
Tres mil	3,000	IIIM iiim
Dez mil	10,000	XM xm
Um milhão	1,000,000	CCCCIꝰꝰꝰꝰ . . cccciꝰꝰꝰꝰ

TABOADA DE MULTIPLICAÇÃO

1 vez	1	é	1		2 vezes	1	2	
1 v.	2		2		2 v.	2	4	
1 v.	3		3		2 v.	3	6	
1 v.	4		4		2 v.	4	8	
1 v.	5		5		2 v.	5	10	1
1 v.	6		6		2 v.	6	12	3
1 v.	7		7		2 v.	7	14	5
1 v.	8		8		2 v.	8	16	7
1 v.	9		9		2 v.	9	18	0
1 v.	10		10	1	2 v.	10	20	2
3 vezes	1		3		4 vezes	1	4	
3 v.	2		6		4 v.	2	8	
3 v.	3		9		4 v.	3	12	3
3 v.	4		12	3	4 v.	4	16	7
3 v.	5		15	6	4 v.	5	20	2
3 v.	6		18	0	4 v.	6	24	6
3 v.	7		21	3	4 v.	7	28	1
3 v.	8		24	6	4 v.	8	32	5
3 v.	9		27	0	4 v.	9	36	0
3 v.	10		30	3	4 v.	10	40	4
5 vezes	1		5		6 vezes	1	6	
5 v.	2		10	1	6 v.	2	12	3
5 v.	3		15	6	6 v.	3	18	0
5 v.	4		20	2	6 v.	4	24	6
5 v.	5		25	7	6 v.	5	30	3
5 v.	6		30	3	6 v.	6	36	0
5 v.	7		35	8	6 v.	7	42	6
5 v.	8		40	4	6 v.	8	48	3
5 v.	9		45	0	6 v.	9	54	0
5 v.	10		50	5	6 v.	10	60	6

7 vezes	1	7		8 vezes	1	8	
7 v.	2	14	5	8 v.	2	16	7
7 v.	3	21	3	8 v.	3	24	6
7 v.	4	28	1	8 v.	4	32	5
7 v.	5	35	8	8 v.	5	40	4
7 v.	6	42	6	8 v.	6	48	3
7 v.	7	49	4	8 v.	7	56	2
7 v.	8	56	2	8 v.	8	64	1
7 v.	9	63	0	8 v.	9	72	0
7 v.	10	70	7	8 v.	10	80	8
9 vezes	1	9		10 vezes	1	10	1
9 v.	2	18	0	10 v.	2	20	2
9 v.	3	27	0	10 v.	3	30	3
9 v.	4	36	0	10 v.	4	40	4
9 v.	5	45	0	10 v.	5	50	5
9 v.	6	54	0	10 v.	6	60	6
9 v.	7	63	0	10 v.	7	70	7
9 v.	8	72	0	10 v.	8	80	8
9 v.	9	81	0	10 v.	9	90	0
9 v.	10	90	0	10 v.	10	100	1



TABOADA DAS UNIDADES

Unidade vale um	1
Dezena vale dez	10
Centena vale cem	100
Milhar vale mil	1:000
Dezena de milhar vale dez mil	10:000
Centena de milhar vale cem mil	100:000
Conto vale dez vezes cem mil ou mil vezes mil .	1:000:000
Dezena de conto vale dez contos	10:000:000
Centena de conto vale cem contos	100:000:000
Milhar de conto vale mil contos	1,000:000:000
Dezena de milhar de conto vale dez mil contos	10,000:000:000
Centena de milhar de conto vale cem mil contos	100,000:000:000
Cento de contos (1) vale um milhão de milhões	1,000,000:000:000

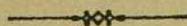
(1) Nas contas pecuniarias, usa-se em Portugal da palavra *conto* em lugar de *milhão*, e de *conto de contos* em lugar de *milhão de milhões*.

Um *milhão de réis*, ou um *conto de réis*, que é a mesma coisa, vale dois mil e quinhentos cruzados: um *milhão de cruzados* vale quatrocentos contos de réis.

DO SYSTEMA LEGAL DE PEZOS E MEDIDAS

OU

SYSTEMA METRICO DECIMAL



P. Que se entende por **systema metrico**?

R. Entende-se um *systema de pezos e medidas* que tem por base o **metro**.

P. Que é o **metro**?

R. A palavra **metro**, derivada do grego, METRON, significa *medida*, e n'esta acceção, entrava já na composição de varias palavras taes como: *Thermómetro*, ou instrumento para medir o grau de calorico livre; *Pyrómetro*, ou instrumento para medir as altas temperaturas, etc. Em relação porém ás novas medidas, **metro**, quer dizer a decima millionesima parte do quarto do meridiano terrestre, ou da distancia do Equador ao Polo do Norte, isto é, dividindo-se essa distancia em dez milhões de partes, cada uma d'ellas se comporá de um **metro**: d'onde se segue que a circumferencia do globo terrestre consta de quarenta milhões de **metros**.

P. Porque se chama legal o **systema metrico**?

R. Porque está determinado por lei, não só para todos os actos publicos, mas tambem para o ensino nas Escolas.

P. Porque se dá o nome de *decimal* a este novo *systema de pezos e medidas*?

R. Por isso que as subdivisões e os multiplos da unidade se calculão na razão décupla, isto é, de dez em dez, para menos ou para mais do que a mesma unidade; do que resulta que as operações sobre estas medidas se fazem tão facil e rapidamente como nos numeros inteiros.

P. Qual foi a primeira nação que estabeleceu este novo *systema de pezos e medidas*?

R. Foi a nação franceza no anno de 1799.

P. Quando foi decretado em Portugal?

R. Em 13 de Dezembro de 1852, e mandado pôr em pratica, por Decreto de 20 de Junho de 1859, em Lisboa, desde o

1.º de Janeiro de 1860, e nas outras povações e Ilhas, desde o 1.º de Março, mas tão sómente pelo que toca á medida linear; devendo porém estar em pleno vigor, em todo o Reino, no anno de 1862.

P. Qual foi o fim que o Governo teve em vista ao adoptar o **systema metrico decimal**?

R. O de estabelecer a uniformidade de medidas para todo o Reino, visto que as antigas, comquanto tivessem a mesma denominação, fazião comtudo differença umas das outras, segundo as localidades.

P. A que medida antiga de Portugal corresponde o **metro**?

R. A um covado, um palmo, quatro pollegadas, quatro linhas, quatro pontos, isto é, a quatro palmos e meio, com pouca differença.

P. Como se exprimem os multiplos, ou partes maiores que o **metro**?

R. Antepondo-lhes as seguintes palavras gregas, a saber:

Deca que significa	<i>Dez.</i>
Hecto "	<i>Cem.</i>
Kilo "	<i>Mil.</i>
Myria "	<i>Dez mil.</i>

Assim :

Decametro quer dizer	<i>Dez metros.</i>
Hectometro "	<i>Cem metros.</i>
Kilómetro "	<i>Mil metros.</i>
Myríametro "	<i>Dez mil metros.</i>

P. Como se exprimem os submultiplos, ou partes menores que o **metro**, isto é, as suas fracções?

R. Antepondo-lhes as syllabas latinas :

Deci que significa	<i>Decima parte.</i>
Centi "	<i>Centesima parte.</i>
Milli "	<i>Millesima parte.</i>

Assim :

Decímetro quer dizer	<i>Decima parte do metro.</i>
Centímetro "	<i>Centesima parte do metro.</i>
Millímetro "	<i>Millesima parte do metro.</i>

P. Qual é pois a divisão do **metro** :

R. O **metro** divide-se em. *Dez decímetros.*

O **decímetro** em. *Dez centímetros.*

O **centímetro** em *Dez millímetros.*

P. Como se escrevem as fracções do **metro** ?

R. Do seguinte modo :

Um decímetro	0,1
Um centímetro	0,01
Um millímetro	0,001

P. Quantos **kilometros** tem a legua portugueza ?

R. Cinco, segundo o Decreto de 2 de Maio de 1855.

P. Como se calculão no commercio os multiplos do **metro** ?

R. Quando o **metro** se emprega para os usos do commercio, calculão-se os multiplos por dezenas e centenas: assim, não se diz: *Comprei um héctometro de panno de linho*; mas *cem metros de panno de linho*, etc. Os multiplos *myriametro*, *kilómetro*, *hectómetro* reservão-se para as medidas itinerarias.

UNIDADES DAS DIVERSAS MEDIDAS

P. Quaes são as unidades para cada especie de medida do **systema metrico decimal** ?

R. São cinco, a saber :

O **metro**, para as medidas de comprimento ou lineares.

O **are**, para as de superficies agrarias.

O **stere**, para as medidas da madeira de construcção e da lenha.

O **litro**, para as de capacidade, ou para os liquidos e secos.

O **gramma**, para as medidas de pezo.

Convém advertir, pelo que respeita a esta ultima medida, que sendo o pezo do *gramma* demasiado diminuto, adoptou-se, como unidade das medidas de pezo, o *kilogramma*.

P. A que medidas antigas de Portugal correspondem as unidades das novas medidas ?

R. O **metro**, como já se disse, corresponde a um covado, um palmo, quatro pollegadas, quatro linhas, quatro pontos, ou a quatro palmos e meio, com pouca differença.

O **are** é um *decametro quadrado*, isto é, um quadrado tendo dez *metros* por cada lado, ou quarenta e cinco palmos, pouco mais ou menos.

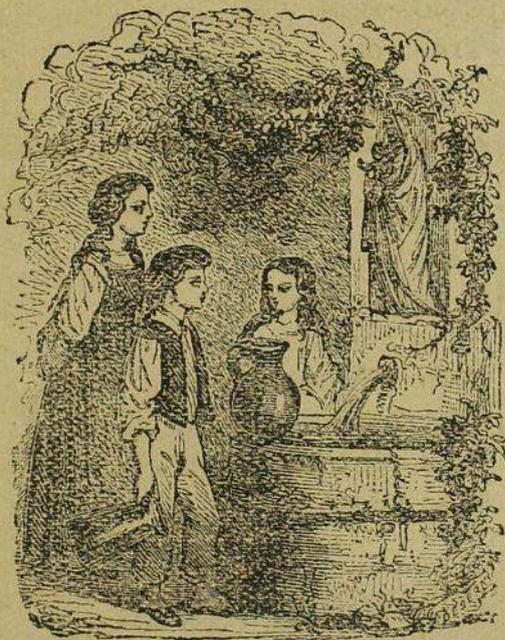
O **stere** equivale a um *metro cubico*, ou a um solido com seis faces quadradas como as de um dado, e de um **metro**, ou quatro palmos e meio, approximadamente, em comprimento, altura e largura.

O **litro**, para medir liquidos, vale um **decímetro cubico**, e corresponde a tres quartilhos, com pouca differença; e para medir seccos, quasi a dois selamins. No commercio dá-se-lhe a fórma cylindrica, por ser mais commoda que a do cubo.

O **gramma** equivale a vinte grãos, e o **kilogramma**, ou mil **grammas**, a dois arrateis, duas onças, seis oitavas, dois escrúpulos, e dezoito grãos, isto é, ao pezo de um litro d'agua distillada, ou na sua maior pureza, contida em um *centimetro cubico*.

O **metro** é pois, como se viu, a base de todas as novas medidas.

Pelo que toca ás operações para a conversão das antigas medidas portuguezas ás do *systema metrico decimal*, veja-se alguma das obras que sobre este assumpto se tem publicado.



DINHEIRO PORTUGUEZ LEGAL

	Corôa	Réis 10\$0000
EM OURO...	Mela corôa	» 5\$0000
	Um quinto de corôa	» 2\$0000
	Um decimo de corôa	» 1\$0000
EM PRATA..	Cinco tostões (cunho novo)	» 5000
	Dois tostões	» 2000
	Um tostão	» 1000
	Meio tostão	» 5000
EM BRONZE	Dois vintens (1)	» 4000
EM COBRE..	Vintem	» 2000
	Dez réis	» 1000
	Cinco réis	» 5000
	Tres réis	» 3000

MOEDA ANTIGA MANDADA RETIRAR DA CIRCULAÇÃO

	Peça	Réis 8\$0000
	Meia peça	» 4\$0000
EM PRATA..	Cruzado novo	» 4800
	Doze vintens	» 2400
	Seis vintens	» 1200
	Um tostão	» 1000
	Tres vintens	» 6000
	Meio tostão	» 5000

(1) A Lei de 24 de Abril de 1835, creando a nova moeda decimal, dispoz que mais se não cunhassem as moedas de bronze do valor de 40 réis.

ANNO

O Anno compõe-se de doze mezes, a saber :

1.º JANEIRO, que tem	31 dias
2.º FEVEREIRO.	28 »
3.º MARÇO	31 »
4.º ABRIL.	30 »
5.º MAIO	31 »
6.º JUNHO.	30 »
7.º JULHO	31 »
8.º AGOSTO	31 »
9.º SETEMBRO	30 »
10.º OUTUBRO.	31 »
11.º NOVEMBRO	30 »
12.º DEZEMBRO	31 »

**Trinta dias tem Novembro
Abril, Junho e Setembro ;
Vinte e oito terá um,
E os outros trinta e um.**

O Anno civil tem 365 dias, ou 52 semanas e 1 dia. Começa no 1.º de Janeiro, e acaba em 31 de Dezembro. Quando o Anno é bissexto, consta de 366 dias, e então tem 29 dias o mez de Fevereiro. O Anno de 1876 foi bissexto e o mesmo acontecerá de 4 em 4 annos, isto é, o anno de 1892 será bissexto, e terá 366 dias.

ESTAÇÕES DO ANNO

**Primavera.
Verão ou estio.**

**Outono.
Inverno.**

DIAS DA SEMANA

A Semana compõe-se de sete dias, a saber :

**Segunda feira — Terça feira — Quarta feira — Quinta
feira — Sexta feira — Sabbado — Domingo.**

DAS CINCO PARTES DO MUNDO

Os Geógraphos modernos dividem o mundo em cinco partes, a saber: *Europa, Asia, Africa, America e Oceania.*

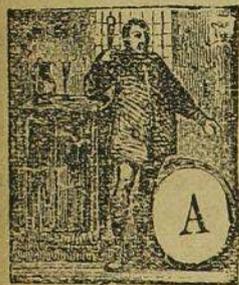
ESTADOS PRINCIPAES DA EUROPA

	CAPITAES
Austria (I.) (1)	Vienna.
Baden (G. D.)	Carlsruhe.
Baviera (R.)	Munich.
Belgica (R.)	Bruxellas.
Dinamarca (R.)	Copenhague.
França (Rep.)	Paris.
Gram-Bretanha e Irlanda (R.)	Londres.
Grecia (R.)	Athênas.
Hespanha (R.)	Madrid.
Italia (R.)	Roma.
Paizes Baixos (R.)	Haya.
Portugal (R.)	Lisboa.
Prussia (R.)	Berlim.
Russia (I.)	S. Petersburgo.
Saxonia (R.)	Dresda.
Suecia e Noruega (R.)	Stockolmo.
Suissa (Rep.)	Berne.
Turquia (I.)	Constantinopla.
Wurtemberg (R.)	Sttugard.

(1) I significa *Imperio*; R. *Reino*; G. D. *Gram-ducado*; Rep. *Republica*.
Em França foi proclamada a Republica em 4 de setembro de 1871.

Necessidade de aprender a ler

Os dois pescadores



Aldêa de Boisfontaine pertence a um dos Departamentos mais pittorescos do meio dia da França. É banhada por um rio muito abundante de excellente peixe, e cuja pesca tem feito a fortuna d'aquelle paiz; mas infelizmente nem sempre se effectua sem se arrostarem os maiores perigos, visto que as correntes impetuosas

tem já, por mais de uma vez, arrebatado o ligeiro batel do imprudente pescador.—Tendo pois acontecido immensas desgraças n'um curto espaço de tempo, mandou a Administração do Departamento ao respectivo Provedor umas instrucções impressas, mui circumstanciadas, ácerca dos soccorros que convém dar immediatamente aos que, caindo n'agua, são trazidos para terra sem darem signal de vida. Estas instrucções e os apparelhos que as acompanhavão, forão depositados em certo lugar, e uma fatal occasião não tardou em fazer conhecer a necessidade de se pôrem em pratica.

Uma tarde que toda a mocidade da aldêa se tinha reunido, segundo o costume, á borda do rio, vê-se ao longe um barco levado pela corrente. Ouvem-se os gritos dos dois pescadores que n'elle se achão, e reconhece-se que são Adriano e Antonio, os mais honrados e estimados de todos os habitantes d'aquella comarea; querem prestar-lhes soccorro, mas dentro em poucos momentos submerge-se o barco, e os

dois infelizes desaparecem debaixo d'agua. No meio da afflicção que causa este acontecimento, não se perdem de todo as esperanças de os salvar; precipitão-se á agua quatro robustos mancebos, dirigem-se ao ponto onde o barco se tinha afundado, mergulhão e tem a fortuna de agarrarem Adriano e Antonio pelo fato, e de os trazerem para terra no meio das bençãos e da satisfação geral dos espectadores. Os dois malaventurados velhos tinham perdido inteiramente os sentidos, e era uma scena tristissima o ver seus numerosos filhos desfazerem-se em lagrimas á roda d'elles, e pedirem a Deus a conservação dos dias de seus venerandos pais.

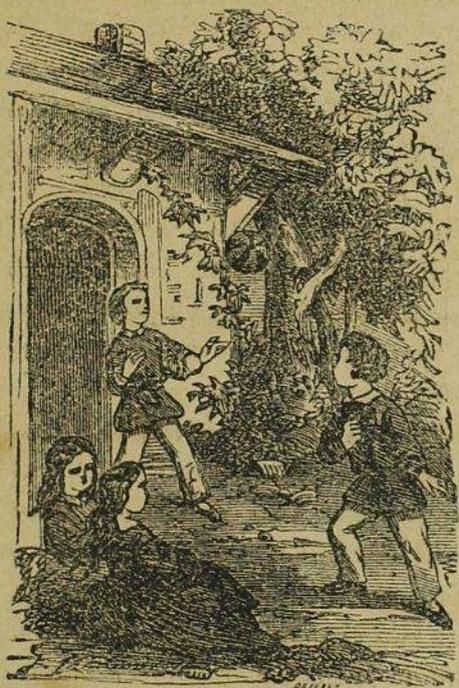
Filippe, filho mais velho de Adriano, era o unico que não assistia a este triste espectaculo, pois estava aprendendo um officio na cidade immediata, e mui raras vezes obtinha licença do mestre para ir á sua aldêa visitar seu pai. Os primeiros socorros que lhe derão não produzirão effeito algum: de repente, lembra-se um dos circumstantes de ir buscar as instrucções mandadas ao Provedor, e este passo reanima todas as esperanças. Chega com effeito o apparelho, desenrolão-se as instrucções, e nota-se em todos os semblantes a mais viva alegria; mas n'este mesmo momento é interrompida esta sceua pelo mais cruel dos incidentes: os papeis passão de mão em mão; ninguem pôde decifral-os, porque ninguem na aldêa sabia ler!

Divisa-se a mais acerba dôr em todas as fisionomias, e o infeliz Antonio expira sem que ninguem lhe possa valer. Quanto a Adriano, ainda dá alguns leves signaes de vida, mas dentro em poucos momentos talvez tenham de todo desaparecido.

No dia seguinte devião festejar-se os annos de Adriano, e o seu enterro ia ter lugar no mesmo dia do seu anniversario natalicio! De repente, ouve-se um agudo lamento, era o de Philippe, seu filho mais velho, que tendo obtido licença para vir festejar os annos de seu pai, chegava n'aquelle mesmo instante.

Filippe tinha aprendido a ler; corre, devora com os olhos as instruções impressas que lhe apresentam; indica o que é preciso fazer; segue-se á risca tudo aquillo que ellas prescrevem. Adriano dá signal de si; abre os olhos; começa-se-lhe a sentir algum calor no corpo, e passada apenas uma hora, acha-se completamente restituído á vida.

Que prazer para toda a aldêa, que felicidade não é a de Philippe, que alegria para toda a familia! Antonio morreu victima da ignorancia de seus filhos; e o simples conhecimento da leitura fez com que Philippe salvasse os preciosos dias de seu carinhoso pai.



PARABOLA DO FILHO PRODIGO



meu pai tinha dois filhos. Pediu-lhe o mais moço que lhe desse a parte que podia tocar-lhe da sua herança, e despedindo-se d'elle, foi residir n'uma terra, aonde gastou em larguezas e vícios da mocidade o quinhão que lhe coubera.

Tendo assim dissipado quanto possuía, viu-se reduzido a tão grande miseria que, não sabendo já como havia de viver, pediu e obteve ser moço de um rico proprietario, que o mandou para uma herdade sua guardar os porcos.

N'esta situação tão humilde é que elle conheceu a sua desgraça.

Então caiu em si, e exclamou com a maior dôr: «Ah! quantos servos têm a estas horas pão com abundancia em casa do meu pai, em quanto eu aqui estou morrendo á fome!

«Já não posso por mais tempo supportar o meu infortunio. Vou ter com meu pai, lançar-me a seus pés, e dizer-lhe: É verdade que o offendi, meu pai, assim como offendi a Deus: eu já não sou digno de ser olhado como seu filho, mas supplico-lhe que me recolha na sua casa, aonde desejo tão somente ser tratado como o infimo dos seus famulos.»

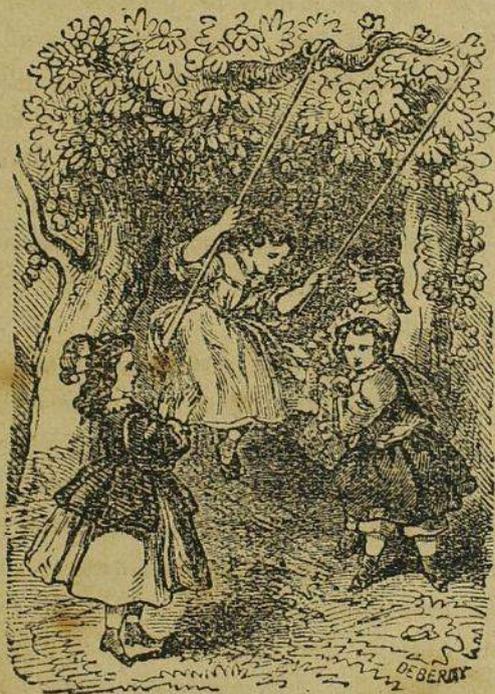
Com esta louvavel resolução, dirigiu-se a casa de seu pai: estava ainda em distancia, quando este o percebeu, e como um pai nunca pôde aborrecer seu filho, apenas o avistou, esqueceu-se de todos os erros que elle tinha commettido, e apressou-se a apertar tal-o em seus braços e a perdoar-lhe. Voltou-se depois para os criados, e disse: «Vão já buscar o melhor fato de meu filho, apromptem um esplendido jantar, pois quero dar um banquete, e que nos regosijemos todos.»

O irmão mais velho, que sempre tinha vivido como bom filho, teve algum ciúme quando, ao recolher-se dos campos, ouviu

som dos instrumentos, e presenciou toda a alegria que reinava em casa; não podendo conceber, que se fizessem tantos regosijos pela vinda de um mancebo que tinha abandonado a casa paterna, gastado em extravagancias toda a sua herança, e que se a ella voltava, era porque já não tinha outra parte aonde pudesse subsistir.

Mas apenas o pai soube o que se passava no intimo do seu coração, fez-lhe entender que todos os filhos serão igualmente estimados por um bom pai, e acrescentou: «MEU FILHO: TEU IRMÃO ESTAVA MORTO, E AGORA RESUSCITOU; ESTAVA PERDIDO E NÓS O TORNÁMOS A ACHAR; EIS O MOTIVO DA NOSSA ALEGRIA.»

☞ Por aqui se verá pois que todo aquelle que se arrepende de seus erros, é digno de perdão, e de grangear de novo a affeição das pessoas a quem havia offendido.



AS MENINAS INFELIZES



Alfredo, ainda que filho de um lavrador, tinha sido educado na cidade. Poucos dias antes da morte de seu pai, recebeu d'este uma carta, em que lhe dizia o seguinte: «Meu filho, tenho feito todos os esforços para te dar uma boa educação; em breve tomarás posse dos bens que te deixo; administra-os com prudencia, e empenha-te em escolher uma companheira que te dê toda a felicidade de que és merecedor; não procures fortuna, mas faz toda a diligencia para que tua mulher seja rica em boas qualidades; recebe a minha benção, meu filho, e adeus». Alfredo enxuga as lagrimas que lhe fez derramar tão triste noticia, e parte para as terras de seu pai; porém já não tem a fortuna de o abraçar.

Passados alguns mezes entregue á mais pungente dôr, sentiu Alfredo, no meio das suas riquezas, o vácuo que lhe causava uma terrivel solidão. Pensou nos conselhos do seu pai, e resolveu casar-se. Tres meninas, Emilia, Julia e Carlota, occupavão na visinhança uma habitação decente; pertencião a uma familia muito honrada, e Alfredo tratou de fazer a sua escolha.

Emilia era bonita, mas distinguia-se de suas irmãs pelo seu luxo e estudada maneira de se vestir, e como a fortuna de sua mãe não podia auctorisar semelhantes despezas, temeu Alfredo confiar-lhe a sua felicidade. Julia era meiga e amavel, mas tinha as feições horrivelmente desfiguradas pelas bexigas; Alfredo que exigia uma mulher cujas graças embellezassm a sua existencia, recusou a mão de Julia. Carlota era linda como Emilia, amavel como Julia, parecia convir a Alfredo, e bem depressa se estabeleceu entre elles a intimidade mais insinuante. Uma demanda de summa importancia

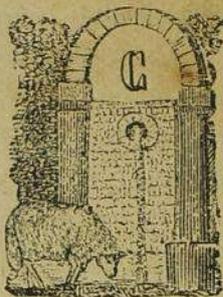
obligou Alfredo a partir para a cidade; affectuosos protestos tiveram lugar entre elle e Carlota, e a conclusão do casamento ficou differida para quando elle voltasse.

Apenas Alfredo chega ao seu destino, escreve á sua noiva; no dia seguinte torna a escrever-lhe, mas passa pelo cruel desgosto de não receber resposta alguma; redobra a actividade na sua correspondencia; dez cartas tem já mandado successivamente, e não tem a satisfação de obter uma só vez noticias de Carlota. Terminados os seus negocios, volta ás suas fazendas, e logo que chega informa-se do procedimento que a sua noiva tinha tido durante a sua ausencia, e sabe que havia sido o mais regular. Indagado o que pretendia, não lhe restava senão uma averiguação, a qual só da propria Carlota poderia obter, era saber se ella com effeito tinha recebido as suas cartas. Que surpresa não é a sua! Carlota mostra-lhe a sua correspondencia, e desculpa-se, córando, de lhe não haver respondido. A pobre Carleta, que apenas tinha recebido uma educação muito incompleta, não sabia escrever. Não possuindo ella pois os conhecimentos indispensaveis para a direcção dos negocios domesticos de Alfredo, veiu este a desfazer o projectado casamento.

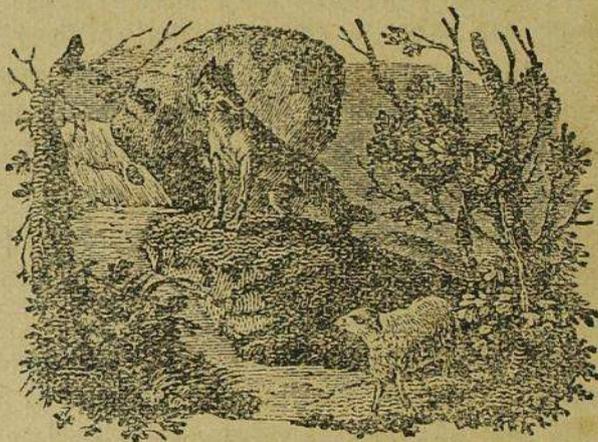
Assim perdêrão as nossas tres meninas a mais solida fortuna do seu sitio, a saber: Emilia, pela ligeireza de seus principios; Julia, por não ter sido vaccinada, e Carlota, por não saber escrever.



FABULAS MORAES



hamão-se *Fabulas moraes* ou *apólogos*, certas narrações ou contos, em que se introduzem a fallar os animaes, e até mesmo as cousas inanimadas, e que encerrão alguma moralidade para lição dos homens, advertindo-os do que devem fazer, assim como d'aquillo que lhes convem evitar.



O lobo e o cordeiro

De ardente sede obrigados
Forão ao mesmo ribeiro
A beber das frescas aguas
Um lobo e mais um cordeiro.

O lobo poz-se da parte
D'onde o regato nasceia;
O cordeiro mais abaixo
Na veia d'agua bebia.

A fera que desavir-se
 Co'a mansa rez desejava
 N'um tom severo e medonho
 D'esta sorte lhe fallava :

«Por que motivo me turvas
 A agua que estou bebendo?»
 E o cordeirinho innocente
 Assim respondeu tremendo :

«Qual seja a razão que tenhas
 D'enfadar-te, não percebo!
 Tu não vês que de ti corre
 A mim esta agua que bebo?»

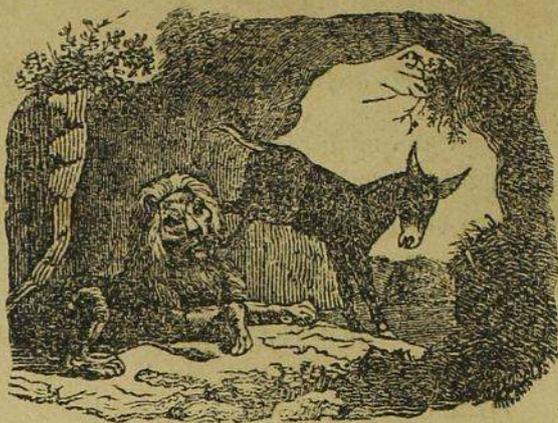
Rebatida da verdade
 Tornou-lhe a fera cerval :
 «Aqui haverá seis mezes,
 Sei de mim disseste mal.»

Respondeu-lhe o cordeirinho,
 De frio medo opprimido :
 «N'esse tempo, certamente,
 Inda eu não era nascido!»

«Que importa? Se tu não foste,
 (Disse o lobo carniceiro)
 Foi teu pai.» E por aleives
 Lacera o pobre cordeiro!

*Esta fabula dá brados
 Contra aquelles insolentes,
 Que por delictos fingidos,
 Opprimem os innocentes.*

(MALHÃO.)



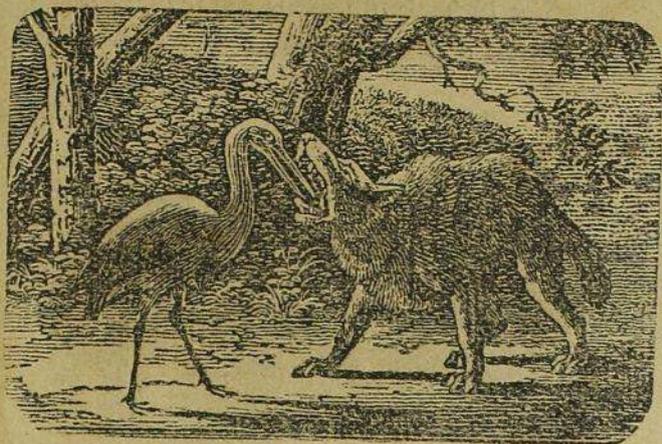
O leão velho

Decrepito o leão, terror dos bosques,
E saudoso da antiga fortaleza,
Viu-se atacado pelos outros brutos,
Que intrepidos tornou sua fraqueza.

Eis o lobo co'os dentes o maltrata,
O cavallo co'os pés, o boi com as pontas,
E o misero leão, rugindo apenas,
Paciente digere estas affrontas.

Não se queixa dos fados; porém vendo
Vir o burro, animal d'infima sorte,
Ah! vil raça! (lhe diz) morrer não temo,
Mas soffrer-te uma injuria é mais que morte!

(BOCAGE.)



O lobo e o grou

Aquelle que atraz do lucro
 Serve d'ajuda ao malvado,
 Prova esta fabula que
 Não faz sómente um peccado.

Pecca na barbara acção
 De um malevolo ajudar,
 E pecca porque se arrisca
 A mal duro de evitar.

Vendo-se o lobo engasgado
 C'um osso, e muito opprimido,
 Para o tirar, aos mais brutos
 Foi commettendo partido.

Persuadido o grou co'as juras,
 O dilatado pescoço
 Pela goela do lobo
 Metteu, e tirou-lhe o osso.

Pedindo-lhe o premio: «Ingrato,
 (Disse) que te hei de pagar?
 Não te basta de meus dentes
 Salvo o pescoço tirar ?

(MALHÃO).



O leão e outros animais

Raras vezes é fiel
 C'os grandes a sociedade :
 Esta fabula d'Esopo
 Aclara bem a verdade.

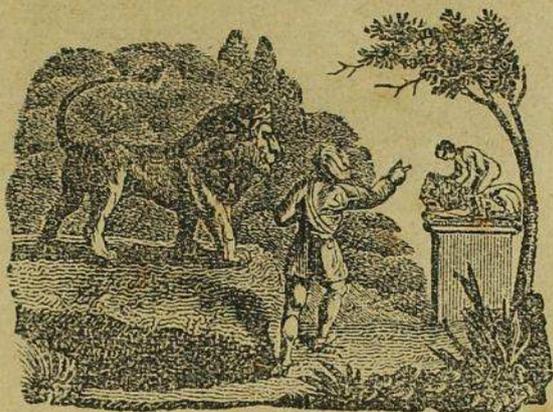
Uma vacca e uma cabra,
 E uma ovelha paciente,
 Se ajuntarão companheiras
 Na caça do leão potente.

Tomando um grande veado,
 E feito em partes iguaes,
 Às presentes companheiras
 Disse o rei dos animais :

«Eu, por chamar-me leão,
Devo levar a primeira,
A segunda por ser forte,
E por valente a terceira.

«E se alguém pegar na quarta,
Prove o meu dente raivoso.»
D'est'arte a presa de todos
Foi quinhão do poderoso.

(MALHÃO.)



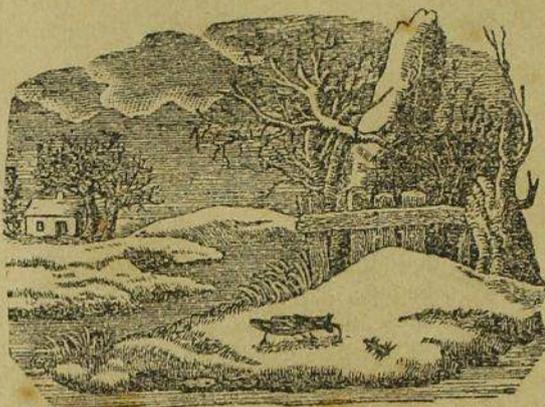
◉ Leão vencido pelo homem

Poz-se em venda uma pintura,
Onde estava figurado
Leão de enorme estatura
Por mãos humanas prostrado.

Mirava a gente com gloria
O painel: eis senão quando
Um leão, que ia passando,
Lhe diz: «É falsa a victoria.

«Deveis o triunfo vosso
 À ficção, blazonadores :
 Com mais razão fôra nosso
 Se os leões fossem pintores.»

(BOCAGE.)



A cigarra e a formiga

Tendo a cigarra em cantigas
 Folgado todo o Verão,
 Achou-se em penuria extrema,
 Na tormentosa Estação.

Não lhe restando migalha,
 Que trincasse a tagarella,
 Foi valer-se da formiga,
 Que morava perto d'ella.

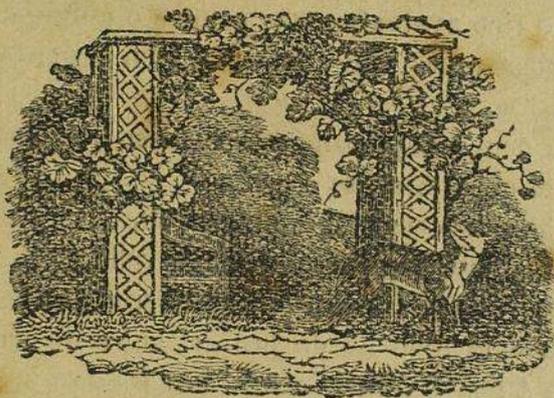
Rogou-lhe que lhe emprestasse,
 Pois tinha riqueza e brio,
 Algum grão com que manter,
 Té voltar o acceso Estio.

«Amiga, (diz a cigarra)
 Prometto, á fé d'animal,
 Pagar-vos antes de Agosto
 Os juros e o principal.»

A formiga nunca empresta,
 Nunca dá, por isso junta,
 «No Verão em que lidavas?»
 Á pedinte ella pergunta.

Responde a outra : «Eu cantava
 Noite e dia, a toda a hora.»
 «Oh! Bravo! (torna a formiga)
 Cantavas? pois dança agora!»

(BOCAGE.)



A raposa e as uvas

Contão que certa raposa,
 Andando muito esfaimada,
 Viu roxos, maduros cachos
 Pendentés d'alta latada.

De bom grado os trincaria,
 Mas sem lhes poder chegar
 Disse: «Estão verdes, não prestão
 Só os cães os podem tragar.»

Eis cáe uma parra, quando
 Proseguia seu caminho,
 E crendo que era algum bago,
 Volta depressa o focinho.

(BOCAGE.)

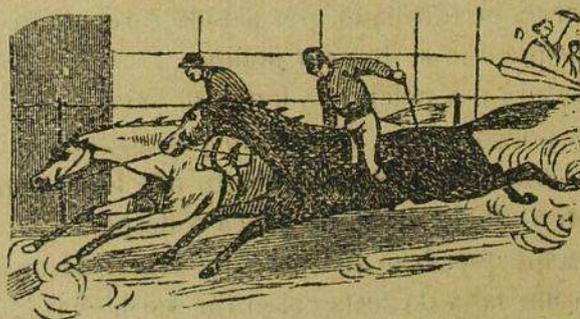
ADAGIOS OU PROVERBIOS

Adagio ou *proverbio* é uma sentença breve, geralmente recebida, e de ordinario moral; taes são os seguintes:

- 1 Quem muito dorme, pouco aprende.
- 2 Homem honrado, antes morto que injuriado.
- 3 Mão é o rico avarento; mas peor é o pobre soberbo.
- 4 Não bebas cousa que não vejas, nem assignes carta que não leias.
- 5 A boda nem a baptisado, não vás sem ser convidado.
- 6 Ande eu quente, ria-se a gente.
- 7 Quem abrolhos semeia, espinhos colhe.
- 8 Não ha melhor espelho que amigo velho.
- 9 Quem se veste de ruim panno, veste-se duas vezes no anno.
- 10 O prudente tudo ha de provar, antes de armas tomar.
- 11 Quem a boa arvore se chega, boa sombra o cobre.
- 12 Azeite, vinho e amigo, o mais antigo.
- 13 Pão de hoje, carne de hontem, vinho de outro Verão, fazem o homem são.
- 14 Na casa onde não ha pão, todos pelejão, nenhum tem razão.
- 15 A mulher e o vidro sempre estão em perigo.
- 16 Quem cêa e logo se vae deitar, má noite ha de passar.
- 17 Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga.
- 18 Se queres ser pobre, sem o sentir, mette obreiros, e deita-te a dormir.

- 19 Mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo.
- 20 Mocidade ociosa faz velhice vergonhosa.
- 21 Nem por muito madrugar amanhece mais cedo.
- 22 Filho máo, melhor é doente que são.
- 23 Guarda-te do homem que não falla, e do cão que não ladra.
- 24 Quem trabalha, tem alfaia.
- 25 Mais vale callar que mal fallar.
- 26 Entre pai e irmãos, não mettas as mãos.
- 27 Ninguem faz mal que o não venha a pagar.
- 28 Nem zombando, nem devéras com teu ato jogues as peras.
- 29 Pelas obras, e não pelo vestido é o homem conhecido.
- 30 Quem adiante não olha, atraz fica.
- 31 Onde ha muito rizo, ha pouco sizo.
- 32 Onde muitos mandão, e nenhum obedece, tudo fenece.
- 33 Quem escuta, de si ouve.
- 34 Mais sabe o tolo no seu que o avisado no alheio.
- 35 Melhor é estar só que mal acompanhado.
- 36 Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.
- 37 Não peças a quem pediu, nem sirvas a quem serviu.
- 38 Quem tem telhado de vidro não atire pedras ao do vizinho.
- 39 Bem saber é callar até ser tempo de fallar.
- 40 Não ha cego que se veja, nem torto que se conheça.
- 41 Quem diz o que quer, ouve o que não quer.
- 42 A rico não devas, e a pobre não promettas.
- 43 Primeiro que cazes, olha o que fazes.
- 44 A palavras loucas, orelhas moucas.
- 45 Homem de boa lei, tem palavra como Rei.
- 46 O parvo, se é callado, por sabido é reputado.
- 47 De pequenino se torce o pepino.
- 48 A pintura e a peleja, de longe se veja.
- 49 Falla pouco e bem, ter-te-hão por alguem.
- 50 Não serás abastado, se primeiro não fores honrado.
- 51 Quem o alheio veste, na praça o despe.
- 52 Quem me quer bem, diz-me o que sabe, e dá-me o que tem.
- 53 Cada um falla da festa como lhe vai n'ella.

- 54 Duro com duro não faz bom muro.
55 Não ha melhor mostarda que a fome.
56 Mais vale um toma que dois te darei.
57 Cão que ladra não morde.
58 Quem compra e mente, na bolsa o sente.
59 Gato escaldado, d'agua fria tem medo.
60 De vagar se vai ao longe.
61 Por onde vás, assim como vires assim farás.
62 O mel não é para a boca do asno.
63 Longe da vista, longe do coração.
64 A ocasião faz o ladrão.
65 Dize-me com quem lidas, dir-te-hei as manhas que tens.
66 Do mal, o menos.
67 Quem tudo quer, tudo perde.
68 Cria fama, e deita-te a dormir.
69 Quem calla, consente.
70 Furtar o carneiro, e dar os pés pelo amor de Deus.
71 Da mão á bôca se perde muitas vezes a sopa.
72 Paga o que deves, sararás do mal que tens.
73 Quem não deve, não teme.
74 Quanto sabes, tanto vales.
75 Mais vale tarde do que nunca.
76 Quem uma vez furta, fiel nunca.
77 A boa fome não ha mão pão.
78 Dinheiros de sacristão, cantando vem, cantando vão.
79 Pedra movediça, nunca cria bolor.
80 Filho és, e pai serás; assim como fizeres, assim acharás.



A SCIENCIA DO BOM HOMEM RICARDO

OU

MEIO DE ADQUIRIR FORTUNA (1)

Passando um dia a cavallo por um sitio aonde havia muita gente para assistir a um leilão, parei movido de curiosidade. Em quanto não chegava a hora aprazada, conversavão os circumstantes sobre politica, e mormente ácerca dos pezados impostos que o povo estava pagando. Um d'elles, olhando para um respeitavel ancião, decentemente vestido, que alli se achava, lhe dirigiu a seguinte pergunta: «E vm.^{cc}, sr. Abrahão, que pensa de tudo isto! Não concorda em que tão pezadas contribuições hão de por fim arruinar totalmente o paiz? Que havemos de fazer n'este caso?» O ancião, depois de considerar algum tempo, respondeu: «Se querem conhecer o meu modo de pensar, eu o exponho em poucas palavras, porque, *a bom entendedor meia palavra basta.*»

Vendo que todos se dispanhão a ouvil-o com attenção, fallou nos seguintes termos:

Meus caros amigos e concidadãos, não ha duvida que os tributos são muito fortes; contudo se não tivessemos que pagar senão aquelles que a lei nos impõe, poderíamos facilmente satisfaze-los; mas temos outros ainda muito mais pezados, a saber: a nossa preguiça que nos sujeita ao dobro do imposto que pagâmos ao Estado; o nosso orgulho ao tresdobro; a nossa extravagancia ao quádruplo!

Estas contribuições são de natureza tal, que não é possível aos exactores isentar-nos d'ellas, nem fazer a miuima redução; todavia se quizermos seguir um bom conselho, ainda poderemos ter alguma esperanza de melhorar a nossa sorte, porquanto, como refere o BOM HOMEM RICARDO, no seu Almanach: *«Deus disse ao homem: Trabalha, que eu te ajudarei.»*

(1) Extrahido da obra do sabio BENJAMIM FRANKLIN, intitulada *La Science du Bon Homme Richard.*

Se houvesse um Governo que obrigasse o povo a contribuir regularmente com a decima parte do seu tempo para o serviço publico, achar-se-hia, por certo, mui dura similhante condição; mas nós, pela maior parte, somos collectados pela nossa preguiça de uma maneira mais tyrannica, pois se se calcular o tempo que passámos n'uma absoluta ociosidade, isto é, sem fazer cousa alguma, ou a dissiparmos os nossos haveres, conhecer-se-ha que digo a verdade.

Quanto tempo não passámos entregues ao somno, alem do que é necessario? E porque acontece assim? Porque nos esquecemos, sem duvida, de que *«a rapoza a dormir não apanha gallinhas,»* e de que teremos tempo de sobejo para dormir, quando estivermos na sepultura. Se o tempo é o mais precioso de todos os bens, *«desperdiça-lo, como diz o BOM HOMEM RICARDO, é a maior de todas as prodigalidades, visto que «o tempo perdido não se recupera, e que quando julgâmos ter «tempo sufficiente para fazer alguma cousa, é quando elle nos «vem a faltar».*

Tenhamos portanto coragem, e trabalhemos em quanto podermos. Com actividade faremos mais obra com menos trabalho. *«A preguiça, como tambem diz o BOM ROMEM RICARDO, «torna tudo difficil, quando o trabalho tudo facilita. Aquelle que «se levanta tarde, agita-se o resto do dia, e vê chegar a noite, «quando apenas dá começo ao seu trabalho. A preguiça caminha «tão lentamente que a pobreza não tarda a alcança-la. Deitar-se «se cedo, e erguer-se cedo, eis o melhor meio de conservar a saude, a fortuna e a intelligencia».*

Que significam as esperanças e os votos que fazemos por tempos mais venturosos? Na nossa mão está tornar o tempo mais feliz, sabendo emprega-lo convenientemente. *«Quem trabalha, não deve ter ambições; pois aquelle que vive de esperanças expõe-se a morrer de fome: não ha proveito, sem trabalho. «Um officio equivale a um capital em terras. Uma profissão é «um emprego que reúne honra e proveito».*

Portanto, aquelle que for laborioso, não deve temer a miseria, pois a fome passa pela porta do homem diligente, sem se atrever a entrar-lhe em casa. A justiça tampouco n'ella penetrará, por isso que o trabalho paga as dividas, quando a ociosidade as augmenta.

Não é necessario achar thesouros, nem ser herdeiro de parentes abastados. *«A actividade, como diz o BOM ROMEM RICARDO, é a mãe da prosperidade, e Deus ajuda a quem trabalha».*

Lavremos as nossas terras em quanto o preguiçoso dorme, e teremos pão para vendnr e pera encelleirar. Trabalhemos in-

cessantemente desde pela manhã até á noite, visto que não sabemos se no dia seguinte o poderemos fazer. Por isso diz, com muita razão, o BOM HOMEM RICARDO : « *Vale mais ter um hoje, do que dois amanhã.— Guarda que comer, e não guardes que fazer.* »

Não nos envergonhariamos, porventura, se fôssemos criados de um bom amo que nos chamasse preguiçosos? Pois bem, supunhamos que somos os amos de nós mesmos, e envergonhemonos de nos entregarmos á ociosidade, quando temos tanto que fazer em nosso beneficio, no da nossa familia, e a bem da nossa patria.

Levantemo-nos ao romper do dia, para que quando o Sol allumiar a terra não possa dizer : « Eis-ahi um preguiçoso que ainda está a dormir. »

Com vontade e perseverança fazem-se maravilhas : — « *Agua molle em pedra dura, tanto dá até que a fura. Com trabalho e persistencia consegue um ratinho cortar uma amarra.* »

Está-me parecendo ouvir perguntar-me : « E não será licito ter alguns momentos de ocio? »

Mas eu responderei com o que diz o BOM HOMEM RICARDO : « *Empreguemos bem o nosso tempo, se quizermos ter direito ao descanso ; e não percamos uma hora, já que não podemos contar com um só minuto.* »

As horas vagas podem até ser empregadas em alguma coisa util. Só ao homem diligente é dado gosar d'essa especie de ocio, que o preguiçoso não sabe destructar. « *Vida socegada, como diz o BOM HOMEM RICARDO, e vida ociosa são cousas muito diversas.* »

Julgão vm.^{cs}, porventura, que a preguiça proporciona maiores prazeres do que o trabalho? Enganão-se, pois, como também diz o BOM HOMEM RICARDO : « *A preguiça causa cuidados, e o ocio sem necessidade, dá lugar a grandes dissabores. O trabalho, pelo contrario, traz consigo commodidades, abundancia e consideração. Os prazeres correm atraz d'aquelles que fogem d'elles. A fiandeira laboriosa nunca falta panno para camizas. Desde que tenho vaccas e ovelhas todos me cumprimentão.* »

Mas alem do amor do trabalho, é necessario ter constancia, resolução e cuidado. Convém muito ver as nossas cousas com os proprios olhos, e não nos fiarmos demasiadamente nos outros. Como observa o mesmo BOM HOMEM RICARDO : « *Nunca vi arvore alguma, a cada instante transplantada, nem familia, continuamente em mudanças, prosperarem tanto como aquellas que são estaveis. Tres mudanças equivalem quasi a um incendio. Conservemos a nossa loja, e ella nos conservará. Quem*

«quer vai; quem não quer manda, isto é, se quizermos que os
«nossos negocios tenham bom resultado, occupemo-nos d'elles nós
«mesmos; do contrario, encarreguemos d'isso a outrem. Para que
«o Lavrador prospere, deve elle proprio dirigir a charrua. O
«olho do dono engorda o cavallo. A falta de cuidado causa mais
«prejuizo do que a do saber. Não vigiar os operarios equivale a
«pôr a nossa bolsa á sua disposição. (1) A demasiada confiança
«nos homens é a causa da ruina de muita gente, pois nas cou-
«sas d'este mundo, não é pela fé que temos nos outros que nos
«salvamos, muitas vezes, mas sim não tendo nenhuma.»

Se v^{ces} quizerem ter um servo fiel e seu amigo, pergun-
tar-me-hão, o que deverão fazer? Servir-se a si mesmos, res-
ponderei eu.

O BOM HOMEM RICARDO aconselha tambem a circumspecção
e o maior cuidado até nas cousas de menor importancia, por-
que, como acontece frequentes vezes, um leve descuido pôde
produzir um grande mal.

«A falta de um cravo, diz elle, perde-se a ferradura, á falta
«da ferradura, perde-se o cavallo, e á falta do cavallo, perde-se
«o proprio cavalleiro, porque o inimigo o alcança., aprisiona ou
«mata, e tudo por não ter feito caso da falta de um cravo na
ferradura do seu cavallo.»

Não basta só, meus caros amigos, o que fica dito ácerca do
trabalho e da attenção que devemos dar a tudo quanto nos diz
respeito; é necessario tambem que sejâmos economicos, se qui-
zermos tirar bom resultado do fructo do nosso trabalho. Se um
homem não souber poupar á medida que vai tendo algum ga-
nho, morrerá sem real depois de haver passado toda a sua
vida em continua fadiga. «Quanto mais gorda é a cozinha, diz
«O BOM HOMEM RICARDO, mais magro é o testamento». (2)

Muitas fortunas se dissipão, apenas adquiridas, quando as
mulheres e os homens de humilde condição abandonão os seus
misteres para figurarem, fazendo despezas que as suas posses
não comportão.

«Se quizermos ser ricos, diz o BOM HOMEM RICARDO, apren-
«dâmos não só como se ganha, mas tambem como se poupa.»

Se as Indias não enriquecêrão os Hespanhoes, foi porque os
seus gastos excedêrão os thesouros que recebêrão das minas
de ouro e de prata d'aquelles paizes.

Renunciemos pois aos nossos loucos desperdicios, e teremos
menos razão de nos queixarmos do rigor dos tempos, do ex-

(1) Corresponde ao proverbio portuguez: Se queres ser pobre sem o sentir,
mette obreiros, e deita-te a dormir.

(2) Os Portuguezes dizem: Boa mesa, mau testamento.

cesso dos impostos, e dos avultados gastos da nossa casa; «*porque, como diz o BOM HOMEM RICARDO, o vinho, a incontinen-
cia, o jogo e a má conducta diminuem as fortunas, e multipli-
cção as necessidades. Custa mais sustentar um vicio, do que edu-
car dois filhos.*»

Julgão vm.^{ces} talvez que dar um chá a miudo, ter um prato mais ao jantar, uma ou outra vez, mais algum luxo no vestir, e dar-se a divertimentos repetidas vezes, são cousas que não podem ter grandes consequencias; mas lembrem-se do que diz o BOM HOMEM RICARDO: «*De muitos poucos se faz um muito.*»

Evitemos pois as despezas miudas, por isso que basta um pequeno rombo para fazer ir um navio para o fundo. A mesa lauta conduz muitas vezes á mendicidade. Os loucos dão os banquetes, e os sabios aproveitão-se d'elles.

Eis-nos aqui reunido para um leilão de objectos curiosos e de valor, que vm.^{ces} contão comprar por pouco dinheiro, pensando assim que isso é um *bem*; comtudo se se não acautelarem, será para alguns um verdadeiro *mal*, visto que se esses objectos lhes não forem realmente necessarios, serão sempre demasiado caros, por muito baratos que os comprem. Não percâmos pois de vista estas maximas do BOM HOMEM RICARDO: «*Aquelle que comprar o superfluo, não tardará a vender o que lhe for necessario. As compras baratas tem causado a ruina de muita gente. É loucura empregar o seu dinheiro para comprar um arrependimento.*»

Todavia, é o que infelizmente todos os dias está acontecendo áquelles que ignorão estas maximas.

«*O homem prudente, diz tambem o BOM HOMEM RICARDO, aprende na desgraça de outrem; o insensato raras vezes aprende na sua propria desgraça.*»

Ha tal que para brilhar na sociedade, priva o estomago do necessario alimento, e reduz a familia a passar quasi sem pão. «*As sedas, os setins e os veludos, como diz o BOM HOMEM RICARDO, tirão muitas vezes o calor á cozinha.*»

Por causa das suas extravagancias, tem muitas pessoas de alta cathegoria ficado reduzidas á pobreza, e na dependencia d'aquelles a quem d'antes desprezavão; mas que souberão melhor governar-se pelo seu trabalho e economia. Isto prova, segundo diz o BOM HOMEM RICARDO: «*Que um aldeão em pé, é mais alto do que um fidalgo de joelhos.*» Talvez que aquelles que mais se queixão tenham herdado uma boa fortuna; mas sem conhecerem os meios pelos quaes foi adquirida, disserão consigo mesmo: «*Agora é dia, e nunca será noite. Tão pequena despeza n'uma fortuna como a minha, nenhum desfalque lhe*

poderá causar.» Mas, em verdade, «as crianças e os loucos, como muito bem diz o BOM HOMEM RICARDO, imaginão que vinte moedas e vinte annos nunca se acabão. D'onde se tira, e não põe, falta faz. Quando o poço está secco, é que se conhece o valor da agua.»

Querem saber, meus amigos, quanto vale o dinheiro? Peça-no emprestado. Aquelle que pretender contrahir um empréstimo, deve contar com um tormento. Outro tanto succederá aquelles que confião dinheiro a certa qualidade de gente, quando tem de lhe pedir o que lhes devem. Agora, porém, não é d'isso que tratámos.

Quanto ao que eu ha pouco lhes disse, observa o BOM HOMEM RICARDO: *«A mania de figurar é uma extravagancia funesta. Antes de consultarmos a nossa fantasia, consultemos a nossa bolsa. A vaidade é um mendigo que falla tão alto como a necessidade, mas é ainda mais insariavel.»*

Quem compra uma cousa de gosto, precisa logo de mais dez, pelo menos, para condizerem umas com outras, ou para completar o surtimento; e como muito bem diz o BOM HOMEM RICARDO: *«É mais facil reprimir a primeira fantasia, do que satisfazer a todas as outras que se lhe seguem.»*

Ha tanta loucura pois no pobre em querer arremedar o rico, como na rã a inchar-se para se tornar tão grande como o boi. Os navios d'alto bordo podem aventurar-se fazendo-se ao mar; mas as embarcações de pequeno lote jámais devem perder a terra de vista.

Similhantes loucuras não ficão impunes por muito tempo, porque, como diz o BOM HOMEM RICARDO: *«O vaidoso almoça com a abundancia, janta com a pobreza, e ceia com a vergonha.»*

E com effeito, que fructo se tira d'essa ostentação, d'essa vaidade a que tudo se sacrifica? Sem augmentar o merito pessoal, excita a inveja, e apressa a ruina das nossas fortunas.

Que loucura não commette aquelle que se enche de dividas para occorrer a taes superfluidades!

Como n'este leilão, meus amigos, se vende a prazo de seis mezes, foi talvez este engodo o que levou alguns dos que aqui se achão a concorrerem a elle, por isso que não tendo dinheiro disponivel, achão a facilidade de satisfazer a sua fantasia sem immediato desembolso. Mas, ah! sabem bem o que fazem quando comprão fiado, ou contrahem alguma divida? Desde logo ficão na dependencia do crédor, concedendo-lhe direitos sobre os seus bens e a sua pessoa.

Não pagando no prazo ajustado, procura-se evitar a pre-

sença do crédor, e não se lhe falla senão com pejo e com certo receio; degradando-se o devedor até a pedir-lhe mil vergonhosas desculpas. Pouco a pouco perde a sua franqueza, e finalmente deshonna-se com mentiras as mais evidentes e desprezíveis, pois, segundo diz o BOM HOMEM RICARDO: «O primeiro erro é contrahir dividas; o segundo, mentir. Aquelle que tem por costume endividar-se, anda sempre com a mentira nos labios.»

Que pensarião vm.^{ces} de um Principe, ou de um Governo que prohibisse, por um edital, a certa classe de cidadãos o trajar como as pessoas d'alta jerarchia, sob pena de prisão? Não dirião porventura, que havendo nascido livres, tinhão o direito de se vestirem como quizessem, e que similhante ordem era um attentado contra os nossos direitos, e uma verdadeira tyrannia? E comtudo, somos nós os proprios que nos queremos sujeitar a essa tyrannia, quando contrahimos dividas pela fantasia de figurar; podendo o nosso crédor, se quizer, privarnos da liberdade, mettendo-nos n'uma prisão, e talvez por toda a vida, se lhe não podermos pagar. (1)

Quando se compra a prazo, póde acontecer que o comprador não tenha na lembrança o dia do pagamento; «mas ad-virta-se que os credores, como diz o BOM HOMEM RICARDO, atém melhor memoria que os devedores, e formão uma especie de seita supersticiosa, que observa, com o maior escrupulo, todas as epocas do calendario.»

O dia do pagamento chega quando n'elle menos se pensa, e o crédor vem exigir o embolso da quantia que emprestou, sem que o devedor tenha dado as necessarias providencias para o verificar. Se, pelo contrario, o devedor trata de satisfazer a sua divida, o prazo que, a principio, lhe parecia tão longo, parecer-lhe-ha demasiadamente curto, á medida que se fôr approximando.

«A Quaresma é muito breve, como diz o BOM HOMEM RICARDO, para aquelle que tem de pagar pela Pascoa.» Conservemos pois a nossa liberdade e a nossa independencia. Sejâmos laboriosos e livres; sejâmos economicos e independentes. Talvez julguem algumas pessoas que me estão ouvindo, acharem-se n'um estado tal de opulencia, que lhes permite satisfazer ás suas fantasias; mas é preciso poupar a fim de estar prevenido, não só para o tempo da velhice, mas tambem para qualquer adversidade que possa sobrevir. «O Sol da manhã não dura

(1) Em França e alguns outros paizes, podia o crédor não só executar, mas até prender o devedor.

«todo o dia. O ganho é incerto e eventual ; mas a despeza é certa durante toda a vida. É mais facil derrubar duas chaminés do que conservar uma só com lume, como diz o BOM HOMEM RICARDO. Assim, antes ir para a cama sem ceiar, do que acordar com dividas. Adquirir quanto se podér, e poupar o mais que possivel fór, eis o verdadeiro segredo para ter dinheiro»; e quando possuirmos essa pedra philosophal, não teremos motivo para queixar-nos das vicissitudes dos tempos, nem da difficuldade de pagar os impostos. Comquanto, meus amigos, esta doutrina seja conforme á razão e á sabedoria, não confiemos unicamente no trabalho, e na nossa prudência e economia. Tudo isto será inutil sem a benção do ceo. Imploremo-la pois humildemente ; não sejâmos insensiveis ás desgraças do nosso proximo, e dêmos-lhe consolação e soccorros.

Não nos esqueçâmos de que *Job* foi pobrissimo, e que depois veiu a ser mui venturoso.

Nada mais direi sobre o assumpto, pois «a experiencia é uma escola, aonde as lições custão caro ; mas é a unica em que os insensatos podem aprender, se bem que pouco proveito tirão d'ella.»

«Lembre-mos, como diz o BOM HOMEM RICARDO, de que aquelle que não admite conselhos, não considera que ainda quando não queira ouvir a razão, ella, mais tarde ou mais cedo, se fará ouvir.»

Assim acabou o velho *Abrahão* o seu discurso. Os circumstantes ouviram-no com attenção, e até parecião approvar as suas maximas ; comtudo não deixarão de praticar immediatamente o contrario, pois apenas começou o leilão, cada qual fez compras as mais extravagantes, apezar das saudaveis advertencias do velho *Abrahão*, e do receio que todos tinham de não poderem pagar os impostos.

Quanto a mim, conheci que aquelle ancião havia estudado cuidadosamente as obras de *Franklin*, e tirado vantagem de quanto aquelle apostolo da humanidade havia dito, pelo espaço de vinte cinco annos, sobre a *necessidade do trabalho e da economia*.

Resolvi aproveitar-me tambem do que lhe ouvira, para me emendar ; e não obstante ter-me demorado á porta do leilão com o fim de comprar panno para uma casaca, entendi que era mais conveniente aos meus interesses ir-me remediando com a que tinha.

Leitor, se te fór possivel fazer o mesmo, ganharás tanto como eu.

RICARDO SAUDNERS.

Amor da patria e louvavel resignação do Infante D. Fernando

Tendo o Infante *D. Fernando* ficado escravo na Barbaria, e como em refens, até que a praça de Ceuta fosse entregue aos Mouros, e constando lhe que ElRei *D. Duarte*, seu irmão, convocára Conselho para o resgatar a preço d'aquella importante praça, disse: «*Eu antes quero viver em ferros e morrer escravo do que ver uma cidade christã, e que tanto sangue custou aos portuguezes, entregue, por minha causa, aos infieis*». E assim veiu a acontecer, porque morreu nas masmorras de Tunes, depois de seis annos de captiveiro, sacrificando ao amor da patria a liberdade e a vida.

Grandeza d'alma e desinteresse d'ElRei D. Affonso IV

Quando ElRei *D. Affonso IV* foi convidado por seu genro ElRei de Castella para o ajudar na empresa de expulsar os mouros da Andaluza, e depois de ter, com o seu auxilio, ganhado a famosa batalha do *Salado*, offereceu-lhe este o despojo do campo inimigo, que todo tinha cabido em seu poder. *D. Affonso*, desinteressado e desprezador de tudo que podesse indicar paga ou recompensa, respondeu a seu genro: «*Eu não vim de Portugal para voltar carregado de despojos: para mim é de sobrejo a gloria de ter vencido*». Escolheu comtudo, para memoria d'este glorioso facto, o estandarte e a trombeta de *Albohacem*, Rei de Marrocos, que mandou depositar no seu Arsenal, e que depois da sua morte servirão de emblema ao tumulo, como trophéu da sua victoria.

MEIO DE TER SEMPRE DINHEIRO NA ALGIBEIRA

O verdadeiro segredo para ganhar dinheiro, o methodo infallivel para encher as bolsas vazias, e a maneira de as conservar sempre cheias, consiste na rigorosa observancia dos dois seguintes preceitos do celebre FRANKLIN:

- 1.º Ter sempre por companheiros o trabalho e a probidade.**
- 2.º Gastar menos por dia do que o nosso ganho ou rendimento.**

D'este modo aquelles que não estiverem endinheirados, ve-

rão em pouco tempo augmentar os seus recursos; não serão atormentados pelos crédores, nem pela fome; não estarão expostos aos rigores das estações por falta de vestuario; finalmente passarão uma vida alegre e sem dependencia. Nunca se deve pois perder de vista que todo aquelle que faz diariamente uma despeza inutil de 80 réis, por exemplo, gasta inutilmente mais de seis moedas por anno. Seis moedas correspondem ao juro legal de cento e vinte moedas, a razão de cinco por cento annualmente, isto é, para se poder ter um rendimento de seis moedas, é necessario possuir um capital de cento e vinte moedas.

Portanto aquelle que dissipa qualquer quantia, grande ou pequena que seja, dissipa não só essa quantia, mas tambem os lucros que lhe poderião resultar d'ella, se a fizesse render, o que no espaço que decorre da mocidade á velhice, pôde montar a uma somma consideravel.

INVENÇÕES PORTUGUEZAS

CARTAS NAUTICAS OU DE MAREAR

As **cartas nauticas** ou de **marear** são aquellas em que se representão, com a maior exactidão possível, os mares, as costas, os portos, os rochedos, as ilhas, os golfos, os bancos d'arêa e os rumos dos ventos.

Reconhecendo o sabio Infante *D. Henrique*, quinto filho d'El-Rei *D. João I*, que as cartas geographicas, então em uso, não satisfazião ao que a necessidade requeria, não só pelos inconvenientes que offerecião, mas pelas grandes difficuldades dos calculos para a maior parte dos pilotos, inventou as cartas de marear chamadas *planas*, de grãos iguaes e meridianos parallellos, os quaes servirão de primeiro passo para as cartas *reduzidas*, taes como hoje se empregão.

Foi o mesmo Infante *D. Henrique* quem fundou na praça de Sagres, para onde se retirára, a celebre escola de navegação, por meio da qual conseguirão os portuguezes os interessantes e gloriosos descobrimentos que, depois da morte do mesmo Principe, lhes franquearão as portas do Oriente.

ASTROLABIO MARITIMO

O **astrolabio maritimo** era um instrumento de que antigamente se fazia uso nas viagens de mar para tomar a altura do polo e dos astros. Hoje servem-se os nauticos de ins-

trumentos mais exactos, quaes o *Sextante*, o *Circulo de reflexão*, etc.

O **astrolabio maritimo** foi inventado em Portugal, como se lê em auctores nacionaes e estrangeiros, no reinado de *D. João II*, por mestre *Rodrigo* e mestre *Joseph*, Hebreus seus medicos. Com aquelle instrumento se facilitou muito a navegação pelo alto mar, por isso que, por meio d'elle, poderão os pilotos desviar os navios das costas, que então seguião com grandes delongas e inconvenientes, e se abriu caminho ás estupendas navegações emprehendidas por *Bartholomeu Dias* e *Fernam de Magalhães*, a quem tanto devem a marinha e o commercio de todas as nações.

BALÕES OU MAQUINAS AEROSTATICAS

O **balão** ou **maquina aerostatica** é um apparelho para subir aos ares. Introduzindo-lhe pois um gaz quatorze ou quinze vezes mais leve que o ar, chamado *gaz hydrogenio*, elevar-se-ha com uma força ascensional mais ou menos consideravel.

Attribue-se geralmente a invenção dos **balões** ou **maquinas aerostaticas** ao francez *Montgolfier*, o qual fez as suas primeiras experiencias em Annonay no anno de 1783.

Deve-se porém advertir que antes d'elle muitos havião tentado subir aos ares, mas sem exito feliz, e que a um padre portuguez, por nome *Bartholomeu Lourenço de Gusmão*, estava reservada a gloria de conceber e realisar, no principio, do seculo passado, tal maravilha. Construiu com effeito uma maquina em fórma de passaro, á qual pretendia dar direcção, e chegou a fazer uma experiencia na presença da Familia Real, da cõrte e de immenso povo, voando com a dita maquina do torreão da antiga Casa da India para o outro lado do Terreiro do Paço em Lisboa.

ElRei *D. João V*, a quem o padre *Bartholomeu* requerêra um privilegio de invenção, despachou o seu requerimento, em 17 de Abril de 1709, depois de consultado o Desembargo do Paço, fazendo-lhe mercê de uma conezia e da cadeira de Lente de Prima de Mathematica, na Universidade de Coimbra, com o ordenado annual de 600,000 réis. Veja se no *Recreio*, Jornal das familias de abril de 1837, a pag. 80 e seguintes, o desenho e a descripção d'aquella maquina.

Não logrou porém o padre *Bartholomeu* aperfeiçoar o seu util invento, porque a ignorancia e superstição, qualificando de *sobrenaturaes* os meios de que elle se servia, lhe movêrão

tal perseguição, que o impellirão a expatriar-se para Hespanha, aonde falleceu em 1724.

PRIMEIRA VIAGEM Á RODA DO MUNDO POR UM PORTUGUEZ

A primeira viagem á roda do globo foi emprehendida pelo navegador portuguez *Fernam de Magalhães*, o qual, julgando-se mal recompensado por ElRei *D. Manoel*, a quem servira como guerreiro e como piloto, se dirigiu a Hespanha para offerecer os seus serviços a *Carlos V*. Este Monarcha deu-lhe o commando de uma armada composta de cinco náos, a saber: *Trindade*, capitaneada pelo mesmo *Magalhães*, *Santo Antonio*, *Conceição*, *Victoria* e *Santiago*.

A 10 de Agosto de 1519 partiu *Fernam de Magalhães* de Sevilha, para ir buscar o caminho das *Molucas* pelo Sul da America, entendendo *Carlos V* que d'esta forma ficavão pertencendo á Hespanha aquellas ilhas, aonde já havião chegado os Portuguezes pela volta do *Cabo da Boa Esperança*.

N'essa viagem descobriu o Estreito ainda hoje chamado *Estreito de Magalhães*, e foi este insigne e intrepido Capitão o primeiro que penetrou no mar do Sul (a que deu o nome de *Mar pacifico*) até ás Ilhas *Philippinas*, n'uma das quaes foi morto em 1521, combatendo valorosamente contra os Indios, sem ter o gosto de ver o fim á sua arrojada empreza.

A náo *Victoria*, commandada por *João Sebastião del Cano*, partiu depois da morte de *Magalhães* para a Europa em 21 de Dezembro de 1521, tocando nas *Ilhas Molucas* e de *Timor*; e dobrando o *Cabo da Boa Esperança*, chegou finalmente a *Sanlucar de Barrameda*, porto da Andaluzia na embocadura do Guadalquivir, no dia 7 de Setembro de 1522; sendo este o primeiro navio que fez um giro inteiro á roda do mundo, com quatorze mil leguas de navegação.

PRINCIPIO DAS GLORIOSAS NAVEGAÇÕES DOS PORTUGUEZES

Foi no anno de 1412, no tempo de *D. João I*, que, de mandado do immortal Infante *D. Henrique*, um dos homens mais sabios e notaveis do fim da idade media, começaram as navegações e descobrimentos dos Portuguezes.

A perseverança nos perigos, os esforços e sacrificios dos nossos intrepidós navegadores, derão em resultado a posse de immensos territorios que, pelos thesouros que occultavão, e pela sua fertilidade forão uma fonte de riquezas para Portugal, outr'ora tão admirado e respeitado em todo o mundo pelo seu poder maritimo e grandeza.

PRINCIPAES DESCOBRIMENTOS DOS PORTUGUEZES

DESCOBRIMENTOS	ANNOS	DESCOBRIDORES
Ilha de Porto Santo.....	1418	Bartholomeu Perestrello.
Ilha da Madeira.....	1419	João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira.
Ilha de Santa Maria, primeira descoberta no Archipelago dos Açores.....	1431-1432	Gonçalo Velho Cabral, Comendador de Almourol.
Cabo Verde.....	1444	Diniz Fernandes.
Ilhas de Cabo Verde.....	1445-1446	Luiz Cadamosto, Antonio de Nola, Vicente de Lagos.
Guiné.....	1460-1461	Pedro de Cintra.
Cabo Mesurado.....	1469	João de Santarem e Pedro de Escobar.
Resgate do ouro, a que chamão a Mina.....	1469	Fernando Pó.
Ilha Formosa ou de Fernando Pó.....	1471	
Ilhas de Anno Bom, S. Thomé e Príncipe.....	1471	
Rio Zaire.....	1484-1485	Diogo Cam.
Reino do Congo.....	1486	João Affonso d'Aveiro.
Reino e terras de Benin em Guiné.....	1486	Bartholomeu Dias.
Cabo da Boa Esperança.....	1487	João Peres da Covilhã e Affonso de Paiva.
Abyssinia.....	1498	Vasco da Gama.
Ilha de Moçambique.....	1500	Pedro Alvares Cabral.
India.....	1500	Gaspar Corte Real.
Brasil.....	1501	João da Nova.
Terra Nova.....	1502	D. Lourenço d'Almeida.
Ilha da Ascensão.....	1505	Ruy Pereira Coutinho.
Ilha de Santa Helena.....	1506	D. Lourenço d'Almeida.
Ilha de Ceilão.....	1507	Diogo Lopes de Sequeira.
Ilha de S. Lourenço (Madagascar).....	1509	Antonio d'Abreu e Francisco Serrão.
Ilhas Maldivas.....	1511	Pedro de Mascarenhas.
Malaca.....	1513	Duarte Coelho.
Ilha de Sumatra.....	1513	
Ilhas Molucas.....	1516	Fernam Peres d'Andrade.
Reino de Siam.....	1517	
Ilha de Mascarenhas, hoje Ilha de Bourbon ou da Reunião.....	1525	Antonio da Motta, Francisco Zeimoto e Antonio Peixoto.
Ilha Mauricia, hoje Ilha de França.....	1542	Lourenço Marques.
Cochinchina.....	1542	
China.....	1545	
Nova Hollanda.....		
Japão.....		
Bahia de Lourenço Marques..		

NOÇÕES DIVERSAS

Cosmographia — Esta palavra deriva-se de dois vocabulos gregos, que significão: *Descripção do mundo inteiro* ou *universo*, isto é, *ceo, terra e agua*.

Astronomia é a sciencia que trata dos movimentos, grandeza, eclipses, períodos e outros fenómenos dos corpos celestes.— Chamão-se corpos celestes o *Sol*, os *planetas* e seus *satellites*, os *cometas* e as *estrellas fixas*.

Geographia significa: *Descripção da terra*: com effeito a *Geographia* faz-nos conhecer os diversos paizes, sua situação, climas, rios que os regão, cidades, villas, aldêas, povos que os habitão, etc.

Geologia — Trata de tudo quanto é relativo á structura da terra, ou do globo que habitâmos, da natureza dos materiaes que o compõem, maneira por que esses materiaes se formão, etc.

Chorographia ou **Corographia** é a descripção ou mappa de alguma provincia, ou de algum reino. Na *Corographia* encerra-se a *topographia*, que é a descripção ou planta de algum lugar particular, como d'uma cidade, villa, etc.

Historia, geralmente fallando, é a fiel narração de acções, acontecimentos e cousas dignas de memoria.

Historia universal — É aquella que abrange o mundo inteiro, em opposição á *Historia particular*, que só trata de uma parte do mundo, ou de um estado.

Os historiadores modernos dividem a *Historia universal*, em tres partes, a saber: *Historia antiga*, *Historia da idade media* e *Historia moderna*.

Historia antiga — Começa na criação do mundo, e acaba na destruição do Imperio romano do Occidente, no anno de 476 de Jesus Christo.

Historia da idade media — Principia na destruição do Imperio romano do Occidente, e acaba na tomada de Constantinopla pelos Turcos, no anno de 1453.

Historia moderna — Começa na tomada de Constantinopla pelos Turcos, e dura desde essa época.

Grammatica é arte de fallar e escrever correctamente.

Rhetorica é arte de fallar com propriedade e elegancia, inculcando boas razões para provar e persuadir.

Philosophia — Esta palavra, segundo a sua etymologia, vale o mesmo que *amor da sciencia* ou da sabedoria. Divide-se communmente em quatro partes, a saber: *Logica*, *Moral*, *Physica* e *Metaphysica*.

Logica é a arte que nos ensina a discorrer com acerto: dá regras certas para bem definir, dividir e argumentar; ensina a distinguir e fazer differença do falso ao verdadeiro.

Moral considera a natureza das paixões, vicios e virtudes humanas, e dá regras para o governo da vida, assim publica como privada.

Physica é a sciencia da natureza; trata dos principios, causas e effeitos naturaes, propriedades dos corpos, movimentos e acção reciproca, meteóros, fenómenos do ceo e da terra, etc.

Metaphysica é a sciencia das cousas sobrenaturaes, e exerce-se sobre cousas de que o homem não pôde ter uma idéa senão pelos esforços do raciocinio e da imaginação, taes como a *essencia de Deus*, a *natureza da alma*, o *infinito*, a *eternidade*, etc.

Jurisprudencia é a sciencia das leis. Divide-se em *Direito natural*, *Direito das gentes* e *Direito civil*.

Direito natural é aquelle que a propria natureza e a razão não ensinão; tal é, entre outros, o preceito de não fazermos aos outros aquillo que não quizeramos que se nos fizesse; o de repellirmos a força pela força, ou de defender-nos d'aquelles que nos aggrederem injustamente: tal é tambem aquelle que dá poder aos pais e ás mãis sobre seus filhos, etc.

Direito das gentes ou *Direito publico externo* ou *internacional*, é aquelle que consiste em certas maximas e costumes conformes ao direito natural, e recebidos por todas as nações cultas, que obstão a que sejamos aggressores injustamente; a que violemos a hospitalidade, e attentemos contra a pessoa dos Embaixadores, etc.

Direito civil ou *Direito publico interno* é aquelle que é fundado nas leis que cada nação tem estabelecido para por ellas ser governada.

Arithmetica é a sciencia dos numeros ou a arte de contar. —As suas operações fundamentaes, conhecidas pelo nome das quatro especies, são: *Sommar*, *Diminuir*, *Multiplicar* e *Repartir*, a que dão tambem o nome de *Addição*, *Subtracção*, *Multiplicação* e *Divisão*. —Todas as outras operações arithmeticas consistem nas diversas applicações das quatro especies.

Algebra é a sciencia do calculo da *grandeza* em geral, em que se opéra, como na Arithmetica, por meio da *Addição*, *Subtracção*, *Multiplicação* e *Divisão*, com a differença porém de se empregarem as letras do alphabeto em lugar dos algarismos ou letras de conta.

Geometria é a sciencia que ensina a medir a quantidade em todas as suas extensões, *altura*, *largura* e *comprimento*. A extensão em comprimento, considerada sem largura nem altura, chama-se *Linha*, e se representa assim ————. A extensão em comprimento e largura, considerada sem altura, chama-se *superficie*. A extensão em comprimento, largura e altura, chama-se *solido* ou *corpo*.

Agricultura é a arte de cultivar a terra, de a tornar fertil, e de tirar d'ella o maior proveito possivel.

Commercio é a troca ou venda de mercadorias ou generos, com o fim de ganhar dinheiro.

O *Commercio interno* consiste em transportar de um ponto para outro do mesmo Estado os objectos necessarios para consumo.

O *Commercio externo* ou de *exportação* consiste em vender aos estrangeiros as produções de um paiz, e mesmo as de outros que para alli forão transportadas.

O *Commercio d'importação* consiste em trazer para um paiz as produções, tanto de terreno como de industria estrangeira.

Navegação é a arte de conduzir um navio, pelo auxilio do vapor, do vento, das velas, leme, cartas maritimas e da bussola ou agulha de marear, ao que se juntarão as observações sobre a altura do Sol e das estrellas. Hoje gasta-se muito menos da metade do tempo para fazer qualquer viagem do que antigamente se empregava.—A navegação por meio de barcos de vapor, veiu augmentar ainda mais a celeridade e certeza das viagens.

Bellas Artes — Comprehende-se debaixo d'este nome, o *Desenho*, a *Pintura*, *Esculptura*, *Gravura*, *Architectura*, *Musica*, *Dança* e, modernamente, a *Lithographia*.

Desenho é a arte de imitar, por meio de traços e claro-escuro, as fórmãs que os objectos apresentam à nossa vista.

O *Desenho* é a base fundamental das *Bellas Artes*. Fórmã especialmente o primeiro elemento do pintor, gravador, esculptor, architecto, engenheiro, etc., não fallando de todas as artes mechanicas, que se não podem exercitar com gosto nem regularidade sem o auxilio do *Desenho*.

Esculptura é uma arte que, por meio do desenho e de alguma materia solida, como pedra, bronze, páo, ouro, marfim, barro, etc., imita os objectos palpaveis da natureza,— ou, por outras palavras, é a arte por meio da qual se representão os objectos em vulto.

Pintura é a arte de representar sobre uma superficie, por meio de traços e côres, todos os objectos visiveis, e digna de tanta estimação, que a não desprezavão os antigos Reis; com ella se fizerão nobres muitos Romanos, especialmente a preclara familia dos Fabios.

Gravura é a arte de representar os objectos, por meio do buril, sobre páo, pedra, cobre ou aço.

A arte de gravar designa a operação que produz uma estampa.—De todas as artes de imitação, nenhuma é de tão grande utilidade como a gravura.

Architectura é a arte de construir todo o genero de edificios, etc., e divide-se em *Architectura civil*, *militar* e *naval*.

A *Architectura civil* tem por objecto a construcção de casas, principalmente de palacios e edificios publicos, e divide-se em cinco ordens, a saber: *Toscana*, *Dórica*, *Jónica*, *Corinthia*, e *Composta* ou *Compósita*.

Architectura militar é a arte de pôr uma praça em estado de resistir com uma pequena porção de tropa a outra maior.

Architectura naval é a arte de construir navios, tanto de guerra como mercantes.

Musica é a arte de combinar os sons de um modo agradável ao ouvido.

Musica vocal ou *canto* é a que se executa por meio da voz humana.—*Musica instrumental* é a que se executa com instrumentos, como flautas, rabecas, rabeções, clarinetes, etc. Os italianos são os primeiros musicos do Universo.

Dança ou a arte de dançar consiste em mover o corpo em cadencia, a passos compassados, ao som de instrumentos.

O gosto pela dança parece nascer com o homem. Em toda a parte onde se achão homens e mulheres reunidos para qualquer festa se dança.—Os gentios celebrão as suas victorias com danças, e dançãõ à roda dos prisioneiros a quem vão devorar; finalmente dançãõ tambem só pelo prazer de dançar.

Lithographia é uma arte cujo descobrimento, que apenas data dos fins do seculo passado, se attribue ao allemão *Alois Senefelder*.—O processo d'esta tão util invenção consiste em desenhar sobre uma pedra, bem polida, com lapis, para esse effeito preparado, ou por meio de certa tinta, os objectos que se querem representar. Essa pedra, que soffre depois uma preparação, se assenta n'uma prensa. Lava-se então com agua, e esta penetra em todos os lugares aonde nem o lapis nem a tinta tocãõ. Feito isto, passa-se-lhe por cima um rolo humedecido com tinta. O desenho imbebe-se d'aquella tinta, ficando o resto da pedra intacto, por meio da agua que enche os seus poros, e repelle a materia gordurenta de que a mesma tinta se compõe.

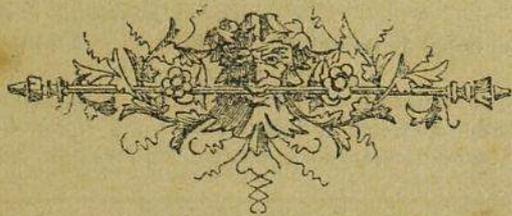
A *Lithographia* tem excedido, em muitos casos, a gravura em cobre.

N. B. De um desenho lithographico feito a tinta, imitando o traço de buril, podem tirar-se muitos milhares de exemplares.

Gymnastica é uma parte da Hygiene que trata dos effeitos dos diversos exercicios corporaes.

Dividem-se geralmente os exercicios gymnasticos em *exercicios activos* e *exercicios passivos*; alguns auctores accrescentãõ-lhe uma terceira classe de exercicios, a que chamãõ *exercicios mixtos*. Os *exercicios activos* são: o passeio a pé, o salto, a carreira, a dança, a natação, a caça, a esgrima, etc. Entende-se por *exercicios passivos* o passeio de carruagem, em liteira, embarcado, etc.; e por *exercicios mixtos*, a equitação, o balouço, o jogo da argolinha, etc.

Os exercicios gymnasticos formão hoje, em diversos paizes, uma parte essencial da educação da mocidade.



Desde quando começou Portugal a ter o nome de Reino, e seu primeiro Soberano assumiu o título de Rei

Por fallecimento do Conde D. Henrique, no anno de 1112, ficou governando Portugal sua mulher D. Thereza, que logo se chamou RAINHA DE PORTUGAL, RAINHA DOS PORTUGUEZES; e como este titulo é correlativo de REINO, d'elle se poderia colligir que Portugal, ou os Estados de Portugal, já então se começãõ a chamar Reino.

Vencido o partido da Rainha por seu filho D. Affonso Henriques na batalha de S. Mamede, junto a Guimarães, em 24 de Junho de 1128, começãõ logo os Portuguezes, ou quando menos por morte da mesma Rainha, em 1130, a chamar REI o Senhor D. Affonso Henriques em escriptos e monumentos publicos. Elle porém nunca tomou esse titulo nos diplomas authenticos lavrados em seu nome, senão depois da memoravel batalha de Campo de Ourique por elle ganha em 1139.

DYNASTIA REINANTE DE PORTUGAL

Chama-se **Dynastia** a descendencia, ou successão dos Soberanos da mesma familia que tem reinado em um paiz. A **Dynastia portugueza reinante** procede da Serenissima Casa de Bragança que, na pessoa do Senhor Rei D. João IV, entrou, em o 1.º de Dezembro de 1640, na legitima posse d'este Reino, depois de haverem os Portuguezes, com denodado valor, sacudido o jugo dos Hespanhoes, os quaes, pelo espaço de sessenta annos, isto é, desde 1580 até ao referido anno de 1640, haviãõ dominado em Portugal.

DIVISÃO DO REINO DE PORTUGAL

O **Reino de Portugal** foi dividido, por decreto de 28 de Junho de 1833, em oito provincias no continente, a saber: *Minho, Douro, Traz-os-Montes, Beira Alta, Beira Baixa, Estremadura, Alentejo e Algarve.*

As Ilhas Adjacentes da *Madeira*, em Africa, e o Archipélago dos *Açores*, na Europa, formavãõ as Provincias da *Madeira, Oriental, Central e Occidental dos Açores.*

As provincias ultramarinas forãõ divididas em seis pelo Decreto de 2 de dezembro de 1869 (1), a saber:

Na Africa Occidental	} <i>Provincia de Cabo Verde.</i> <i>Provincia de S. Thomé e Principe.</i> <i>Provincia d'Angola.</i>
Na Africa Oriental...	
Na Asia Occidental..	} <i>Provincia de Moçambique.</i> <i>Provincia do Estado da India.</i>
Na Asia Oriental e	
Oceania.....	} <i>Provincia de Macau e Timor.</i>

(1) Veja-se o Diario do Governo de 9 de Dezembro de 1869.

As cidades de Portugal, no continente, são 28 nas antigas Pro-
vincias, a saber:

No Minho — Braga, Vianna do Castello, Guimarães.

No Douro — Porto, Coimbra, Aveiro, Penafiel.

Em Traz-os-Montes — Bragança, Miranda.

Na Beira Alta — Lamego, Vizeu.

Na Beira Baixa — Guarda, Castello Branco, Pinhel, Covilhã (1).

Na Estremadura — Lisboa, Santarem, Leiria, Thomar, Selu-
bal (2).

No Alentejo — Beja, Elvas, Evora, Portalegre.

No Algarve — Faro, Lagos, Tavira, Silves.

O decreto de 24 de Outubro de 1842 reformou a divisão territorial acima referida, dividindo Portugal e Ilhas adjacentes em 21 Districtos administrativos, sendo 17 no continente e 4 nas ilhas adjacentes (3).

DA ESCRIPTA NOS PRIMEIROS TEMPOS

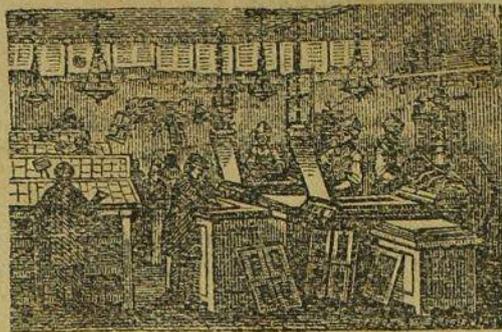
Todos os auctores são concordes em que a escripta foi uma pintura grosseira, e que esta deu origem à escripta hieroglyphica ou symbolica, cuja invenção se attribue aos *Egyptios*. Neste modo de escrever era uma só figura imagem de muitas cousas, porque para mostrar, por exemplo, uma cidade sitiada, pintavão uma escada em uma muralha; para representar uma batalha, fazião duas mãos, uma com um escudo, outra com um arco, etc. — Os povos inventarão depois successivamente diversos signaes proprios para representar o discurso, e exprimir o pensamento, e ás investigações e multiplicadas experiencias que fizerão em diversas épocas para o conseguirem, é que devemos a arte de escrever, propriamente dita. É impossivel fixar com exactidão a época a que se deve referir a invenção dos caracteres alphabeticos: sabe-se unicamente que são conhecidos desde a mais remota antiguidade. — Os arabes fazião uso d'elles desde o tempo de Job. — Diversas nações disputarão a gloria de haver inventado esses caracteres; mas não vemos senão dois povos na antiguidade a quem se possa attribuir essa invenção: os *Assyrios* e os *Egyptios*. — CADMO, entre os *Gregos*, passava pelo inventor da escripta. Estes escrevião ao principio sobre folhas de certas arvores, e principalmente na casca da faia e da tilia; depois servião-se de umas taboinhas mui delgadas, que untavão de cera, sobre a qual escrevião por meio de um punção chamado *stylus*. — Escrevião tambem em pelles de animaes ou pergaminho, e nas folhas de uma planta denominada *papyrus*, donde veiu o nome de papel.

A descoberta da *Typographia* fez decahir, no decimo sexto seculo, a escripta, de que dependia a subsistencia de mais de dez mil copistas, só nas cidades de Paris e Orléans.

(1) Veja-se o Diario do Governo de 24 de Outubro de 1870.

(2) Veja-se o Diario de Lisboa de 21 de Abril de 1860.

(3) Veja-se o *Codigo Administrativo*.



INVENÇÃO DA TYPOGRAPHIA

A **Impressão** ou **Typographia** (1), a que as sciencias e as artes devem immensos progressos, e a civilisação tão felizes resultados, é, talvez, de todas as artes, aquella que mais honra faz aos seus inventores.—Esta inestimavel descoberta deu logar a que muitas cidades disputassem a gloria de haverem sido o berço de seus auctores.

A arte de imprimir teve o começo no decimo quinto seculo, isto é um facto incontestavel; mas no que não concordão varios auctores, é no lugar aonde se verificou tão util descoberta, nem no nome do seu inventor.— A opinião mais geralmente admittida, é que ella se deve aos gravadores em pau.

Alguns attribuem a **Lourenço Janszoon Costér**, de Harlem, cidade dos Paizes Baixos, a idéa de fazer, no anno de 1437, caracteres moveis de madeira; outros attribuem a mesma invenção a **João Guttemberg**, de Moguncia, que, achando-se, pelos annos de 1438, em Strasburgo, uniu os seus talentos aos de **Jacques Mentel**, e fez com este numerosas experiencias.— Voltando á sua terra, associou-se com **Fust**, ourives de Moguncia, homem engenhoso e mui habil, cujo nome será sempre proferido com gratidão pela posteridade.

Estes dois socios conseguirão substituir as letras moveis de madeira por letras esculpidas em metal; porém o tempo, os incommodos e os gastos enormes que exigia a gravura d'estas letras, tanto em cobre como em chumbo ou estanho; as cabalas suscitadas por alguns frades, que tiravão grandes vantagens da venda dos livros que copiavão; a accusação até de sortilegio de que resoavão os Tribunaes, forão outros tantos obstaculos que estiverão a ponto de desanimar **Fust e Guttemberg**, quando um mancebo chamado **Pedro Schoeffer**, uns dizem que criado, outros official, de **João Fust**, penetrou o segredo de seus amos, e depois de muitas experiencias, umas bem, outras mal succedidas, collocou a impressão no numero das artes; sendo o mesmo **Pedro Schoeffer** o primeiro que abriu punções para as matrizes da fundição dos typos.

Finalmente de tudo quanto se tem escripto sobre a impressão, resulta que a opinião mais geralmente seguida é que ella foi inventada em *Harlem*, melhora da em *Strasburgo*, e aperfeçoada em *Moguncia*.

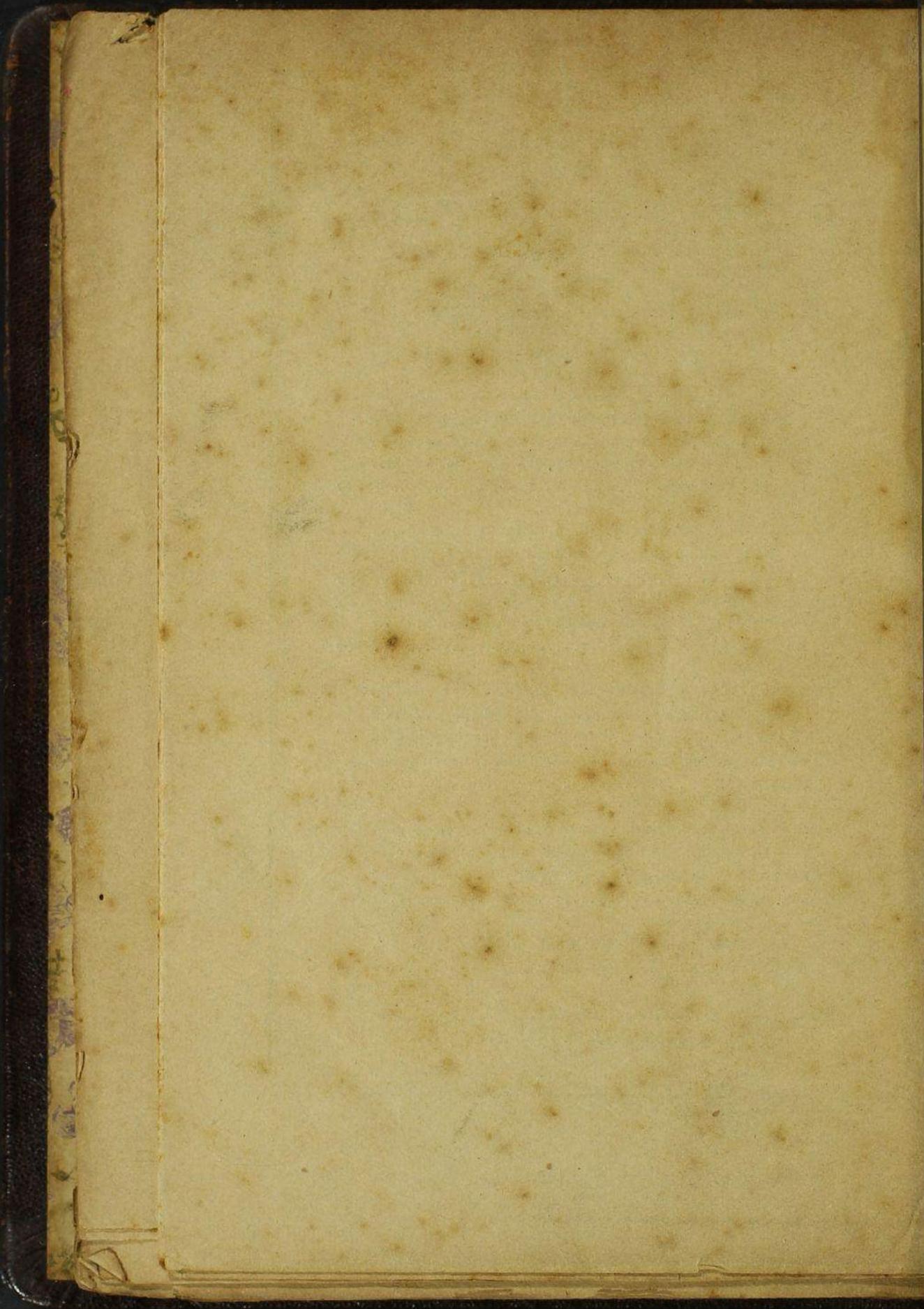
(1) O nome *Typographia* vem de chamarem *typo* aos caracteres com que se imprime.

LIVRARIA CENTRAL
DE
GOMES DE CARVALHO
EDITOR

158, Rua da Prata, 160

LISBOA

- Cartilha da Doutrina Christã**, contendo toda a doutrina e orações precisas ao ensino dos meninos e meninas; orações para a Missa, Confissão e Comunhão; modo de ajudar á missa, etc., composta por A. J. de Mesquita Pimentel, *abbade de Salamonde*. 1 vol. enc. 120
- A educação civica** na escola primaria. Fasciculo em harmonia com os programmas do ensino official, por Luis Derouet 100
- Elementos de grammatica franceza**, por José Bénoliel 200
- Manual Encyclopedico**, para uso das escolas de instrucção primaria, por Emilio Achilles Monteverde. 14.^a edição, revista, consideravelmente melhorada, augmentada com mappas geographicos e muitas figuras intercaladas no texto. 1 vol. enc. 900
- Mimo á infancia** ou manual de historia sagrada para uso das crianças que frequentam as aulas tanto em Portugal como no Brazil, por Emilio Achilles Monteverde. 3.^a edição. 1 vol. enc. 600
- Problemas** para as aulas de instrucção primaria (2.^a, 3.^a e 4.^a classes) por Manuel Joaquim da Costa 150
- Synopses grammaticaes** e lições da lingua franceza, por Alfredo Julio de Brito. 1 vol. cart. 300



702800

LIVRARIA CENTRAL
DE
GOMES DE CARVALHO
EDITOR

158, Rua da Prata, 160
LISBOA

- Cartilha da Doutrina Christã**, contendo toda a doutrina e orações precisas ao ensino dos meninos e meninas; orações para a Missa, Confissão e Comunhão; modo de ajudar á missa, etc., composta por A. J. de Mesquita Pimentel, *abade de Salamonde*. 4 vol. enc. 120
- A educação civica na escola primaria**. Fascículo em harmonia com os programmas do ensino official, por Luis Derouet 100
- Elementos de grammatica franceza**, por José Benoliel 200
- Manual Encyclopedico**, para uso das escolas de instrucção primaria, por Emilio Achilles Monteverde. 11.^a edição, revista, consideravelmente melhorada, augmentada com mappas geographicos e muitas figuras intercaladas no texto. 4 vol. enc. 900
- Mimo á infancia** ou manual de historia sagrada para uso das crianças que frequentam as aulas tanto em Portugal como no Brazil, por Emilio Achilles Monteverde. 3.^a edição. 4 vol. enc. 600
- Problemas** para as aulas de instrucção primaria (2.^a, 3.^a e 4.^a classes) por Manuel Joaquim da Costa 150
- Synopses grammaticaes e lições da lingua franceza**, por Alfredo Julio de Brito. 1 vol. cart. 300

F02800





